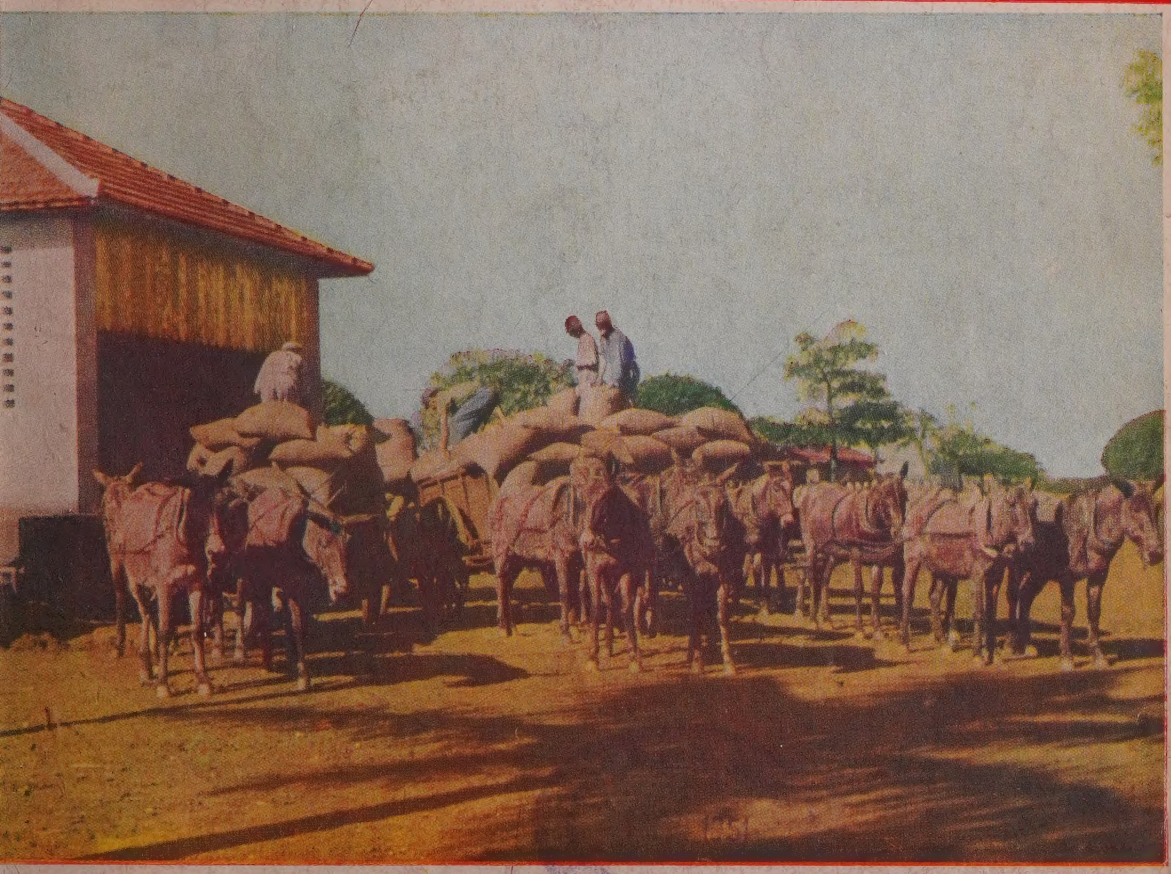
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL



ANO XXV • DEZEMBRO DE 1950 • N.º 286

MENOR CUSTO MAIS RENDIMENTO

TORRADOR A AR QUENTE

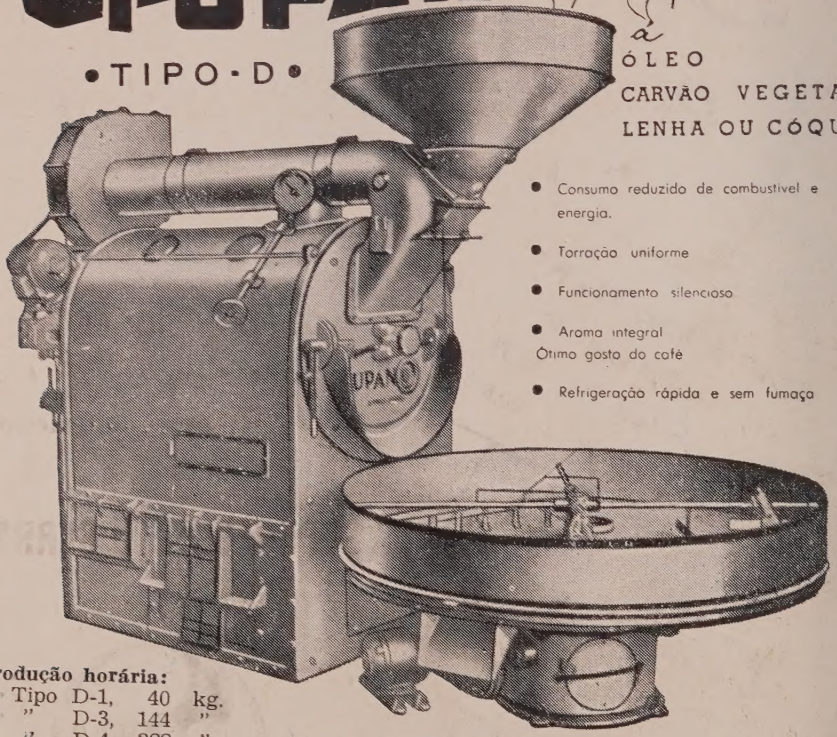
(Torração rapida e uniforme)

TUPAN

•TIPO-D•

à

ÓLEO
CARVÃO VEGETAL
LENHA OU CÓQUE



- Consumo reduzido de combustivel e energia.
- Torração uniforme
- Funcionamento silencioso
- Aroma integral
  Ótimo gosto do café
- Refrigeração rápida e sem fumaça

Produção horária:

Tipo	D-1,	40	kg.
"	D-3,	144	"
"	D-4,	288	"
"	D-5,	540	"

ESTABELECIMENTO MECANICO S PAULO — TUPAN BRASIL

ESCRITORIO E SEÇÃO DE VENDAS
RUA DA MOÓCA N.º 2044
PRÉDIO PRÓPRIO
TELEFONE. 9-4096

End Telegr "MOTUPAN"
SÃO PAULO — Brasil

FABRICA
PRÉDIO PRÓPRIO
RUA PADRE RAPOSO N.º 377
TELEFONE. 9-7734

(p)

SUPERFOSFATO
DE ALTA QUALIDADE!

ANÁLISE N. 91305 DO I.P.T.

Fósforo em P_2O_5 total . 22,7%
Solúvel em água 19,5%
Água mais citrato . . . 20,8%

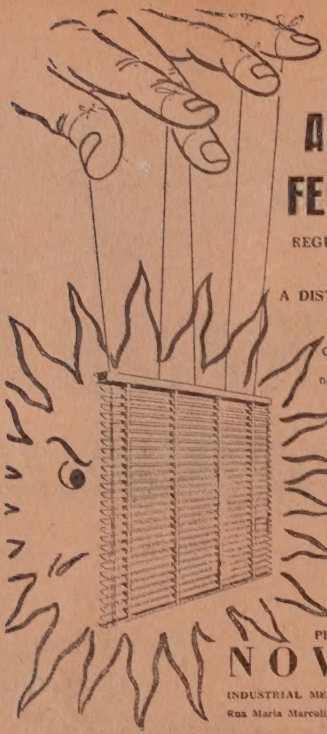
Sòmente o fosfato nacional de Jacupiranga permite a excecional concentração deste ótimo produto.

Quase todos os
"ADUBOS SERRANA",
iustamente preferidos
pelos lavradores brasileiros,
são elaborados com

SUPERFOSFATO SERRANA

SERRANA
S.A. DE MINERAÇÃO

RUA SÃO BENTO, 308 — TEL. 3-7117
CX. POSTAL 80-B - END. TEL. "SERRANA"
SÃO PAULO



ABRE SOL
FECHA SOL

REGULE, COM AS SUAS
PRÓPRIAS MÃOS
A DISTRIBUIÇÃO DE LUZ

Com as Persianas Novitas, no lar e no escritório, você terá a possibilidade de, dirigir com exatidão a luz solar. As Persianas Novitas, em côres suaves e atraentes oferecem o máximo de confôrto, sendo fáceis de manejar.

PERSIANAS
NOVITAS
INDUSTRIAL MECÂNICA NOVITAS LTDA.
Rua Maria Marcolina, 415 Tels. 9-5546 e 9-3787

REPRESENTANTES NO DISTRITO FEDERAL E NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS.

BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS, S. A.

(CARTA PATENTE nº 1.469 — FUNDADO EM 1925)

SEDE: **BELO HORIZONTE — Rua dos Carijós, 237 — Caixa Postal, 144**

FILIAIS: **Rio de Janeiro** — Rua Buenos Aires, 90 — Caixa Postal, 1679 — **São Paulo** — Rua Bôa Vista, 175/179 — Caixa Postal, 5766 — **Porto Alegre** — Rua Vigário José Inácio, 307 — Caixa Postal, 1318. 132 departamentos nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Esp. Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Goiaz, Paraná, Minas Gerais, Distr. Federal e Rio Gr. doSul.

RESUMO DO BALANCETE EM 31 DE OUTUBRO DE 1950

ATIVO

CAIXA	337.567.019,00
EMPRÉSTIMOS	1.854.631.605,40
AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES	849.848.950,30
OUTRAS CONTAS	267.449.024,80
CONTAS DE COMPENSAÇÃO	2.660.418.688,90
SOMA	5.969.915.288,40

PASSIVO

CAPITAL E RESERVAS	151.000.000,00
DEPÓSITOS	2.105.036.345,20
AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES	910.965.724,10
OUTRAS CONTAS	142.494.530,20
CONTAS DE COMPENSAÇÃO	2.660.418.688,90
SOMA	5.969.915.288,40

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXV | DEZEMBRO DE 1950 | Número 286

Sumário

COLABORAÇÃO:

A África e o Café. — J. Testa.

Observações em torno do combate à geada nos Estados Unidos da América do Norte e sua adaptação aos nossos cafèzais — Fabio Pazzanese.

Colheita de Café mecanizada.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

"Breves Noções sôbre adubação Química" — Notícias sôbre duas pragas do Café — O café visto nos Estados Unidos (cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York).

ESTATISTICAS.

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS

CÂMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS

TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL

*

MATRIZ:

PRAÇA ANTONIO PRADO, 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

*

65 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)

*

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES

RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

(*)

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

não abandone
o resultado de
um longo e
árduo trabalho!
MANTENHA-O,
consultando
MANAH S.A.

Comércio e Indústria
de Adubos e Rações

Rua Líbero Badaró, 306 — Tel. 3-2293
Caixa Postal 6348 — São Paulo

ACAR propaganda 4-132

JOÃO DIERBERGER FUNDADOR 1893

POLVILHADEIRAS
PULVERIZADORES

ARSENIATO DE CHUMBO
SULFATO DE COBRE — ARSÊNICO — VERDE PARIS
E TODOS OS INSETICIDAS E FUNGICIDAS

Mantém ainda secções de:
SEMENTES DE HORTALIÇAS, FLÔRES, FLORESTAIS ETC.
FERRAMENTAS E APETRECHOS
ARTIGOS APÍCOLAS, ETC.

peçam CATÁLOGOS GRATIS à
Secção 10 de

Dierberger Agro-Comercial Ltda.

Rua Libero Badaró, 499/501 — Caixa Postal 458 — São Paulo

(3/3/a)

A ÁFRICA E O CAFÉ

J. TESTA
(Chefe da Estatística e Publicidade da Superintendência do Café)

Escrevendo sôbre a ameaça que à nossa cafeicultura representa o desenvolvimento da cultura cafeeira na África, diziamos, em dezembro do ano findo:

> "Nesse caso, como em tantos outros, a verdade está no meio: a ameaça dos cafèzais africanos não é tão impressionante como alguns querem fazer crer, mas, por outro lado, não se deve esperar resolvê-la apenas com meros protestos diplomáticos ou jornalísticos.
>
> A primeira providência que se tomou sôbre o assunto parece-nos muito acertada: o envio de uma comissão de técnicos à África, afim de verificar o que se está fazendo ou pretende fazer, as condições de meio físico, de solo, de mão de obra, possibilidade de mecanização, facilidades de embarque, etc. Só depois disso estaremos capacitados a concluir até onde poderá ir o perigo dos cafèzais africanos, e qual a ameaça que poderão êles constituir ao nosso grande produto. Poderia até acontecer (supomos todavia que não) encontrassem êles não muito grandes áreas de terras inteiramente adequadas à exploração da cafeicultura em bases de concorrência com o Brasil. Nesse caso, **tollitur questio**, a questão teria sido retirada de nossas cogitações ou teria, pelo menos, perdido sua gravidade.
>
> No caso, porém, de que os modernos processos de saneamento e de mecanização pudessem vencer as adversas condições do continente africano, então, dentro de alguns anos, a produção africana poderia crescer substancialmente e ser, talvez, uma séria competidora nossa nos mercados mundiais, se até lá os nossos preços de custeio estivessem ainda elevados como agora."

Pois bem: aquêles técnicos, enviados pelo govêrno do Estado à África, chegaram a uma conclusão melhor do que poderíamos esperar, e que nem ousáramos adotar, em definitivo, naquêle nosso trabalho, pois ali dizíamos: "Poderia até acontecer (supomos todavia que não) encontrassem êles não muito grandes áreas de terra inteiramente adequadas à exploração da cafeicultura em bases de concorrência com o Brasil."

Foi isso exatamente o que aconteceu e, mais: com circunstâncias agravantes.

Não ousariamos esperar tanto. Por mais que a gente estude e se informe, há sempre o que aprender. Morre-se estudando e aprendendo. A impressão que se tinha da África era a de um continente bravio e fertilíssimo, com imensas florestas, imensos rios, flora e fauna riquíssimas, grandes áreas deshabitadas, dadas a grande superfície e a pequena população (30.000.000 de k^2 e 180.000.000 de habitantes = 6 habitantes por k^2). É bem verdade que cêrca de um terço dessa superfície

total é constituida de desertos ou semi-desertos, mas estimava-se que o restante era relativamente aproveitável, se não integralmente constituido de terra arável e fértil.

Os nossos técnicos enviados à África, pessoas competentes e observadoras, às quais foram concedidas todas as facilidades de trânsito e puderam correr detalhadamente o continente negro, voltaram com a impressão de que, pelo menos em matéria de café, o progresso que ali se fez, e que é grande, não poderá prosseguir indefinidamente. Muito ao contrário, êle está com limites à vista, principalmente para o café **árabica.**

As terras apropriadas à cultura cafeeira, à cultura do **árabica** especialmente, não são muito abundantes na África. As manchas de terras férteis, altas e bem irrigadas são relativamente escassas. E, nessas se adensa a população indígena, impossibilitada de viver nas zonas de deserto ou semi-áridas, mais numerosas do que se supõe.

Dessa concentração de povos indígenas em áreas limitadas resulta que essas zonas sòmente com dificuldade podem prover à alimentação de todos os seus habitantes. Daí o fato de que essas regiões são ocupadas, principalmente, com a agricultura de subsistência, pouco espaço restando para a cafeicultura.

Em segundo lugar, a quantidade de pragas e moléstias é incalculável, na África. O café está sujeito a muitas delas, principalmente se cultivado em regiões não inteiramente adequadas.

Depois, cabe notar que a falta de água é, na África, um fenômeno muito mais sério do que se supõe. Dela não são privados apenas o Sahara, com as zonas adjacentes do Sudão, do Egito, da Líbia, da Argélia e de Marrocos, e nem sòmente o deserto de Kalahari, ao norte da União Sul Africana. Muitas outras regiões a têm escassa, no subsolo e na atmosfera.

Acresce que o braço indígena é tardo, inhábil e, mesmo assim, insuficiente, pois não há outro e existe verdadeira corrida, entre distritos vizinhos ou mesmo entre colônias próximas, no sentido de o obter.

Por último, existe um óbice constante, sério, e até agora insuperável, constituido pela mosca tsé-tsé, a transmissora da moléstia do sono. Devido às imensas áreas por ela ocupadas, à forma de vegetação que as reveste e outras causas, tem sido até agora impossível erradiçá-la, mesmo com os processos mais modernos, de que agora dispõe a técnica.

Todos êsses motivos têm impedido, de um modo geral, o progresso da África. E especialmente com relação ao café, todos êles têm ação direta e fortemente negativa.

* *
*

Essas são, de um modo geral, e em ligeira síntese, as impressões da comissão de técnicos paulistas que para lá se dirigiu, enviada pelo nosso govêrno, conforme pudemos colher diretamente e por meio do que tem sido divulgado pela imprensa. Podemos adiantar, todavia, aos leitores dêste Boletim, que um dos componentes daquela missão, o engenheiro-agrônomo Otávio Teixeira Mendes Sobrinho, escreverá, especialmente para estas páginas, uma série de artigos em que focalizará todos os aspectos da cafeicultura na África, e dos problemas a ela adstritos, com minuciosidade e proficiência. Dêsses artigos faremos, posteriormente, uma separata, pondo, assim, à disposição dos cafeicultores e dos estudiosos das nossas questões econômicas, um documentário atualizado do que seja o continente negro relativamente a êsse assunto.

A título informativo, damos abaixo o que têm sido as exportações africanas de café, desde 1914 até o presente, publicando também os dados referentes às importações de café pela Europa, principal mercado para a rubiácea exportada pela África.

EXPORTAÇÕES DE CAFÉ PELA ÁFRICA E IMPORTAÇÕES PELA EUROPA

(Em sacas de 60 quilos)

ANOS	Exportação de café pela África	Importações de café pela Europa
1914	291 429	7 036 607
1915	366 182	6 800 231
1916	309 056	7 094 687
1917	447 338	5 238 070
1918	350 544	4 235 279
1919	428 528	8 169 383
1920	429 019	7 328 906
1921	447 042	9 114 611
1922	627 842	8 696 870
1923	444 903	8 450 104
1924	710 100	8 872 327
1925	767 216	9 099 195
1926	710 552	9 188 177
1927	868 717	10 076 324
1928	904 518	10 187 859
1929	798 868	10 521 742
1930	1 100 802	12 152 405
1931	1 200 747	12 677 250
1932	1 198 377	11 421 920
1933	1 367 803	11 291 884
1934	1 533 039	11 261 927
1935	1 772 859	11 580 934
1936	2 146 598	11 240 702
1937	2 131 696	11 397 821
1938	2 567 345	12 492 801
1939	2 382 169	9 225 884
1940	1 421 655	3 242 193
1941	954 416	648 150
1942	735 085	540 856
1943	604 896	850 931
1944	—	1 012 813
1945	—	1 926 522
1946	—	3 766 237
1947	—	6 854 698
1948	—	7 178 098
1949	—	—

OBSERVAÇÕES EM TORNO DO COMBATE Á GEADA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE E SUA ADAPTAÇÃO AOS NOSSOS CAFÉZAIS

FÁBIO PAZZANESE
Eng. Agrônomo

INTRODUÇÃO

Saindo o café do período de depressão econômica em que vinha mergulhado há cêrca de 20 anos, com a obtenção de melhores preços, procuram os fazendeiros, àvidamente, novas terras onde possam plantar mais rendosamente a rubiácea.

A crise determinou um decréscimo de cêrca de 60% no número de cafeeiros, e os restantes 40% que conseguiram sobreviver estão em terras cansadas, que não tiveram os devidos tratos e fertilizantes e cuja recuperação, posto que possível atualmente, é muito dispendiosa e só parcialmente obtida.

Entre os Estados mais propícios às novas lavouras cafeeiras até o presente momento, destaca-se o Paraná.

O Norte do Estado do Paraná, com a sua fertilíssima faixa constituida quasi que sòmente de terras roxas, é ideal para a cultura do cafeeiro, cujo rendimento nada fica devendo às primitivas produções das manchas de terra de idêntica qualidade no Estado de S. Paulo. Trata-se, porém, de uma região que, ou por ainda possuir florestas extensas ou por estar um pouco mais ao Sul, está sujeita ao fenômeno periódico da geada.

A geada é fenômeno metereológico de intensidade relativamente pequena — no Norte do Paraná e Sul de S. Paulo, mas de efeitos verdadeiramente terríveis sôbre as lavouras dessa zona e, particularmente sôbre o café. Embora não tendo impedido o desenvolvimento dessas regiões, retardou-o e impossibilitou um melhor aproveitamento das baixadas e vales. E, cada vez que ocorre a geada, há prejuízos de tal ordem, que os milhões de cruzeiros perdidos não exprimem sua verdadeira extensão e profundidade.

Todavia, apesar do Estado de S. Paulo e agora também as novas zonas mais para o Sul muito terem sofrido com a geada, nunca se cogitou de estudar êsse grande e nefasto problema na tentativa de dominá-lo, tendo havido sòmente o esfôrço de um pequeno grupo corajoso que experimentou as bombas de fumaça.

É desnecessário relembrar aquí os danos morais e materiais da geada, pois todo agricultor paulista e paranaense, se não a sofreu diretamente, pelo menos a presenciou em mais de uma oportunidade.

Na falta de estatísticas regionais, podemos, no entanto, afirmar que, nessas regiões, cada 2 ou 3 anos há um prejuízo de cêrca de 20% na produção, e cada 8 ou 10 anos, a perda é quasi total. Fazendas há,

conhecidas vítimas das geadas de 42, 43 e 47 e que sòmente agora, em 1950, terão safras compensadoras.

Ao lado dêsse aspeto econômico, devemos considerar também o lado moral e mesmo humano do problema. Nas pequenas fazendas, formadas à custa de tantas privações e dificuldades por parte de seus proprietários, essa questão pode ser resolvida com relativa facilidade, conforme veremos mais adiante.

É impossível ficarmos indiferentes ao problema, deixando de levar aos nossos lavradores as luzes que permitam a defesa de seu patrimônio. Não será fora de propósito que amanhã, o sitiante ou fazendeiro aproveite melhor as baixadas, cuja fertilidade compensará fartamente um ganho de cêrca de 50% da área que possue.

Poderemos, assim, fazer o que se faz na grande nação do Norte, Estados Unidos da América, onde se tem estudado e posto em prática, há mais de 50 anos, meios diversos de combater a geada e onde ela é, efetivamente, combatida, apesar de sua grande intensidade e duração, pois, em certas zonas, a geada chega a durar 10 horas numa mesma noite e aparece, em média, 10 noites por ano.

Foi com os olhos voltados para êsse grande problema da geada que nos lembramos de estudá-lo, colhendo sobretudo a experiência dos norte-americanos, aplicando e adaptando ao nosso meio os vários sistemas empregados. Trabalho árduo e dispendioso, pois, nossa ignorância sôbre o assunto é bem grande, bastando lembrar que desconhecemos as temperaturas mínimas das baixadas e espigões, o seu tempo de duração e até a resistência dos pés de café, em suas várias idades, em relação ao frio.

Considerando este magno problema e conhecendo a possibilidade de dominá-lo, um grupo constituido pelos Dr. Gastão Vidigal, Dr. Gastão de Mesquita Filho e Dr. Hermann de Morais Barros representando a Cia. de Terras Norte do Paraná, Prof. Benedito Montenegro, Sr. Genuino Vianna, Dr. Manoel Junqueira de Oliveira e Dr. Dante Pazzanese, resolveu enviar-nos aos Estados Unidos, para que, observando e estudando "in loco" e adaptando esses conhecimentos ao nosso meio, pudessemos traçar um plano e dar início efetivo a estudos teóricos-práticos no Norte do Paraná, durante este inverno, colhendo assim o maior número possível de dados e empregando os processos compatíveis com nossas condições econômicas, topográficas e climáticas.

Honrados por nos ter sido confiada essa missão, vimos apresentar no presente relatório, os resultados colhidos durante a nossa viagem à América do Norte, onde tivemos a oportunidade de conviver com grandes autoridades no assunto e visitar um sem número de propriedades protegidas contra a geada.

Oportunamente, apresentaremos os resultados de nossos trabalhos no Norte do Paraná, onde o mesmo grupo nos proporcionou a oportunidade de aplicar os métodos de combate à geada usados na América do Norte, na defesa dêsse grande patrimônio nacional, que é a lavoura cafeeira.

O FENÔMENO DA GEADA

Afim de tornar mais compreensível a nossa exposição sôbre o combate à geada nos Estados Unidos, resumiremos aquí algumas noções sôbre certos fenômenos metereológicos que concorrem para a formação da geada ou determinam o seu aparecimento.

A Terra, como todos os corpos, perde ou ganha calôr por IRRADIAÇÃO, por CONDUÇÃO e por CONVECÇÃO;

Irradiação é a transmissão do calôr através o espaço; condução e a troca de calor entre diferentes partes de um mesmo corpo; convecção é a troca de camadas. das contíguas de ar em movimento contínuo de subida e descida.

Em todas as três formas de transmissão de calôr, a temperatura da parte que cede o calôr e da parte que o recebe tendem a se igualar.

A terra absorve calôr do sol por irradiação. Por condução, parte dêsse calôr fixa-se, durante certo tempo, ao solo até a profundidade de cêrca de três pés. À noite, êsse calôr passa, por irradiação, para a camada de ar mais próxima, e por convecção, sobe e cedendo lugar a camadas superiores mais frias.

Este ar aquecido que se eleva forma uma camada cuja largura é variável, constituindo o que se chama **TETO.** O nível superior do teto é o PONTO DE INVERSÃO.

A queda da temperatura pode dar-se de duas maneiras. A 1.ª, pelo deslocamento de massas de ar gelado que vem dos polos — Norte para os Estados Unidos e Sul para o Brasil. A 2.ª, pelos resfriamentos intensos regionais motivados pela perda de calôr da terra, por irradiação.

Segundo Floyd Young, que tem estudado profundamente êsses fenômenos metereológicos, a 1.ª determina o aparecimento do que se denomina "Freeze" — frio — mais intenso sem camadas mais aquecidas em níveis superiores ao solo. A 2.ª determina o aparecimento do "Frost" — frio menos intenso e havendo camadas de ar mais quentes, à medida que se elevam do solo, até um certo limite que geralmente oscila entre 500-800 pés de altitude nos Estados Unidos.

No Brasil, o deslocamento de ar frio provém do Sul. Quando se anunciam — ondas de frio na República Argentina, geralmente temôlas 3-4 dias após no Norte do Paraná e em S. Paulo. Este ar frio chega menos intenso nessas regiões por ter-se aquecido ao atravessar a bacia do Prata e os Estados do Sul, sendo às vezes desviado para o mar, pelos ventos.

Esse aquecimento da massa fria vem do Sul é uma das causas que impedem geadas mais intensas e mais duradouras.

Quando ao teto, parece-nos que sempre existe em nossas regiões, isto é, há sempre camadas superiores de ar mais quente.

Isto se observa nas lavouras geadas onde se encontram, muitas vezes, pontos não atingidos.

Floy Young demonstra em seu trabalho "Frost and the preventing of frost damage", por meio de gráficos, que as temperaturas tomadas morro acima, em diferentes níveis, variam de acôrdo com as altitudes. No seu estudo, assinalou as temperaturas cada 2 horas, à partir das

16 horas até às 9 horas, em 4 altitudes: na base, 25 pés acima da base, 50 pés acíma da base e 225 pés acima da base.

			Base	25 pés	50 pés	225 pés
às	16	horas	64°F	64°F	64°F	64°F
"	18	"	43°F	47°F	56°F	57,5°F
"	20	"	36°F	38°F	50°F	57°F
"	22	"	31°F	37°F	50°F	56°F
"	24	"	28°F	34°F	48°F	54,5°F
"	2	"	27°F	32°F	45°F	54°F
"	4	"	26°F	31°F	49°F	54°F
"	6	"	24°F	31°F	48°F	53°F
"	8	"	29°F	35°F	49°F	52,5°F
"	9	"	50°F	50°F	55°F	55°F

Corroborando esses dados de Floyd Young, vários autores, que têm estudado o comportamento dos ventiladores, cujas torres são de 30 a 35 pés, acharam uma diferença de temperatura da base para o tôpo das mesmas ao redor de 5,5°C e, em certas ocasiões, até de 11°C.

Iniciamos nossas observações em Davis no Colégio de Agricultura da Universidade da Califórnia, onde a secção de Engenharia Agrícola tem estudado os vários processos de combate à geada, particularmente os efeitos dos ventiladores.

As pesquizas em tôrno dos resultados obtidos pelos ventiladores são orientadas por uma das maiores autoridades no assunto, F. A. Brooks, Doutor em Ciências, título êste dado a um número muito limitado de cientistas na especialidade.

Os estudos de Brooks revelaram que os ventiladores são eficazes quando o teto é favorável, pois os seus efeitos se baseiam na mistura da camada de ar superior que é mais quente, com a camada inferior mais fria, em virtude de ser esta última, um fluido mais pesado.

O ventilador, como o nome indica, é uma máquina composta de uma coluna ou torre de 30-35 pés sôbre a qual está uma plataforma com um motor que aciona um molinete (hélice). Este agita o ar, provocando a mistura das duas camadas, determinando uma elevação de temperatura. Conseguem-se elevações mínimas ou razoáveis, de acôrdo com múltiplos fatores. Um desses fatores de importância na elevação da temperatura sob a ação do ventilador é a ausência de vento que é o que geralmente se dá nas nossas noites de geada. Todavia, Brooks apresenta diagramas demonstrando não só a presença de pequenos movimentos da massa de ar, com velocidade oscilando em torno de 4 Km. por hora (drift), nessas noites calmas, como também a sua grande influência nos resultados obtidos, pois, os efeitos do "drift" são muito superiores quando se trabalha a favor dele, razão por que a plataforma que suporta o ventilador deve ser giratória.

Os diagramas revelam com bastante clareza a relação entre um "drift" e a rotação da plataforma e mostram que, quando o ventilador passa a soprar no sentido do "drift", a distância atingida pela agita-

ção do ar é o dobro da atingida contra o "drift", numa proporção de cêrca de 600 para 300 pés.

Isto levou Brooks à conclusão de que a condição ideal será imprimir mais baixa velocidade à plataforma para percorrer os 180° contra o "drift" e maior velocidade nos outros 180°a favor do mesmo, num giro total de 7,2 minutos. Uma revolução não deve exceder 8 minutos, apesar da variação do "drift".

Outro fator importantíssimo na eficiência tanto dos ventiladores como dos aquecedores é a inversão da temperatura. Chama-se inversão da temperatura a passagem das camadas mais quentes para as mais frias bem superiores, (porque, após as camadas frias ao nível do solo, vem as quentes e depois progressivamente as mais frias até abaixo de zero, como comumente se dá a 5-6 milhas acima do solo).

Quanto mais elevadas as temperaturas no ponto de inversão tanto mais eficazes os resultados dos ventiladores, conforme se constatou na América do Norte. Não tivemos, porém, oportunidade de observar os seus resultados fora de terrenos planos.

Nas nossas condições topográficas e metereológicas, parece que o teto e a inversão são sumamente favoráveis porque observamos numa mesma fazenda, de um modo geral, ponto ou pontos que escapam à ação devastadora da geada.

Outra conclusão a que chegou Brooks é a de ser mais eficiente a utilização de maior número de unidades agitadoras de ar com menor potência, porque a eficiência não é bem proporcional à potência e evita-se a grande agitação das árvores próximas. Aconselha o uso de 8HP por acre ou 48 HP por alqueire. Essa determinação foi para terrenos planos, cabendo-nos estudá-la nos terrenos acidentados, onde talvez a drenagem maior de ar seja um elemento favorecedor, exigindo menor número de HP ou cobertura de área maior.

Aconselhou-nos Brooks a colocar ventiladores no alto do espigão, com o eixo do molinete voltado ligeiramente para baixo num ângulo de 4° a 7° com a superfície do solo.

Se os lados do espigão forem largos contendo cultura em toda a sua largura, colocar-se-ão mais ventiladores a meia distância do vale ao espigão, obedecendo sempre ao mesmo critério. E, para que a experiência se cerque ainda de maior garantia, é necessário a conjugação dos ventiladores com pequeno número de fogareiros a carvão ou fogueiras que não excederão a 70 por alqueire.

Nos pomares da Califórnia, colocam-se entre dois ventiladores, uma ou duas filas de fogareiros porque, na faixa onde se processa o encontro das duas ondas de ar, a elevação de temperatura é sempre menor.

Os motores atualmente utilizados nos ventiladores são os de caminhão ou de automóvel, com potência de 100 a 110 cavalos. O molinete tem um passo adequado para o fim a que se destina e o seu comprimento é muito grande: para um motor de 110 HP, o molinete precisa ter 3m60 de comprimento. O resfriamento do motor é a água por meio de radiador, e uma única bateria serve para os dois motores de uma torre. Sempre se colocam 2 motores numa mesma torre, por questão meramente econômica.

A torre deve ter, pelo menos, 10 metros de altura, com uma escada

de acesso muito simples. Não deve oscilar e é nela, logo abaixo da plataforma que fica o tanque de combustível, estando o painel de contrôle na sua base, para maior comodidade. A plataforma terá apenas o espaço necessário para se lidar no motor.

Atacam-se, em 1.º lugar, as áreas cujas temperaturas vão atingindo o ponto perigoso. Liga-se o ventilador, e como o ar assopra do espigão abaixo não deve encontrar obstáculos, ligam-se, nas inclinações extensas, outros ventiladores com o fim de auxiliar o 1.º a lançar o ar vale abaixo. No fundo do vale, visando a aceleração da drenagem natural do ar, pode-se colocar um ventilador descrevendo sòmente um semicírculo na direção do vale, de modo que o ar corra no mesmo sentido em que correria um córrego, isto é, acompanhando o declive existente.

Segundo Brooks, é necessário, para o caso da lavoura a meia encosta, que se proteja a parte mais elevada com um muro de vegetação, afim de se impedir a drenagem do ar frio das áreas contíguas não defendidas, naturalmente mais altas e mais frias, e cujo ar tem tendência a descer para os níveis inferiores. Principalmente no caso de, nessas áreas contíguas, existir grama ou capim que favorecem o resfriamento rápido, pois a terra despida de qualquer vegetação, é sempre a mais quente.

Observações muito interessantes foram levadas a efeito por R. S. T. Small do "Weather Bureau" de Pomona, Califórnia. Êsse "Weather Bureau" abrange a região Sul da Califórnia e tem como campo de experimentação para seus estudos sôbre combate à geada, todos os pomares que julgar interessante bem como as Estações Experimentais Federais, além de manter íntimo contacto com as Universidades e suas Estações Experimentais.

Essa colaboração íntima e assídua trás como resultado a ausência absoluta de dispersão de trabalho e, por conseguinte, um ataque não só a todas as faces dos problemas cujas soluções ainda não são ideais, bem como aos inúmeros obstáculos ainda existentes.

R. T. Small, utilizando-se dêsse sistema de colaboração, procurou verificar até onde vai a eficiência dos ventiladores, o custo dessa defesa e as condições metereológicas ideais para tal sistema. Condensou suas observações em um boletim intitulado "An investigation of the influence of wind-machines on orchard in minimum temperatures". Ele estudou o trabalho dos ventiladores em 2 torres de 12 metros com 2 motores cada, em várias noites, tendo obtido termogramas em noites de inversão forte e em noites de inversão fraca. Testou a temperatura em 9 postos distribuidos ao redor dos 2 ventiladores que distavam entre si 500 pés. Os pontos foram situados a distâncias várias levando em conta o "drift".

As temperaturas testadas na noite de 8 para 9 de dezembro de 1945, foram de 5,8ºC no tope e 1,4ºC abaixo do 0 na base da torre, havendo uma inversão moderadamente forte, de 7,2ºC. Essa noite de geada era semelhante à nossa, clara, calma, tendo o dia sido relativamente quente, com temperatura máxima de 20ºC, atingindo 2ºC às 5 horas e 30 minutos da manhã, quando foram ligados os ventiladores. A temperatura imediatamente começou a subir, e, em um dos postos onde a temperatura foi a mais baixa (2ºC abaixo de 0), ultrapassou, em 1 hora, 0ºC, continuando a subir.

Por outro lado, em uma noite de inversão fraca, não se conseguiu atingir 0°C com o uso dos ventiladores, tendo sido necessário o auxílio dos fogareiros.

Em Corona, Calif., avistamo-nos com Henry A. Hoeger, chefe da parte agrícola da "Corona Foothill Lemon Co.". Essa Companhia possue 3 torres com ventiladores colocados sòmente nos pontos mais baixos, que eram distantes um do outro, cada torre protegendo uma área de 3,3 alqueires. Foram eficientes com o auxílio de 48 fogareiros a óleo por alqueire no inverno de 1949, com exceção de 2 noites de temperatura de 3,3° a 2,77°C abaixo de 0, nas quais o teto era muito alto, não permitindo o emprêgo dêsses ventiladores. Cada torre está equipada com motores de 110 HP que acionam hélices metálicas de 12 pés.

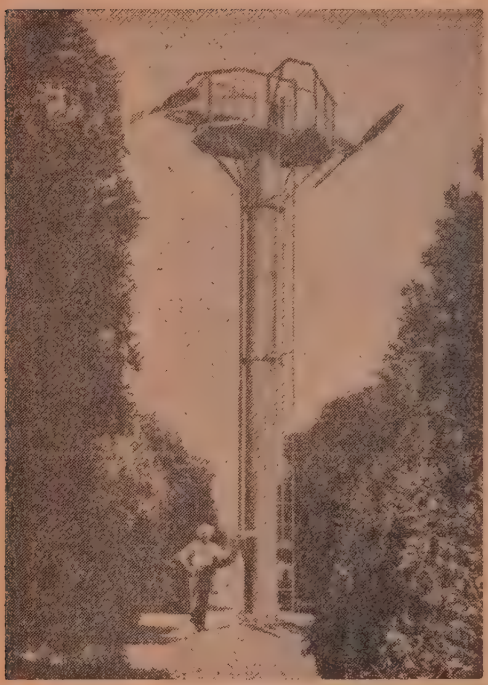
A "National Frost Protection Co." fábrica de ventiladores da Califórnia, proporcionou-nos uma excursão de 200 milhas ao Sul de Los Ângeles, dando-nos a oportunidade de verificar, nas fazendas, o número muito elevado de ventiladores de todos os tipos, desde os elétricos até os Diesel, empregados na proteção de diversas plantas frutíferas.

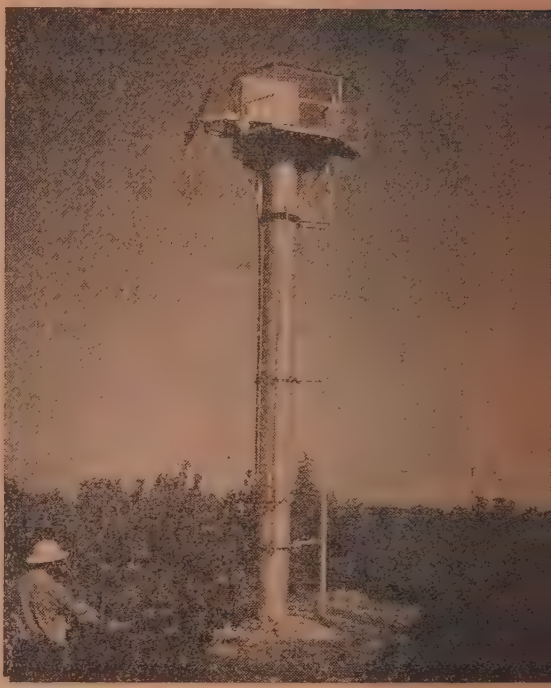
Toda a região percorrida é plana ou com ligeiras inclinações tendo raríssimos exceções de pequenas bacias pouco profundos, em 2 das quais vimos instalados ventiladores. Nas áreas ligeiramente inclinadas e onde havia defesa por ventiladores, costumam formar uma parede vegetal elevada, constituida de eucaliptus e pinheirinhos, impedindo a drenagem do ar. Essa parede tem a forma de **U**, ficando a base colocada na parte mais baixa do declive. Isto porque, na associação do ventilador com o fogareiro, a defesa é, sem dúvida, mais eficaz quando existe essa espécie de represamento.

Em alguns pomares, além dessas 3 paredes, há uma quarta, perpendicular ao meio da base **U**, no rumo do ventilador e conservando uma abertura razoável para êste, e cortando assim o campo de ação em 2 partes iguais, o que aumenta ainda mais a eficiência.

Aceitando uma sugestão de Brooks fomos a Chicago, cidade a 80 milhas ao norte de Davis, visitar o inventor de uma nova máquina baseada na inteligente idéia de associar o calôr diretamente ao ventilador em um aparelho móvel, o que é muito interessante para nós, porque, segundo ele, poderemos utilizá-lo nos carreadores. O Sr. Neuendorfer, inventor e construtor do aparelho e que conta com a orientação e aprovação de Brooks, frizou-se que suas experiências ainda estão em começo.

Trata-se de um aparelho para injetar ar quente na lavoura. Para isso, construiu duas hélices (tipo assoprador) acionadas por um motor Wiscosin de 31 HP, com 4 cilindros e resfriado a ar. Cada hélice tem 4 pés de 80 cm. de diâmetro e é construida para 1.000 rotações por minuto. A transmissão é feita por meio de correias em V. A outra parte do aparelho é constituida por um cilindro de aço que fica por baixo do motor, entre as 2 hélices, ocupando toda a largura do reboque e contendo propano na forma líquida, para maior capacidade de armazenamento (100 galões). Acima do cilindro e ao lado do motor, estão as tubulações que vão transformar o propano líquido em gás que é queimado em um maçarico, a uma temperatura elevadíssima. Este grande





Equipamento para combate à geada com motores usados de automóveis velhos, com 100 HP cada um e que darão para defender, mais ou menos, 6 alqueires de cafèzais, ficando seu custo, em Cr$ 30.000,00. A torre pode ser feita com aproveitamento de uma árvore grande para maior econômia.

Um dos fogareiros a lenha, usados para combate à geada.

maçarico injeta o fogo numa chapa cônica que se aquece ao rubro. O eixo imaginário dessa chapa cônica fica no prolongamento do eixo da hélice e afastado dela 20-30 cm. Liga-se primeiro o motor, depois acende-se o maçarico. A máquina é montada sôbre duas rodas de automóvel e deve percorrer, em média, 3 milhas por hora.

A grande vantagem apontada pelo inventor é a mobilidade, pois permite procurar as partes mais baixas que são, naturalmente, as mais frias.

Expostas as observações sôbre ventiladores, passaremos agora ao estudo dos fogareiros, cujo uso nos Estados Unidos, é mais difundido.

Começaremos pelas informações obtidas de R. H. Kepner, da Seção de Engenharia Agrícola e que trabalha em íntima colaboração com Brooks, tendo estudado os efeitos dos fogareiros, escrevendo um interessante trabalho "Operation on Orchard Heaters" editado pela Universidade da Califórnia e lançado em outubro de 1940. Trata-se de um meticuloso estudo sôbre as vantagens e desvantagens dos diversos tipos de fogareiros usados na Califórnia.

O capítulo que nos interessa é o referente ao fogareiro a carvão coque, pois, podemos comparar perfeitamente esse combustível sólido com o carvão vegetal, embora seja este mais pobre em calorias. Kepner não analisa o trabalho do fogareiro a lenha e nem o recomenda, por julgar o fogareiro a carvão tão eficaz como os demais. É só uma questão de compensar a inferioridade em calorias com o tamanho do fogareiro ou com o rítmo de queima.

Consultado sôbre quantos fogareiros se acendem primeiro, numa lavoura com temperatura igual em todos os pontos, respondeu-nos que pode-se começar acendendo 120 alqueire e, por uma observação cuidadosa dos termômetros, se verá a necessidade de acender mais. Podemos acrescentar que não se deve nunca esquecer o gráu de eficiência da turma de operários de que se dispõe.

É Diretor do "Weather Bureau" com séde em Pomona, Califôrnia, onde nos avistamos com R. T. Small já citado no estudo dos ventiladores, Floyd D. Young, que é a maior autoridade nos estudos da influência da Metereologia na Agricultura. Suas observações e trabalhos para a proteção da agricultura contra os efeitos de clima datam de mais de 30 anos.

Disse-nos, pessoalmente, que não acha interessante o ventilador para o fazendeiro que já possua fogareiros, porque é uma despesa muito grande para um processo que não é 100% garantido. Também não é interessante para os que, como nós, ainda não possuem nenhum meio de combate, porque empata capital num processo inseguro e que necessita sempre do auxílio de fogareiros, cujo número deve ser calculado como se não existisse o ventilador. É o que ocorre algumas vezes nos Estados Unidos quando há ausência absoluta de teto, caso em que os ventiladores são absolutamente inúteis.

Baseados em observações de grande número de fazendeiros, dos mais diversos pontos de S. Paulo e Norte do Paraná, parece-nos que sempre há teto, na maioria das terras que foram atingidas pela geada. Além

disso, mesmo nas lavouras que foram totalmente atingidas, as temperaturas não ultrapassaram 2° a 2,5°C abaixo de 0, segundo o testemunho de muitas pessôas idôneas.

Floyd Young afirmou-nos que teremos absoluto sucesso com fogareiros a carvão vegetal. Para isto, recomendou-nos observar certos pontos como: o tamanho do fogareiro deve ser maior do que o utilizado com coque, isto é, de 12 a 14 polegadas de diâmetro por 3 pés de altura; o rítmo de queima deve ser mais rápido, de modo a fornecer bastante calôr no caso de ser necessário o uso por tempo longo, apela-se para a recarga. Deve-se acender ao topo, colocando antes pequenos pedaços de madeira para auxiliar a ignição.

Usam-se acendedores. O acendedor se assemelha a um irrigador com a extremidade do bico achatada e subdividida em dois orifícios, um para a mecha de amianto relativamente longa, de 7 cm. ficando 1 cm. fora e o outro, bem pequeno, para a saída do líquido que, ao passar pela mecha acêsa, se inflama. Um tubo fino de metal sai de dentro do irrigador, acompanha a curvatura do cabo e termina por uma extremidade livre na parte inferior, de modo a permitir a entrada de ar no irrigador quando este é virado afim de derramar o conteudo. Entre o corpo do irrigador e o bico, que se insere por meio de rosca, há uma tela muito fina que impede a passagem dos gazes inflamados para dentro do irrigador, evitando, dêsse modo, explosões desastrosas. Floyd Young aconselha usar-se como combustível nesse irrigador, uma mistura de 50% de gasolina e 50% de querosêne.

Quanto ao número de fogareiros, Young aconselhou-nos a usar 240 fogareiros por alqueire. Depois de utilizados, êsses fogareiros deverão receber um banho de piche e ser guardados em galpões que os defendem das intempéries e que poderão ser construídos até no meio da lavoura. O número de fogareiros está sempre em função da mais baixa temperatura previsível. Sugeriu uma distribuição mais intensa a meia encosta do que no alto do espigão, por facilitar a drenagem do ar, evitando, porém, uma concentração exagerada.

Para Hoeger, da "Corona Foothill Lemon Co.", o melhor sistema é começar a acender 8 fogareiros (a óleo) por acre, e se a temperatura fora continuar caindo, acender mais 8, indo até 25 para frios mais intensos. Os fogareiros conseguem uma elevação de 2° a 4°C fàcilmente. Contou-nos que, nos talhões defendidos sòmente com fogareiros, quando a temperatura atingiu 2°C abaixo de 0, mandou acender 25 fogareiros por acre e a temperatura subiu rapidamente para 0,7°C abaixo de 0. Observou que, na defesa de áreas grandes, o número de 25 fogareiros pode ser reduzido até para 15.

Em Riverside, visitamos a Citrus Experiment Station da Universidade da Califórnia onde entramos em contato com N. M. Winslow, chefe da seção a que está subordinado todo o combate à geada e E. D. Wylie, chefe do serviço de fogareiros. Nada de novo acrescentaram ao que haviamos observado.

Foram, entretanto, muito gentis, mostrando-nos antigos fogareiros a carvão coque e dando-nos as medidas dos mesmos. É um tubo metálico de chapa 0,S, cilíndrico, sem fundo, tendo, a polegada da borda inferior, uma séria de 6 furos de 2 polegadas de diâmetro. Há também

uma reintrância, 1 polegada acima dêsses furos, destinada a segurar a grelha de ferro fundido. A altura total do tubo é de 2 pés e a distância da grelha até a borda superior é de 19 polegadas. O diâmetro do tubo é de 9,50 polegadas. Possue, para proteger o carvão das intempéries, uma tampa que se retira quando acesos os fogareiros, e é munido de uma alça para transporte e manuseio.

Apresentaram a sugestão de colocar-se, um lugar da tampa, um chapéu cônico de ângulo obtuso, com o objetivo de irradiar o calôr para baixo; aconselharam também tampar os orifícios de um modo prático, afim de se poder abrir um ou mais, regulando o rítmo de queima de acôrdo com as necessidades.

A estação experimental se utilisa de fogareiros e possue também o tipo comum de ventilador que tem servido para os acurados estudos de Brooks.

Relativamente ao aquecimento de pomares por meio de fogareiros e sobretudo de fogueiras, um campo de ricos ensinamentos vem a ser a Flórida onde tivémos a oportunidade de analisar detidamente êsse tipo de aquecimento e de ouvir as opiniões mais abalisadas possíveis. Lá, nada se faz com ventiladores, pois o frio é geralmente acompanhado de fortes ventos. O processo local mais empregado é o de pequenas fogueiras ou fogareiros usando como combustível uma variedade de pinheiro resinoso. Havendo escassês progressiva, devido ao seu largo e eficiente uso, eles vêm adotando paulatinamente os fogareiros a óleo, seguindo os mesmos métodos da Califórnia, analisados acima. O pinheiro resinoso (Fat Pine) a que nos referimos é extremamente favorável à combustão por ser muito rico em resina e, além disso, é impermeável à agua.

Segundo nos relatou pessoalmente H. O. Sterling, 1.º Assistente de A. F. Camp, Diretor da Citrus Experiment Station, em Lake Alfred, Flórida, usam-nos do seguinte modo: 400 a 600 pequenas fogueiras por alqueire, para combater temperaturas inferiores, até 9ºC abaixo de 0, e, na maioria das vezes com ventos fortes.

São fogueiras simples, com 3 ou 4 achas de 15-20 cm. de diâmetro e de mais ou menos 1 m. de comprimento, dispostas as duas primeiras achas em V com o vértice sempre voltado para o Sul (para o Norte, no nosso caso), e a 3.ª e 4.ª com uma das pontas sôbre o vértice do V.

A distribuição no pomar é nas entrelinhas e são acesas só as duas primeiras fileiras do lado Norte (na Flórida), quando não existem pontos do pomar com temperatura mais fria. De acôrdo com a queda da temperatura pode-se deixar de acender algumas fogueiras, saltando uma ou mais, e alternando sempre nas fileiras.

O número de homens necessários é de 2 por alqueire e o consumo em uma noite de 10 horas de combate é de cêrca de 32 metros cúbicos de lenha ("Data on Fuels" compiled by A. F. Camp. Citrus Experiment Station — Lake Alfred, Fla.).

Todos êsses dados foram confirmados, pessoalmente, por A. F. Camp e por Warren Johnson, Meteorologista-Chefe do "Weather Bureau" de Lakeland, Flórida.

Warren Johnson, grande autoridade no assunto, aconselhou-nos a localisar o maior número possível de pequenas fogueiras nos carreadores, reforçando mais no lado de onde vem o "drift", sendo o espaçamento entre uma e outra, de 3 metros.

Como nossas madeiras não se assemelham ao pinho resinoso que de fácil combustão mesmo após uma chuva, e como as nossas geadas são geralmente precedidas de chuva, devemos usar fogareiros a lenha, muito simples, com tampa para proteção, medindo 70 cm. de altura, 30 cm. de diâmetro na boca a 40 cm. de diâmetro na base, e providos de um orifício inferior para entrada de ar, segundo modelos experimentados por Rollo H. Dean e estudados em seu trabalho "Unique method of heating Groves with wood".

Rollo H. Dean recomenda um modelo simples que pode ser feito até na própria fazenda. Trata-se de uma chapa de metal de 70 cm. de altura e que, enrolada, se apresenta como um tudo de 40 cm. de diâmetro na base e 30 cm. de diâmetro no topo. É provido de tampa que não só serve para proteger a lenha contra a chuva, como para regular a corrente de ar ou rítmo de queima.

Aconselha ainda o uso da lenha cortada em achas de 70 cm. de comprimento, amarradas em feixes de 30 cm. de diâmetros, fàcilmente adaptáveis ao interior dêsse fogareiro, simplificando, dêsse modo, a carga e recarga. Cada feixe é constituido de 3 ou 4 achas e geralmente, além do feixe colocado dentro do fogareiro, há outros ao lado, como reserva, além de achas soltas para casos de emergência e que devem ser amontoados em cima de tijolos para não apodrecerem.

O fogareiro é aceso por baixo e o consumo de lenha é o seguinte: cêrca de 30 metros cúbicos para aquecer 1 alqueire durante 10 horas (1 noite).

Em certas localidades da América do Norte, usa-se 1 fogareiro para cada laranjeira, ou sejam, 400 fogareiros por alqueire, tendo sido combatidas, com sucesso, temperaturas de 10°C abaixo de 0.

Descrevemos, em traços gerais, os processos empregados para combater a geada.

Sem querermos alongar-nos muito em maiores detalhes, cremos ter dado uma idéia satisfatória quanto aos vários métodos de combate à geada na América do Norte. Resta-nos estudar a adaptação dêsse métodos às nossas culturas, levando em consideração sobretudo o fator econômico, pois, na parte relativa ao sucesso, o que vimos não deixa a menor dúvida de seu êxito.

Os americanos levaram anos para tirar uma conclusão que hoje está definitivamente assentada e sôbre a qual giram todos os estudos no sentido de dominar a geada. Esta conclusão é que sòmente pelo AQUECIMENTO da área atingida pelo frio se torna possível um sucesso de 100%. Gastam milhões de dólares anualmente e, tanto os cientistas, como os leigos, dedicam-se a novas pesquizas no afan de se aperfeiçoarem os métodos e torná-los menos dispendiosos e trabalhosos.

O "Weather Bureau" (Departamento do Tempo) nos Estados Unidos possue toda uma rêde de estações metereológicas que se estendem até o Alaska, permitindo a previsão do tempo com bastante antece-

dência e informando a quantos graus irá atingir a mínima temperatura. Naturalmente, em parte, isto é possível porque nas inúmeras planícies lá existentes, o comportamento do tempo é mais firme, pelo menos por algumas horas sucessivas.

A advertência é lançada diàriamente nos matutinos e vespertinos, com mapas bem elucidativos das respectivas regiões e pelo RÁDIO, diretamente do Weather Bureau, duas vezes ao dia. As médias de erro são tão insignificantes que pudemos compreender a grande confiança nele depositada pelo povo Norte-americano.

Devemos aspirar, para o Brasil, um melhor sistema oficial de previsões e informações que leve aos recessos do pequeno agricultor os dados com que ele possa, com certa antecedência, prevenir-se contra a geada. Paralelamente a este aperfeiçoamento, dever-se-ão estudar as condições regionais ligadas a esta ou aquela cultura.

Na parte que se refere ao cafeeiro, uma das mais importantes e urgentes tarefas vem a ser a determinação da resistência da planta, em suas diferentes idades, às baixas temperaturas, afim de podermos marcar com precisão o início do combate, evitando, como é óbvio, um tremendo erro para mais ou para menos na utilização das unidades de aquecimento, controlando, dêste modo, o gasto mínimo de combustível, fatôr de extraordinária importância econômica.

Escreve A. F. Camp em "Some Hints on grove heating" que a leitura constante e cuidadosa dos termômetros leva o agricultor ao momento exato de início do combate nas áreas cujas temperaturas forem atingindo o ponto perigoso, conhecido para determinada planta ou fruto.

Para nós, especialmente, a extensão e profundidade destas observações é de significação incalculável, pois estas pesquizas e conclusões nos farão evitar grandes gastos e perda de tempo.

Conservando-se a temperatura 1°C acima do ponto perigoso, põe-se a salvo uma série enorme de prejuízos. Para a laranja, cujo ponto perigoso sabe-se ser 2°C abaixo de 0, basta manter a temperatura entre 1° a 2°C abaixo de 0, para salvar a produção.

Uma vez que ignoramos qual o ponto perigoso do cafeeiro, devemos admitir por prudência como sendo 0°C, e ainda pelo mesmo motivo, como sendo muito rápida sua destruição naquela temperatura.

Para que não haja perigo de erros irremediáveis, devemos, mesmo que disponhamos de excelentes turmas, iniciar o combate antes mesmo de atingir 1°C, observando sempre o rítmo de queda.

Pelas razões acima expostas, vemos que toda a nossa atenção deverá estar voltada para os estudos preliminares e a observação da evolução metereológica durante o inverno, à custa de leituras frequentes do termômetro. Este, de construção simples, e que conserva registrada a temperatura mínima, deve ser colocado em vários pontos da lavoura (4 a 6 por alqueire), em abrigos especiais para que não sofra interferência alguma, e a uma altura de 1m50, cômoda para as leituras e a uma distância do solo necessária para acusar as variações de temperatura da superfície. A colocação dêsses termômetros é feita, se possível, em pontos que julgamos mais sujeitos a baixas temperaturas. Na base e no alto de cada torre, quando houver ventilador, colocam-se

também termômetros. É também absolutamente necessário que a área que está sendo defendida possa ter suas temperaturas comparadas com as das áreas não defendidas.

As lavouras grandes devem ser divididas em talhões ou zonas de temperatura, confiando cada talhão a um homem de critério que fará a leitura do termômetro de hora em hora, consignando, num papel especial e adiante do número de cada termômetro, as respectivas leituras. Para isso, é preciso treiná-los, e a supervisão por parte do responsável se faz necessária continuamente, não só para controle como para o estímulo.

É preciso marcar as dimensões dos diversos talhões a serem defendidos nos cafèzais, para que cada talhão possa ser atendido eficazmente por um homem. Essa determinação se faz sem dificuldade durante o curto período de treinamento, em que se pode observar a capacidade média dos indivíduos, não se esquecendo de que as leituras reais serão à noite, usando lanternas que, muitas vezes, não funcionarão bem e que, sobretudo nos cafèzais novos, a tranqueira é um fator ponderável de baixo rendimento.

Tornamos a repetir que o rítmo de queda da temperatura é que determina o número de unidades a serem utilizadas de início, podendo adiantar que dificilmente surgirá, para nós, a necessidade de utilizar todas.

Por eliminação, chegamos à conclusão que, no nosso caso, há três caminhos a serem tentados, conjugados ou em separado.

1.º) VENTILADOR + FOGAREIROS A CARVÃO
VENTILADOR + FOGAREIROS A LENHA
2.º) FOGAREIROS A CARVÃO + FOGUEIRAS
FOGAREIROS A LENHA + FOGUEIRAS
3.º) FOGAREIROS A CARVÃO
FOGAREIROS A LENHA

Evidentemente o ventilador deve ser tentado por ser mais cômodo e mais econômcio. É possível que, entre nós, apresente resultados mais positivos do que os obtidos nos Estados Unidos e possa cobrir uma área maior, dipensando até a colaboração dos fogareiros, quando fôr usado nos espigões ou mesmo em qualquer topografia.

Cremos firmemente que se Brooks nos recomendou tentar, de qualquer modo, os ventiladores, é porque tem convicção daquilo que opina, pois, seu comprovado espírito de cientista jamais lhe permitiria essa insistência sem bases sólidas. Seu interêsse foi tão acentuado a ponto de querer manter correspondência conosco, afim de trocarmos idéias e pôs-se à nossa disposição para quaisquer informações.

A associação de ventiladores e fogareiros a carvão ou a lenha é medida de segurança que se impõe. A carvão, embora bem semelhante ao coque, contrapõe à desvantagem de menos calorias e vantagem de facilidade em acender-se e manter o mesmo gráu de calorias, por não ficarem as cinzas aderidas aos pedaços em combustão. A lenha, por ser o mais fácil e accessível dos combustíveis que dispomos.

O fator preço nos leva a pensar mais no ventilador e no fogareiro a lenha.

A fogueira seria a grande solução; entretanto, quasi sempre temos chuvas nas tardes que antecedem às geadas e não dispomos de combustível semelhante ao "Fat Pine" da Flórida, cuja resina o impermeabiliza, pois, como nos foi demonstrado, essa madeira, mesmo após mergulhada largo tempo na água, acende-se com rapidês. Outro inconveniente da fogueira é a proximidade entre os pés de café; poderiam ser feitas sòmente nos carreadores onde há maior espaço e nos cafèzais novos.

Muito trabalho teremos para chegarmos ao ponto desejado, não só quanto à adoção do melhor processo ou de uma associação deles, como também quanto à forma, tamanho e número de fogareiros, etc.

Damos, à seguir, o consumo de combustível por alqueire, segundo os dados compilados por A. F. Camp, de Lake Alfred, Fla.:

(x) BTU por libra	ÓLEO	COQUE	LENHA	CARVÃO
Quantidade p/ 1	19.000	14.000	6.000	6.000
alq. (1 noite)	3.000 gal.	15 ton.	32,4m3	32,4m3 de lenha p/
Estoque para	12.000 gal.	60 ton.	139,6m3	carvão
4 noites				139,6m3 de carvão

(x) British Thermal Unite — Quantidade de calôr necessário para aumentar de 1ºF uma libra de água.

Pelos dados anteriormente analizados, podemos dizer com segurança que se podem combater temperaturas até 9ºC abaixo de 0, usando-se lenha ou carvão, combustíveis que temos com abundância e com relativa facilidade. Não analizaremos o emprêgo de óleo e coque, embora este último, desde a existência de minas no Rio do Peixe, próximo a Congoinhas, não seja fora de propósito (com transporte mais ou menos fácil, poderá custar cêrca de Cr$ 300,00 a tonelada).

Naturalmente, em nossas experiências, iremos tentar uma adaptação dos métodos acima descritos, às nossas condições.

Assim, se, para combater 9ºC abaixo de 0 na América do Norte, são necessários 360-420 fogareiros de lenha ou carvão, por alqueire, é de se supor que, para nós, bastem cêrca de 250 fogareiros por alqueire, devido ao tempo relativamente curto da duração das temperaturas críticas e ao fato dos cafeeiros, com sua rica folhagem, reterem mais calôr do que as laranjeiras. Não é fora de propósito aceita-se uma redução ainda maior no número (cêrca de 20% segundo Floyd Young), quando se aquecem áreas grandes.

Dêsse modo, caso se confirmem nossas previsões, teremos de admitir para defesa de 1 alqueire, um consumo de 32 metros cúbicos (de lenha ou carvão), de preço variável de acôrdo com a região, acrescendo ainda juros, amortização do valôr do equipamento e fogareiros. Nossos primeiros ensaios, para os quais muito concorreram Dr. Antônio Carlos de Bueno Vidigal e seu auxiliar Sr. Gert Jonas, permitem admitir um preço ao redor de Cr$ 40,00 por fogareiro, dependendo muito da es-

pessura da chapa que, mais espessa será mais cara, porém mais duradoura também.

Em relação aos ventiladores, estamos atravessando uma época muito anormal bastando dizer que não se encontra, fora do câmbio negro, nenhum motor completo ou parcial de Ford ou Chevrolet. É possível, porém, dadas as cotações de preços que possuimos da América do Norte, a aquisição, à razão de 370 dólares cada, de blocos bem recondicionados, com as restantes partes novas, incluindo a transmissão, em condições de serem instalados imediatamente. Além disso, a transmissão poderá ser substituida por uma caixa de redução fabricada aquí, muito simples e que, provavelmente, custará muito menos, o que reduziria ainda aquele preço cêrca de 30 dólares. Assim, poderemos ter tais motores completos, em épocas normais, por uns Cr$ 8.000,00. Uma torre completa, equipada com 2 dêsses motores, para a defesa de 4 alqueires, ficaria, então, em cêrca de Cr$ 30.000,00, isto é, Cr$ 7.500,00 por alqueire.

Êsses cálculos são aproximados devido a deficiência de dados mais positivos, havendo, porém, no caso dos ventiladores, todas as probabilidades de serem necessários menos HP por alqueire e da duração dos mesmos, de acôrdo com os cuidados de conserva, poder atingir 18 a 20 anos.

Por mais pessimistas que sejamos, porém, a defesa de um cafèzal, mesmo que custe Cr$ 2,00 por pé, dará ainda margem para um lucro suficiente, pois a média de produção deste pé é de cêrca de Cr$ 20,00. Acresce ainda que nêsse caso, não se defende só a produção de 1 ano e sim de 2 ou 3 anos, senão mais.

Chegamos, portanto, à conclusão de que as fazendas sujeitas à geada, empatando capital para a sua defesa, estão realizando um seguro de carater especial, pois, pagam sòmente a metade do prêmio estipulado, sendo que a outra metade só será paga, se o acidente se der.

Estamos continuando as experiências em diversas fazendas no Norte do Paraná e teremos grande prazer em comunicar tudo o que houve de interessante.

JACAZINHOS DE LÂMINAS DE PINHO

(Replantio e proteção de mudas — Café, Eucaliptus, Citrus, etc.)

Medidas especiais, para maior alimentação da planta:

Eucaliptus	14 x 22	—	fardo	c/mil	—	Cr$ 75,00
" (serve p/Café)	14 x 25	—	"	c/mil	—	" 100,00
Café 2 mudas	20 x 32	—	"	"500	—	" 75,00
" 4 "	23 x 45	—	"	"500	—	" 125,00
" 6 "	23 x 58	—	"	"500	—	" 150,00

Estoque permanente, exatidão nas medidas e madeira selecionada — exclusivamente pinho Paraná.

EXECUTAM-SE AS ENCOMENDAS COM PRESTEZA

Solicitem amostras e prospetos para:

CESAR D. MAGALHÃES

Rua Sousa Caldas, 350 (Brás) **Telefone: 9-7526**

Caixa Postal, 5671 **SÃO PAULO** **Teleg. DUMAGAL**

De um nosso amigo lavrador de café, paciente e autorizado investigador de assuntos relacionados com a agricultura, recebemos a comunicação abaixo, que julgamos interessante divulgar.

Não estamos autorizados a mencionar o nome do informante, o que só faremos posteriormente, no caso em que as experiências a que alude sejam positivas. Nêsse caso daremos, também, maiores detalhes sôbre o assunto, que julgamos de grande interêsse.

COLHEITA DE CAFÉ MECANIZADA

"Uma das maiores dificuldades na cultura do café consiste em sua colheita; é cara e deixa muito a desejar. Nesta última safra chegaram a pagar, em certas zonas, até Cr$ 80,00 por saco colhido, não só porque havia poucos frutos em cada pé como também devido a falta de colonos nas zonas de menor produção.

Felizmente não choveu nos meses de maio até agôsto e o café derrubado no chão foi colhido mais ou menos em bôas condições.

Nos Estados Unidos as grandes culturas de cerejas têm a sua colheita mecanizada por meio de uma máquina de ar comprimido, semelhante a que usamos aqui para furar asfalto, montada sôbre um pequeno tripé de madeira leve, da seguinte forma:

Cortam um encerado redondo com abertura de um lado, exatamente como si fosse para fazer uma capa "Ideal"; no centro deixam uma abertura de 20 cms. e em volta desta uma correia com fivela fácil de ser apertada. — Colocam o encerado em volta da árvore, apertando a fivela no tronco da mesma, bem junto ao chão e, em seguida, 4 crianças seguram o encerado ficando êste com a extremidade na direção das pontas dos galhos das cerejeiras. Chega então o único homem empregado nesta operação e, com o compressor montado sôbre o tripé encosta a ponta de borracha no tronco da árvore, mais ou menos a um metro do solo; o motor é ligado e com a trepidação os frutos maduros vão caindo no encerado e rolando suavemente no centro deste, por ser mais baixo, sem amassar os frutos. A planta nada sofre porque a parte aérea balança com facilidade e as raízes não são forçadas.

A mesma prática podia ser adotada na colheita do café, porque esta máquina de ar comprimido tem a sua trepidação fácil de ser regulada, podendo fazê-la mais fraca ou mais forte de acôrdo com a necessidade do momento, bastando girar um botão.

Na Califórnia um homem com 4 crianças colhem os frutos de 800 a 1.000 árvores por dia, e como se trata de colheita mais demorada e mais delicada que a do café, pensamos que depois de experimentar aqui e der certo, poderemos conseguir maior rendimento ainda em nossas culturas da rubiácea.

Estamos em entendimentos com várias firmas americanas no sentido de nos mandar algumas máquinas para experiência em nossas lavouras particulares no Norte do Paraná e tão logo tenhamos qualquer resultado faremos uma comunicação a todos os fazendeiros, como cooperação de nossa parte o maior engrandecimento e economia nas lavouras de todos os agricultores. — Os compressores virão equipados com motor a gazolina, que consome 800 grs. de combustível por hora, e o peso total da máquina e motor é de 12 quilos".

ALUMÍNIO
BÁRIO
BERÍLIO
BISMUTO
BORO
BROMO
CÁLCIO
CÉSIO
CLORO
CHUMBO
COBALTO
COBRE
CROMO
ENXOFRE
ESTANHO
ESTRÔNCIO
FERRO
IODO
LÍTIO
MAGNÉSIO
MANGANEZ
MOLIBDENO
NÍQUEL
OXIGÊNIO
PLATINA
POTÁSSIO
PRATA
SILÍCIO
SÓDIO
TITÂNIO
VENÁDIO
ZINCO
(*)

CAFEICULTOR:

PORQUE se deve usar Salitre do Chile nos cafèzais?

PORQUE o Salitre do Chile, proporcionando Azôto Nítrico, rápida e totalmente assimilável, restaura a parte foliácea, "liga" a florada e retem o "chumbinho".

Cafeeiro vestido e florada retida, constituem safra garantida.

Aumente sua próxima colheita aplicando 300 gramas de Salitre do Chile POTÁSSICO por cafeeiro, e verá que: MÃOS QUE ESPALHAM SALITRE DO CHILE NÃO FICAM VAZIAS...

O Salitre do Chile POTÁSSICO, adubo Natural, contém 15% de Azôto Nítrico e 10% de Potassa, de assimilação rápida e total, e mais 32 "elementos menores", em sua grande maioria indispensáveis à vida das plantas.

Para folhetos e informações, dirija-se ao

SERVIÇO TÉCNICO-AGRONÔMICO
DO SALITRE DO CHILE
CAIXA POSTAL, 2873 — SÃO PAULO

AGENTES COMERCIAIS DO SALITRE DO CHILE
ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS
RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 270 — SÃO PAULO

Resumos e Transcrições

"BREVES NOÇÕES SÔBRE ADUBAÇÃO QUÍMICA"

DE QUE DEPENDE A FERTILIDADE DA TERRA

A fertilidade da terra depende, essencialmente, dos seus teores em HÚMUS, CAL, AZÔTO, FÓSFORO e POTASSA, e do equilíbrio em que estes elementos alí se encontrem, cada um dos quais desempenha funções definidas e insubstituíveis na vida das plantas.

O HÚMUS é uma substância de composição química ainda mal definida, proveniente da decomposição da matéria orgânica no solo, tanto de origem animal como vegetal, que pela origem se encontra nas camadas superficiais da terra, onde a sua presença se nota pelo tom escuro em relação às camadas inferiores.

O HÚMUS modifica a constituição física da terra, tornando-a mais solta e permeável às raízes das plantas, ao ar e à água, ao mesmo tempo que funciona como detentor da umidade, promovendo a sua distribuição mais regular no solo.

É também o meio indispensável à vida de numerosos micro organismos, de natureza vegetal e animal, (uma terra rica em húmus contém por hectare cêrca de 2.200 kg. destes organismos!), que desempenham na agricultura a importante função de contribuirem para que as substâncias químicas que entram na alimentação das plantas possam por estas ser assimiladas.

A CAL, ao mesmo tempo que atua como adubo, intervem simultaneamente nas propriedades químicas, físicas e biológicas da terra, sendo indispensável à formação do húmus.

O azôto, o fósforo e a potassa, principais elementos de que as plantas se nutrem não podem ser por estas assimiladas sem sofrerem certas transformações, mais ou menos complexas, que se darão sem a presença da cal, cuja falta explica muitos dos maus resultados observados na adubação.

Nas terras sem cal, ou onde esta existe em pequena quantidade, a transformação dos adubos químicos para formas assimiláveis se dá muito lentamente, e por vezes se opera por forma a tornar esses elementos insolúveis.

Se a terra é pobre de cal, não há adubação, por mais equilibrada que seja capaz de produzir efeitos compensadores.

Mas, não é simplesmente sob o ponto de vista da adubação, que a cal é necessário às terras.

Os animais carecem de ingerir quantidades grandes de cal, que entra na formação do seu esqueleto, e este produto se encontra especialmente no caule e nas fôlhas dos vegetais.

As forragens provenientes de terrenos pobres de cal, constituem uma inferior alimentação para o gado, que alimentado com tais forragens apresentará sempre uma deficiente constituição, rendendo menos em carne e leite, e será mais propenso a contrair doenças, inclusive a tuberculose.

DE QUE SE ALIMENTAM AS PLANTAS

As plantas, como os animais, nascem, crescem, vivem e morrem, necessitando, como todos os seres vivos, de alimentos nutritivos para constituir, sustentar, desenvolver e reformar os seus órgaos.

São numerosas as substâncias que entram na alimentação das plantas, umas extraidas do ar através das fôlhas, e outras da terra, os chamados adubos, por meio das raízes.

O AZÔTO (N) é o mais poderoso estimulante da vegetação, atuando principalmente no crescimento das plantas, no desenvolvimento do seu sistema folear, na formação da albumina, (substância indispensável à vida das plantas), e na formação dos brotos.

O FÓSFORO (P_2O_5) é indispensável à constituição dos frutos e das sementes. Promove a floração, dá consistência ao caule e aos ramos, ao mesmo tempo que, em conjunto com outros elementos, torna as plantas mais resistentes às doenças.

A POTASSA (K_2O) de que depende a formação do açúcar, da fécula e do amido, melhora a qualidade dos frutos, tanto sob o ponto de vista alimentar como de resistência às doenças e secas prolongadas, e aumenta consideravelmente o pêso das sementes.

EXIGÊNCIAS ALIMENTARES DAS PLANTAS

São grandes, e variáveis em percentagens, as exigências alimentares das plantas, em azôto, fósforo e potassa, substâncias que devem existir simultaneamente na terra em quantidades suficientes, e em forma assimilável dentro do ciclo vegetativo das plantas.

Se um d'aqueles elementos faltar, ou se encontrar em proporção insuficiente para as necessidades da cultura, os outros ficarão inertes ou inaproveitados, segundo Liebig, que estabeleceu a chamada "Lei do Mínimo", que pode enunciar-se assim: **O aproveitamento proporcional dos elementos nobres ou fertilizantes deve ser calculado pelo teor do que existe em menor quantidade.**

Isto é, se uma determinada cultura exigir um adubo que contenha

4 % de azôto
12 % de fósforo
6 % de potassa

e adubarmos a terra apenas com

4 % de azôto
12 % de fósforo
3 % de potassa (metade do que a planta exigia)

essa cultura aproveitará apenas uma parte dos outros elementos, ou seja:

2 % de azôto
6 % de fósforo
3 % de potassa (a necessidade era de 6)

produzindo, por consequência, menos do que teria produzido se a adubação tivesse sido feita com o equilíbrio de fertilizantes exigido pela cultura, pois que aqueles elementos foram utilizados proporcionalmente ao que existia em menor quantidade, que neste exemplo era a potassa.

Isto é:

A cultura precisava de 6 % de potassa, e apenas encontrou 3 %.

É por isso que a adubação feita apenas com um único fertilizante, como seja a farinha de ossos que contém fósforo, ou a torta de algodão que contém azôto, dá, durante algum tempo, resultados em certas terras em que aqueles elementos faltem, levando muitos lavradores a crer, erradamente, que esse único fertilizante é suficiente para adubar as suas culturas.

O que acontece, neste caso, é que esse único fertilizante foi possibilitar o aproveitamento dos que existiam na terra, levando-a ao esgotamento.

Outros elementos há que são também necessários à alimentação das plantas, mas, porque eles existem em quantidade no solo, não merecem menção especial.

ANÁLISE DA TERRA

Desde os estudos do imortal sábio Liebig, a quem se devem os fundamentos da adubação química como recurso para manter e elevar a fertilidade dos solos, que se tem recorrido à análise da terra, para, com adubações adequadas, se equilibrarem e enriquecerem os seus teores de azôto, fósforo e potassa.

Entretanto, a teoria de que a análise química da terra seria o meio infalível de nos esclarecemos sôbre a adubação a fazer em determinada cultura e terra, vem, modernamente, perdendo a importância que primitivamente se lhe atribuia.

Na verdade, a prática tem demonstrado que adubando-se quìmicamente os terrenos considerados pela análise, de boa qualidade, as culturas prosperam notàvelmente em relação às feitas sem adubação química em terrenos da mesma qualidade, prova que o lavrador pode fazer em sua lavoura, adubando apenas uma parte da terra que a análise classifique como boa relativamente aos teores de azôto, fósforo e potassa.

Isto prova, claramente, que os elementos nobres acusados pela análise se não encontram em estado de serem assimilados pelas plantas, ou o são apenas em ínfimas quantidades.

Por isso, para adubar racionalmente, com o máximo de probabilidade de êxito, se deve prestar especial atenção aos teores de cal e húmus, bem como ao resultado das culturas anteriores, e, embora alguns aspectos da vegetação sejam comuns à falta de elementos fertilizantes diferentes, o quadro seguinte auxilia-nos bastante a encontrar as causas de alguns disturbios da vegetação.

ANÁLISE PELOS ASPETOS DAS CULTURAS

Elementos	FALTA	EXCESSO
AZÔTO	Pequeno desenvolvimento do caule e dos ramos. Poucas fôlhas com tendência para amarelar. As plantas florescem antes de atingirem o seu crescimento normal.	As plantas crescem exageradamente, ramificando muito e produzindo grande quantidade de fôlhas de verde mais carregado que o normal. Frutos demorando muito a amadurecer. Os cereais de pragana como o trigo, tombam fàcilmente, acamando.
FÓSFORO	Caules finos de pequena consistência, os botões florais caem em abundância, os frutos desenvolvem-se mal, sendo fàcilmente atacados pelas doenças. Nos cereais o pequeno tamanho das espigas não está em relação com a altura das hastes. As espigas são mal cheias com grande número de abortos.	Não são notáveis os efeitos produzidos nas culturas feitas em terras com excesso de fósforo, o que de resto constitue uma raridade no Brasil.
POTASSA	Frutos de má qualidade e sabor incaracterístico, azedos e pouco desenvolvidos, muito sujeitos às doenças, apodrecendo fàcilmente. O pêso específico das sementes é inferior ao normal. Fibras pouco consistentes. As fôlhas de muitas plantas como batata, cana etc. apresentam manchas claras ou levemente amareladas.	O mesmo que para o excesso de fósforo.
CAL	Os detritos orgânicos, mormente os estêrcos conservam-se por muitos meses na terra sem apodrecer. O solo é compacto e abre fendas quando seca. As culturas, embora bem adubadas, não apresentam bonito aspecto.	A matéria orgânica e o azôto consomem-se ràpidamente. Certos aspectos da vegetação fàcilmente confundíveis com doenças, só podem ser identificadas pela análise.

Da leitura deste quadro pode ainda concluir-se que nem só a falta de alguns elementos fertilizantes é prejudicial, como o pode ser também o excesso de azôto em relação aos outros, excesso que provocando um exagerado crescimento de ramos e fôlhas, desvia para esta parte da planta os outros elementos, com prejuízo da frutificação ou dos tubérculos, como por vezes se observa no algodão e na batata.

O QUE SIGNIFICA E COMO SE REGULA

Modernamente usa-se designar a reação ácida ou alcalina dos solos pela seu potencial hidrogeniônico, ou simplesmente pela designação p.H., sendo a reação do solo tanto mais ácida quanto mais baixo for o número em relação à reação neutra que é indicada por p. H. 7.

Segundo o professor Protolongo, de Milão, os solos devem ser classificados, quanto às suas reações, da seguinte forma:

Solos super ácidos	p.H.	3 a 4,5
Ácidos	p.H.	4,5 a 5,5
Sub-acidos	p.H.	5,5 a 6,5
Neutros	p.H.	6,5 a 7,5
Sub-alcalinos	p.H.	7,5 a 8,5
Alcalinos	p.H.	8,5 a 9,5
Super alcalinos	p.H.	9,5 a 10,5

O conhecimento do p.H. interessa, sob o ponto de vista da fertilidade dos solos, pela circunstância da nitrificação do azôto se dar bem nos solos ligeiramente alcalinos, de p.H. 7,5, sendo nula abaixo de 6 ou acima de 8.

Para fazer baixar o p.H. nos raros casos em que êste atinge, no Brasil, a classificação 8, deve ser dada preferência aos adubos que não contenham cal.

Nos casos de solos ácidos de p.H. inferior a 7, devem preferir-se adubos que contenham cal, podendo ainda corrigir-se a acidez pela incorporação no solo, por hectare (10.000 metros quadrados), das seguintes quantidades de carbonato de cal de 55% de CaO, para elevar de 1 o p.H.

Terras pesadas, argilosas	5 a 6.000 Kg.
Terras médias	4 a 5.000 Kg.
Terras leves, arenosas	2 a 3.000 Kg.

SUBSTÂNCIAS FERTILIZANTES

São numerosas as substâncias tanto de origem orgânica como mineral, que por conterem azôto, fósforo e potassa podem ser utilizadas como adubos.

Entretanto, de tal forma se misturam e confundem as suas propriedades e efeitos, que se torna impossível agrupá-los em classes distintas.

Estudá-la-emos, por isso, sem nos preocuparmos com a sua origem, tanto mais que a separação pouco interessa sob o ponto de vista da adubação química.

Em primeiro lugar merece especial referência o estêrco de curral, pelas multiplas funções que desempenha na fertilidade da terra.

Como fertilizante ou adubo, o estêrco é pobre de elementos nobres, uma parte dos quais é de morosa transformação no solo até o ponto de se tornar assimilável pelas plantas.

A composição média dos estêrcos provenientes da mistura dos dejectos sólidos e líquidos dos animais, com palhas, capinas e restos da alimentação, é a seguinte:

Azôto	0,47 %
Fósforo	0,30 %
Potassa	0,52 %
Cal	0,55 %
Água	78,00 %

Apezar de pobre e desiquilibrado em elementos nobres, o seu emprego na adubação é da maior importância, pela ação que exerce no melhoramento e conservação das características físicas a que a terra deve obedecer, e pela ação biológica a que dá lugar, da qual resulta a formação do húmus, elemento indispensável à fertilidade, como já vimos. Na falta de estêrcos que são tanto melhores quanto mais curtidos estejam, deve o lavrador recorrer às chamadas adubações verdes feitas com leguminosas apropriadas, mucuna, feijão de porco etc. ou aos farelos de algodão, amendoim, gergelim, ou mamona.

ADUBOS AZOTADOS

São assim chamadas todas as substâncias em que predomina o azôto ou este elemento aparece como único fertilizante, em qualquer das formas; nítrico, amoniacal ou orgânico.

O **Azôto Nítrico** que se encontra no Nitrato de Sódio ou Salitre do Chile, não necessita de qualquer transformação no solo para ser assimilado pelas plantas.

Esta característica do azôto nítrico oferece especiais vantagens nas chamadas adubações de cobertura a que nos referiremos mais adiante, mas apresenta também inconvenientes quando usados exclusivamente nas sementeiras.

De fato, os nitratos são dificilmente retidos no solo, o que dá lugar a que sejam arrastados pelas águas das chuvas para as camadas inferiores da terra, ou para fora, se esta fôr em declive, resultando que as plantas não chegam, por vezes, a aproveitar este adubo durante todo o tempo em que dele necessitariam.

Apezar deste inconveniente, o azôto nítrico apresenta características especiais que o recomendam, devendo em geral ser empregado em todas as culturas na dose média de um terço do total do azôto necessário.

O AZÔTO AMONIACAL, que se encontra no Sulfato de amônio, é, ao contrário do azoto nítrico, fortemente retido pelos solos, especialmente pelos solos humosos ou que contenham certa quantidade argila.

A sua utilização pelas plantas é um pouco mais lenta que o azôto nítrico o que o recomenda para as regiões em que predominam as chuvas.

O AZÔTO ORGÂNICO encontra-se nas substâncias de origem vegetal ou animal, sendo de todos os azôtos aquele que com maior morosidade é aproveitado pelas plantas, o que o recomenda para as culturas de ciclo vegetativo muito longo, e de uma forma geral, para todas as culturas permanentes, e para todos os terrenos úmidos que contenham cal.

A nitrificação do azôto orgânico não se opera com a mesma rapidez em todos os terrenos, sendo menos demorada nas chamadas terras leves de consistência média.

No quadro que segue podem encontrar-se as diferenças fundamentais que apresentam os três azôtos:

PROPRIEDADES DOS DIFERENTES AZÔTOS

PROPRIEDADES	AZ. NÍTRICO	AZ. AMONIACAL	AZ. ORGÂNICO
ASSIMILAÇÃO	Imediata, em certos casos, não chega a aproveitar às plantas todo o tempo que seria necessário.	Mais lenta, prolongando-se por bastante tempo.	A mais lenta de todos os azôtos, pelo que é recomendável a aplicação simultanea de uma parte de azôto nítrica ou amoniacal.
FIXAÇÃO NO SOLO	Fraca quando aplicado em épocas de chuva.	Forte, especialmente nos terrenos humosos ou que contenham argila.	Superior a qualquer dos outros azôtos.
EFICIÊNCIA	Maior nas terras ácidas. Menor nas terras úmidas e sujeitas a grandes chuvas.	Menor nas terras ácidas. Maior nas terras úmidas e sujeitas a chuvas.	Grande e prolongada.

ADUBOS FOSFATADOS

São chamados adubos fosfatados aqueles em que predomina o fósforo, que sob o ponto de vista fertilizante interessa nas chamadas formas solúveis em água e na solução do ácido cítrico a 2%.

Os fosfatos solúveis em água são de assimilação imediata pelas plantas, convindo de preferência para as culturas de ciclo vegetativo rápido, e para as terras pouco irrigadas.

Os fosfatos insolúveis na água estão indicados para as terras úmidas ou fortemente irrigadas, sendo ainda preferíveis, por conterem cal, para as terras ácidas.

Fosfatos tricálcios ou tribásicos. São estes fosfatos que se encontram na farinha de ossos, nas cinzas, e em certos minerais.

Os fosfatos tricálcios são insolúveis na água, sendo por isso a sua assimilação um tanto demorada, circunstância que os valorisa em certas culturas, podendo a sua ação em redação aos fosfatos solúveis

em água comparar-se, de certo modo, às diferenças existentes entre os azôtos nítricos e amoniacais.

Os fosfatos tricálcios, quando finamente pulverizados são mais ràpidamente assimiláveis especialmente quando empregados em terras úmidas.

Pela sua composição química, são preferíveis para as terras ácidas, que predominam no Brasil.

Fosfatos Bicálcios ou bibásicos. São os fosfatos conhecidos como fosfatos solúveis no citrato de amônio.

São poucos solúveis em água, tendo a propriedade de se dissolverem facilmente pela ação do ácido carbônico e diversos sais existentes na terra.

Fosfatos monocálcicos ou monobasicos. Estes fosfatos de que é modêlo o conhecido Superfosfato, são imediatamente solúveis na água, e por consequência rapidamente utilizados pelas plantas.

Por serem ácidos, são pouco recomendáveis para as terras pobres de cal, devendo ser preferidos para as culturas de ciclo vegetativo rápido, onde os fosfatos tricálcicos não atuam com a necessária brevidade.

ADUBOS POTÁSSICOS

São adubos potássicos aqueles em que predomina a potassa sob qualquer das formas: cloreto, sulfato ou carbonato, sendo este último estado aquele em que a potassa se encontra nas cinzas de origem vegetal, que por isso são excelentes adubos potássicos.

Os outros sais de potassa, postos em contacto com a cal existente na terra transformam-se ràpidamente em carbonatos, forma em que as plantas utilizam a potassa.

ADUBOS MISTOS OU COMPOSTOS

A indústria prepara adubos com percentagens variáveis de elementos nobres, segundo as necessidades da cultura e terra a que se destinam.

São estes os chamados adubos compostos, que, quando preparados honestamente prestam reais serviços à Lavoura. A preparação dos adubos compostos exige técnica e conhecimento das incompatibilidades existentes entre elementos que não podem misturar-se, porque, reagindo uns sôbre os outros perdem as suas qualidades fertilizantes.

É necessário também que a mistura seja homogênia, o que só pode fazer-se com máquinas adequadas.

Todo o adubo composto oferecido a baixo preço deve ser suspeito, podendo o lavrador recorrer aos laboratórios oficiais para certificar-se se o adubo contém ou não as percentagens de elementos nobres indicadas pelo vendedor, e o estado de solubilidade em que estas se encontram.

COMO E QUANDO SE APLICAM OS ADUBOS

Da oportunidade e forma da aplicação dos adubos químicos depende o êxito da adubação.

Nas culturas permanentes, como o café, árvores frutíferas, vinha etc., a aplicação dos adubos deve fazer-se 50 a 70 dias antes de aparecerem os primeiros brotos.

Nas terras planas marcam-se em volta da planta duas circunferências concêntricas, a maior de diâmetro aproximado ao da copa de árvore, e a menor, dentro desta, afastada 20 a 60 cm. do pé, segundo o tamanho da árvore. Do intervalo destas duas circunferências retira-se a terra, na maior quantidade possível, tendo o cuidado de não deixar as raízes a descoberto, e espalha-se o adubo nessa cova, o mais uniformemente possível, cobrindo depois com terra, tendo o cuidado de deixar uma beira na circunferência maior destinada a reter a água das chuvas.

Nos terrenos inclinados, a cova deve abrir-se na parte superior, em semi-círculo, pois as águas das chuvas arrastarão o adubo para a parte inferior.

Nas culturas em linha, como o café, vinha, etc. as covas podem ser, substituidas por largos regos abertos nos centros das ruas respeitando-se o afastamento dos pés já indicados.

Nas culturas temporárias como o milho, algodão, etc.. O adubo deve ser, sempre que possível, incorporado na terra como antecedência de alguns dias.

Quando não seja possível proceder com tal antecedência, a sementeira ou plantação das mudas deve fazer-se sempre por forma a evitar o contacto das sementes ou raízes com os adubos, alguns dos quais, pela sua causticidade, poderão prejudicar a germinação das sementes ou queimar as raízes das mudas.

Na adubação dos cereais, tanto semeados à mão como por meio de semeadores mecânicos, o adubo deve ser espalhado sôbre a terra lavrada, fazendo-se a seguir uma ou duas gradagens cruzadas para o enterrar, e semeia-se depois.

INSUCESSOS DA ADUBAÇÃO

CAUSAS DE INSUCESSO	QUE FAZER
Falta de matéria orgânica ou cal.	Aplicar estêrcos, palha de café, bagaço de cana, tortas etc. Fazer adubações verdes. Corrigir a acidez do terreno com calcáreo. Ver o que ficou dito a pág. 3, 4 e 10 sôbre cal e húmus.
Falta ou quantidade insuficiente de alguns dos elementos nobres: azôto, fósforo ou potassa.	Usar adubos bem equilibrados. Ver a pág. 6 o que dissemos sôbre a lei do mínimo.
Aplicação de adubos de ação lenta em culturas de ciclo rápido.	Usar nas culturas de ciclo rápido adubos solúveis em água.
Adubos falsificados ou impróprios para a terra e cultura em que foram empregados.	Exigir do fornecedor garantia de análise, recorrendo, para controle, ao Instituto Agronômico. Seguir as indicações de um técnico em adubação química.
Má pulverização dos adubos, especialmente em se tratando de farinha de ossos.	Recusar todo o adubo que não esteja bem muido. Quanto mais, melhor será o seu resultado.
Quantidade insuficiente de adubos.	Seguir as indicações do técnico. Adubar com quantidade insuficiente de adubos, traz sempre prejuízos.
Má distribuição dos adubos no Solo.	Distribuir o adubo o mais uniformemente possível, para o que muito contribuem as lavouras bem feitas e um perfeito desterroamento da terra.
Mistura de adubos incompatíveis, fato muito comum quando a mistura é feita por técnicos incompetentes.	Preferir apenas fornecedores de reconhecida competência e honorabilidade. Desconfiar sempre dos chamados "adubos baratos".
Aplicação tardia dos adubos.	Os adubos levam certo tempo a se transformarem no solo, para forma assimilável. Ver o que dissemos a pág. 15 e 16.
Falta de água indispensável à assimilação dos adubos.	Quando não seja possível fazer irrigações artificiais, recorrendo a bombas ou córregos próximos das culturas, atender o mais possível ao regimem normal das chuvas na região.

ROTAÇÃO DAS CULTURAS

Embora o assunto se afaste bastante da adubação química que resumidamente tratamos nas anteriores páginas, não queremos encerrar êste modesto trabalho sem dedicarmos algumas palavras à rotação das culturas, pela importância que esta prática tem na produção agrícola.

Desde tempos imemoriais que o lavrador verificou que, cultivando sempre a mesma planta no mesmo terreno a produção diminuia de ano para ano, até se tornar antieconômica.

Verificou também que alternando a cultura com plantas diferentes, isto é, plantando um ano batatas, por exemplo, depois milho, depois feijão, para voltar novamente à batata, fazendo assim a rotação de três culturas, a produção não baixava, e dessas observações nasceu a prática da rotação das culturas, que há muito entrou no uso de toda a agricultura progressiva.

Na realidade, a rotação das culturas impõe-se, por razões de ordem química, física e até biológica, todas elas úteis à manutenção do rendimento agrícola, e que podem resumir-se, sumàriamente, nas seguintes conclusões:

a) As plantas tem, como já sabemos, exigências alimentares diferentes, de modo que, a cultura repetida da mesma planta, no mesmo terreno, esgota êsse terreno nos elementos de que a planta é ávida, ao mesmo tempo que os outros se vão acumulando como reservas improdutivas.

b) O sistema radicular das plantas, desenvolve-se, segundo as espécies, por forma diferente. Umas plantas lançam raízes perfurantes no sentido vertical, ao passo que em outras espécies as raizes se estendem no sentido horizontal.

Por consequências, os adubos existentes nas camadas superiores do solo aproveitam mal às primeiras, da mesma maneira que os elementos fertilizantes do sub solo são também mal aproveitados pelas segundas.

c) Ao mesmo tempo que as plantas são influenciadas pelas características dos terrenos em que vegetam, exercem, elas próprias, influência nesses terrenos, não só sob a sua constituição física, (penetração variável das raizes que depois de apodrecidas facilitam a penetração da água e do ár), como química (utilização e restituição de elementos fertilizantes), e até sob o ponto de vista biológico, segundo parece, devido a secreções das suas raízes, que atuam sôbre a micro-flora e fauna, modificando-a desfavoràvelmente às suas necessidades alimentares.

Ao contrário do que se deve observar em qualquer indústria, em que a qualidade e custo baixo do produto resulta de especialização, na indústria agrícola essa qualidade e custo baixo é prejudicada com a monocultura.

O estabelecimento de um plano de rotação depende de fatores locais que só o lavrador pode considerar para atingir o rendimento máximo das suas terras.

Esse plano deve prever:

1.º Quais as culturas cujos produtos tenham mais fácil colocação no mercado.

2.º Qual o ciclo vegetativo das culturas escolhidas, e o tempo dispendido na sementeira, de modo que a repetição das culturas venha a dar-se em períodos regulares de dois ou três anos, devendo considerar-se que quanto mais largo for o período da repetição, melhor.

3.º Intercalar tanto quanto possível plantas de espécies diferentes, procurando colocar no meio da série, uma leguminosa, como por exemplo: batata-milho-feijão-tomates-couves etc.

A rotação das culturas, interessante assunto que necessitaria de muitas dezenas de páginas para ser convenientemente exposto, permite ainda um melhor aproveitamento da mão de obra, dos animais de trabalho e das máquinas, o que tudo em conjunto concorre para baixar o custo da produção, que constitue a base da prosperidade.

(Trechos transcritos da monografia "Breves Noções sôbre Adubação Química" editada e distribuída gratuitamente pela Companhia Paulista de Adubos — Rua Senador Queiroz, 312 — S. Paulo).

Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura Secção de Assistência Fitossanitária

NOTÍCIAS SÔBRE DUAS PRAGAS DO CAFÉ

A "Broca" do Café

A broca do café vinha aumentando sensìvelmente sua população por ocasião do período mais chuvoso dêste ano de 1950. De Janeiro a Abril todas as verificações feitas em lavouras cafeeiras indicavam que a praga vinha retomando posição e devia ser combatida com energia. Esta progressão se verificou até o mês de Junho, tendo a praga atingido a infestações de 10 e 12% em muitos municípios. Tão patente foi o recrudescimento da praga que então, chamamos a atenção dos cafeicultores, para a necessidade de se manterem alertas.

A intensa seca que se seguiu e se prolongou até o mês de Outubro reduziu a atividade da broca. Este fato concorreu para a redução de prejuízos, mesmo em lavouras que não foram polvilhadas. Colheu-se, de modo geral em todo Estado de São Paulo, uma safra livre de estragos causados pela broca. Apezar disto, foi possível verificar em vários municípios, durante o benefício que invariàvelmente apareciam cafés perfurados, indicando a presença da praga. Em Ourinhos e Assis vimos mesmo, cafés de mau aspecto com mais de 20% de favas perfuradas. De qualquer modo e em qualquer lugar observa-se que a broca não desapareceu completamente e ainda que não perde a oportunidade para se expandir com rapidez, quando as condições lhe são favoráveis.

Estamos no mês de Outubro, já em pleno regime de chuvas. As floradas de modo geral foram tardias, como as primeiras chuvas. A formação de frutos já está iniciada e tão logo êstes atinjam seu completo desenvolvimento, mesmo que ainda verdes, já serão procurados por fêmeas da broca que aí iniciarão suas posturas. Em cada propriedade os primeiros movimentos da praga se farão sentir nos focos, já conhecidos. A atenção que deverá se distribuir por toda lavoura, para surpreender a praga e combatê-la, convirá se concentrar nas baixadas e grotas mais frescas.

A atitude de alerta do cafeicultor neste momento, vai além da observação das lavouras. Agora é que as máquinas polvilhadeiras devem ser reparadas. Todo o equipamento deve ser posto em condições de entrar em perfeito funcionamento. Os inseticidas já diluídos ou não, os misturadores, os pós inertes, os veículos de tração (tratores, carretas, etc.) e os aviões polvilhadores, devem ser providenciados ou revisados.

O **Instituto Biológico** acompanhará a evolução da broca nos cafèzais do Estado de São Paulo e dará conhecimento aos cafeicultores dos fatos que merecerem comentário.

Do ponto de vista da assistência técnica, das informações mais detalhadas, ou ainda, da necessidade das inspecções locais, os interessados serão atendidos através de pessoal da Secção de Assistência Fitossanitária, tão logo encaminhem qualquer solicitação.

"Bicho Mineiro" das fôlhas do cafeeiro.

O "bicho mineiro" da fôlha do cafeeiro — Perileucoptera — tem aumentado bastante a área de ataque intenso, incidindo sôbre as fôlhas do cafeeiro, marcadamente na época da seca, concorrendo para a queda da folhagem. Êste fato, concomitante com a seca influe sensìvelmente no pegamento da florada, reduzindo a safra do ano.

A zona que se situa além de Tupã, nos espigões entre o Rio Aguapeí e o Rio do Peixe, compreendendo os municípios de Oswaldo Cruz, Lucélia, Adamantina, Junqueirópolis, Dracena e Gracianópolis entre outros, têm sofrido ataques fortíssimos da praga. O Instituto Biológico intensificou aí a assistência técnica aos cafeicultores e a Junta Executiva de Combate à Broca do Café, instalou vários Postos de Revenda de inseticidas.

Infelizmente, a praga vem concorrendo para prejuízos em vários municípios da Noroeste, da Alta Sorocabana, Mogiana, tronco da Paulista e Araraquarense, indicando que o caso é merecedor de atenção.

Várias lavouras nas zonas mais infestadas têm sido defendidas com a aplicação do BHC a 1% de isômero gama, à razão de 40 quilos por mil pés, conjugada à adubação orgânica. O tratamento pelo inseticida é iniciado nos mêses de Abril-Maio na entrada da sêca, quando a praga intensifica sua proliferação.

A aplicação de inseticida, no momento, é contra indicada para o combate ao "bicho mineiro" que será mantido em reduzida atividade durante toda estação chuvosa.

A incorporação de matéria orgânica é indicada com o objetivo de fortalecer a planta e aumentar a retenção de água nos solos. Têm-se observado que o armazenamento das águas da chuva em solo assim adubados, permite aos cafeeiros a utilização da reserva de água no período sêco. Os dois fatores que vêm concorrendo para a diminuição da produção das lavouras, sêca e "bicho mineiro", passam a agir com menos intensidade. A água retida no solo, diminue os efeitos da sêca e a planta vigorosa resiste melhor a infestação da praga.

A produção de adubo orgânico em cada propriedade é caminho seguro para a luta contra o "bicho mineiro". Muitas fazendas de café já estão organizadas para a preparação do "Composto" largamente recomendado pela Divisão de Fomento Agrícola da Secretaria da Agricultura. Por isso é oportuno tratar do problema do "bicho mineiro" agora. E' verdade que com as chuvas a praga perde atividade e não causa prejuízos, mas dêste momento em diante, é que podem ser formadas capineiras e organizado o trabalho para produção de adubo orgânico a ser incorporado ao solo. A adubação orgânica é medida fundamental para combate ao "bicho mineiro". O emprêgo de tortas de algodão, mamona e cacau de mistura com terra vegetal rica, também é recomendável.

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 697 CARTA SEMANAL DO MERCADO 3 de Novembro de 1950

SITUAÇÃO GERAL: Ao que parece, as medidas restritivas sôbre o crédito adotadas pelas autoridades de Washington com o fim de combater o perigo da inflação, estão conseguindo certo êxito, de vez que o índice do custo da vida, que havia começado a subir vertiginosamente com o início da guerra na Coréia em Junho último, está agora subindo de uma maneira muito menos pronunciada.

Isso não significa, porém, que o perigo da inflação haja desaparecido, pois, existem, pelo contrário, poderosos fatores inflacionistas cujos efeitos na economia geral ainda não começaram a fazer-se sentir totalmente. Entre esses fatores figuram os aumentos substanciais de salários ganhos pelos operários em quase todas as indústrias do país e, acima de tudo, ás enormes verbas que o Govêrno Federal vai gastar com o programa de rearmamento a partir de Julho do próximo ano.

A êsse respeito, o chefe do programa de rearmamento, Sr. W. Stuart Symington, declarou ontem, em termos definitivos, que o Govêrno Federal não vacilaria em aplicar qualquer medida de control que considerasse necessária para travar o trem inflacionista. Depois de castigar duramente aqueles comerciantes que têm elevado os preços "sem nenhuma justificação", o Sr. Symington disse que "a ameaça inflacionista representa para as nossas instituições democráticas um perigo tão grande como o do comunismo".

Quanto ao panorama econômico internacional, as declarações do Secretário de Comércio Sawyer na quarta-feira e a informação que acaba de divulgar o Banco Federal de Reserva, revelam que é muito provável que ao serem revelados os dados sôbre a exportação e importação dos Estados Unidos no terceiro trimestre do ano corrente, êstes mostrem que não só desapareceu, nesse trimestre, o excesso das exportações sôbre as importações dêste país como também tenha havido um aumento nas disponibilidades de dólares e ouro nos países estrangeiros, equivalente a cêrca de 1.500.000.000 de dólares. Se essas tendências continuarem, os objetivos do Plano Marshall teriam sido assim atingidos, pois êles visavam, precisamente, o restabelecimento da economia mundial até ao ponto de conseguir o livre intercâmbio de divisas.

MERCADO DE CAFÉ: O ambiente de apatia, evidente, desde há tempo, continuou durante a semana em revista e o consequente retraimento dos torradores voltou, portanto, a debilitar os níveis gerais de preços. Outro fator que também contribuiu para roubar firmeza ao mercado foi a baixa de 2 c/ por libra anunciada por vários torradores durante a semana.

Ao analizar-se esta inatividade no mercado, deve ter-se em mente o fato de que essa tranquilidade está na realidade escondendo uma situação básica de tensão a qual é, naturalmente, a incerteza sôbre a data em que o mercado voltará a mostrar atividade. A existência dessa situação poude observar-se, ontem, no têrmo local onde a presença de uma ligeira e irregular procura conseguiu reanimar o mercado e quase conseguiu anular as baixas sucessivas registradas durante os três primeiros dias da semana.

Embora seja impossível predizer a data em que a atividade voltará ao mercado, os cálculos de importação para os meses de Outubro e Novembro pare-

cem indicar, contudo, que essa data se avizinha. Depois das substanciais importações de Agôsto e Setembro, as quais foram de cêrca de 2 milhões de sacas mensais, as estimativas preliminares indicam que as importações durante Outubro diminuiram para cêrca de 1.600.000 sacas, ao passo que se espera que as importações de Novembro sejam ainda menores.

Se tomarmos em conta o fato de que o consumo de café está aumentando à maneira que o outono avança, a diminuição das importações significa, lógicamente, que está a caminho de desaparecer a posição vantajosa dos inventários tal como existia êste verão. Consequentemente poder-se-ia dizer que o próximo mês de Dezembro bem poderia ser a data para o reaparecimento da atividade neste mercado.

Essa estimativa é feita tendo em consideração o fato de que a partir de Dezembro o consumo é maior ao passo que as compras adiantadas dos importadores, segundo o indicam as tendências dos desembarques, encontram-se atualmente a níveis inferiores.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York o volume de operações foi ligeiramente inferior ao da semana anterior, ao passo que a posição aberta, no Contrato "S", continuou em expansão, somando, esta manhã, 3.095 lotes em comparação com 3.029 lotes na sexta-feira da semana passada.

A falta de interêsse por parte dos torradores influiu sensivelmente no mercado físico do produto, no qual notou-se uma baixa de aproximadamente 2 c/ em comparação com os níveis que prevaleciam há quinze dias.

Relativamente aos cafés brasileiros, o tipo Santos 4, na base F.O.B., foi oferecido a preços que oscilavam de 48,25 c/ para cima, ao passo que os cafés colombianos eram oferecidos, para embarque imediato, a preços entre 51,75 c/ e 52,75 c/, segundo a respetiva qualidade.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	28-10-1950	212.000	70.000	16.000	298.000
	21-10-1950	117.784	7.011	1.075	88.825
	29-10-1949	209.000	64.000	20.000	293.000
COLÔMBIA**	28-10-1950	80.739	7.011	1.075	88.825
	21-10-1950	117.784	899	1.354	120.037
	29-10-1949	142.882	1.681	13.570	158.133

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 28-10-1950	21-10-1950	29-10-1949
BRASIL*	Santos	1.759.000	1.825.000	2.160.000
	Rio	667.000	577.000	880.000
	Vitória	102.000	102.000	211.000
	Paranaguá	858.000	728.000	278.000
	Pernambuco	12.000	11.000	19.000
	Bahia	22.000	25.000	52.000
	Angra dos Reis	17.000	21.000	58.000
	Total	**3.437.000**	**3.289.000**	**3.658.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	168.235	168.573	136.879
	Cartagena	86.674	86.821	23.885
	Buenaventura	81.909	78.727	25.189
	Cucuta	90.743	90.743	53.273
	Total	427.561	424.864	239.226

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*:
Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
28-10-1950	104.580	114.177	54.730	273.487
21-10-1950	109.687	115.271	48.792	273.750
29-10-1949	59.477	173.597	21.248	254.322

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

Escritório Pan-Americano do Café — Quadro Estatístico — Nº 1573

PREÇOS DO CAFÉ NA BOLSA DE NOVA YORK

OUTUBRO DE 1950

	Média	Máx.	Mín.
BRASIL			
Santos tipo 2	53.60	55.00	51.50
Santos tipo 4	52.30	53.00	50.50
Minas Gerais	(*)	(*)	(*)
Bahia	(*)	(*)	(*)
Rio tipo 7	43.00	44.00	42.50
Vitória 7/8	42.00	43.00	41.50
COLÔMBIA			
Medellin	54.25	55.25	52.50
Armenia	54.25	55.25	52.50
Manizales	53.95	55.00	52.00
Girardot	53.70	54.75	51.75
COSTA RICA			
Tipo fino	54.75	56.00	52.75
Lav. tipo baixo	52.50	53.50	51.00
REP. DOMINICANA			
Lavado	51.80	53.00	50.00
Natural	47.20	49.00	45.00
EQUADOR			
Natural	46.00	47.00	45.00
SALVADOR			
Lav. tipo fino	54.00	55.00	52.25
Natural	49.35	50.00	48.00
GUATEMALA			
Bom Lavado	53.40	55.00	51.50
Bourbon	53.10	54.75	51.00
HAITI			
Lavado	52.00	53.00	51.00
Natural (taim)	48.00	49.00	47.00
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	53.70	55.00	52.00
Tapachula	53.20	54.50	51.50
NICARAGUA			
Lavado	52.75	54.00	51.00
VENEZUELA			
Tachira lav.	53.70	55.00	52.00
Tachira nat.	51.00	52.00	50.25
Trujillo	(*)	(*)	(*)
ROBUSTA			
Natural	40.80	42.00	39.00
PORT. W. AFRICA			
Amboin	41.90	43.50	40.00
Ambriz	41.30	43.00	39.00
MOCHA			
Genuine	54.50	55.50	53.00

Escritório Pan-Americano do Café **Quadro Estatístico — N.º 1575**

BOLSA DO CAFÉ E AÇÚCAR DE NOVA YORK

(Preços nos E. U. em cents. por libra peso)

CONTRATO "S" SANTOS	Fech. 26-10-50	Máxi.	Mín.	Fech. 2-11-50	Var.	Vendas
Dezembro	50.14	51.25	48.85	49.90	—0.24	273
Março	47.77	49.15	46.50	47.50	—0.27	193
Maio	46.57	47.90	45.25	46.24	—0.33	112
Julho	45.17	46.80	44.15	45.10	—0.07	185
Setembro (*)	44.15	45.85	43.15	44.10	—0.05	165
CONTRATO "U"						
Dezembro	49.20	——	——	48.75	—0.45	—
Março	46.75	——	——	46.40	—0.35	—
Maio	45.60	——	——	45.20	—0.40	—
Julho	44.30	——	——	44.00	—0.30	
Setembro	43.30	——	——	43.00	—0.30	—
CONTRATO "D" SANTOS						
Dezembro	48.50	——	——	48.40	0.10	

(*) Novo Contrato.

VENDAS*

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "U"	Contrato "D"	Total
2-11-50	928	—	—	928
26-10-50	975	—	—	975

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 2 DE NOVEMBRO DE 1950

	Semanas terminadas em: 2-11-50	26-10-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	51.50	53.50	—2.00
Santos tipo 4	50.50	52.50	—2.00
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7	42.50	43.50	—1.00
Vitória 7/8	41.50	42.50	—1.00

	Semanas terminadas em: 2-11-50	26-10-50	Var.
GUATEMALA			
Bom lavado	51.50	52.75	—1.25
Bourbon	51.00	52.50	—1.50
HAITI			
Lavado	51.00	51.00	——
Natural (taim)	47.00	47.00	——

COLÔMBIA			
Medellin	52.50	53.75	—1.25
Armenia	52.50	53.75	1.25
Manizales	52.00	53.50	—1.50
Girardot	51.75	53.25	—1.50
COSTA RICA			
Tipo fino	52.75	54.00	—1.25
Lav. tipo baixo	51.00	52.00	—1.00
REP. DOMINICANA			
Lavado	50.00	51.00	—1.00
Natural	45.00	46.00	—1.00
EQUADOR			
Natural	45.00	46.00	—1.00
SALVADOR			
Lav. tipo baixo	52.25	53.50	—1.25
Natural	48.00	49.00	—1.00
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	52.00	53.00	—1.00
Tapachula ...	51.50	52.50	1.00
NICARAGUA			
Lavado	51.00	52.25	—1.25
VENEZUELA			
Tachira lav. .	52.00	53.00	—1.00
Tachira nat. .	50.25	50.25	——
Trujillo	(*)	(*)	
ROBUSTA			
Natural	39.00	40.00	—1.00
PORT. W. AFRICA			
Amboin	40.00	41.00	—1.00
Ambriz	39.00	40.50	—1.50
MOCHA	53.00	54.00	—1.00

(*) Não cotado.
(*) Mercado inativo — Cotações nominais.

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: O correspondente em Santos do "Tea and Coffee Trade Journal" publicou o seguinte na edição de Outubro daquela revista: "A possibilidade de uma boa safra paulista em 1950/51 diminuiu consideràvelmente devido à falta de chuvas em algumas zonas produtoras durante os últimos três meses e a uma seca mais prolongada em outras regiões. Os últimos dados recebidos do interior indicam que houve chuvas no Paraná e em algumas regiões do Sul do Estado de São Paulo. Nas zonas da Paulista, Araraquarense, São Paulo-Goiaz, Mogiana e Sul de Minas, a seca continua com grande detrimento para as plantações e para a florada de Setembro... Durante uma recente visita às regiões produtoras de São Paulo e Minas pudemos constatar a transformação que teve lugar na opinião dos cafeicultores, os quais já não esperam uma grande safra para 1951. Tentamos pelo menos ser realistas em nossos comentários e predições sôbre a produção cafeeira no Brasil e é com muito pesar que nos vemos obrigados a confessar que a própria natureza está conspirando para fazer baixar a produção. Necessitamos do apôio e da cooperação dos Estados Unidos, nosso maior cliente, para podermos proteger e cuidar nossos cafèzais e assim obtermos melhores safras no futuro. Essa produção maior trará, necessàriamente, uma redução nos preços, a qual é preferível à guerra que estão fazendo ao nosso principal produto de exportação".

Guatemala: Os lavradores e exportadores de café na Guatemala estão considerando com interêsse a possibilidade de embarcar uma boa parte do café da pre-

sente safra em aviões de carga, segundo informa a edição de Outubro último da revista "Tea and Cofee Industries". Num artigo dessa revista sôbre o assunto, diz-se ainda o seguinte: "Os exportadores calculam que pelo menos 62.500 toneladas de café, no valor de US$65.000.000, serão embarcadas para os Estados Unidos durante o presente ano de safra. As principais linhas aéreas estão estudando detalhadamente o custo e benefícios de transportar o café por avião. Segundo a opinião das linhas aéreas, o principal obstáculo ao uso de aviões para transportar café é a convicção dos lavradores e exportadores de que o seu custo seria excessivo. Mas com as novas tarifas agora em vigor entre Guatemala City e New Orleans o custo de transportar café pelo ar está definitivamente em concorrência com o custo do transporte por mar. O fato de que a maior parte do café das regiões Sul e Oeste de Guatemala não tem que ser transportada por estrada de ferro para Puerto Barrios e alí armazenada, à espera de navio, oferece uma definida vantagem. Os exportadores já verificaram que o café pode ser embarcado no aeroporto de Guatemala City, no centro do país, e desembarcado em New Orleans diretamente nos armazens dos torradores ou nas estações de estrada de ferro para distribuição noutros pontos dos Estados Unidos. Assim, dentro de cinco a seis horas o café embarcado em Guatemala City chega aos armazens dos torradores em New Orleans.

"As tarifas para o café são agora de 3 c/ por libra de Guatemala City, e segundo afirmam os dirigentes das linhas aéreas êsse preço é mais ou menos o mesmo que o das tarifas em vigor nas companhias de navegação. Um representante de uma grande firma importadora dos Estados Unidos, ao comentar o assunto, disse o seguinte: "Dentro em breve todo o café de Guatemala será transportado para os Estados Unidos por meio de avião de carga. Até a data as grandes dificuldades eram o alto custo do frete aéreo e a falta de equipamento adequado nos aeroportos. À vista de que o custo do frete aéreo baixou para 3c/ por lb. e o aeroporto de Guatemala City está agora dotado com o equipamento necessário para o embarque tão bom ou melhor que o equipamento nos Estados Unidos, a maior parte dos problemas foi solucionada. O serviço diário de aviões de carga para os Estados Unidos inaugurado pela TACA e Pan-American junto com o serviço similar de outras companhias aéreas, torna possível o embarque de grande volume de mercadoria por ar sem qualquer dificuldade".

PUERTO RICO DECRETOU RECENTEMENTE IMPÔSTO DE CONSUMO SÔBRE O CAFÉ: Segundo informa a imprensa local o Governador Munoz Marin aprovou um impôsto de consumo sôbre o café produzido na ilha. O mesmo decreto cria um fundo para a rehabilitação da indústria cafeeira e permite a fixação de preços quer para o café doméstico quer para o importado. A próxima safra será apenas de uns 199.000 quintais ao passo que o consumo na ilha excede 300.000 quintais. O Govêrno autorizou, portanto, a importação mensal de 7 a 15 mil quintais da República Dominicana, New York e Haiti para compensar aquele déficit. Provavelmente o preço local será aumentado de 55 c/ para 76 c/ por libra.

ESTADOS UNIDOS

Importações de Café: Da edição de Outubro último da revista "Cofee and Tea Industries", reproduzimos os seguintes dados: "Em 1949/50 (Julho a Junho) os Estados Unidos importaram, para consumo doméstico, 8% menos de café. Por outro lado as importações, para consumo de chá subiram 17% e as de cacau subiram 11% em comparação com 1948/49, segundo informa o Bureau of Census dos Es-

tados Unidos. Em termos do seu valor, café manteve a sua posição como o principal produto agrícola de importação nos Estados Unidos, pois representou, em 1949/50, 27% das importações totais de produtos agrícolas e 12% do total global. A quantidade de café importado deminuiu de 2.780.000.000 lbs. em 1948/49 para 2.568.000.000 lbs. em 1949/50, ao passo que o seu valor correspondente aumentou em 23%, isto é, de US$709,000,000 em 1948/49 para US$870,000,000 em 1949/50.

"Antes da guerra (1935 a 1939) os Estados Unidos costumavam importar uma média anual de 1,838,000,000 lbs. de café para consumo, no valor de US$140,000,000. O valor do café cru por libra foi em média de 33,9 c/ em 1949/50, comparado com 25,5 c/ em 1948/49 e 7,6 c/ antes da guerra mundial. O volume das importações de café para consumo nos Estados Unidos, foi, em 1949/50, 40% maior do que no período antes da guerra. O valor total dessas importações foi 521% maior do que naquele período e o preço por libra do café cru foi, em 1949/50, 346% mais alto do que antes da guerra.

"Em 1949/50 as importações de chá nos Estados Unidos, para consumo, foram 18% maiores em volume, 163% maiores em valor total e 123% mais altas relativamente ao valor por libra do que no período anterior à guerra mundial. O volume de chá importado nos Estados Unidos, para consumo, aumentou 17%, de 89.200.000 libras em 1948/49 para 104.500.000 lbs. em 1949/50, ao passo que o valor correspondente aumentou 16%, de US$43,500,000 em 1948/49 para 50,500,000 em 1949/50. No período anterior à guerra mundial, os Estados Unidos importavam uma média anual de 88.500.000 lbs. de chá no valor de $19.200,000. O valor per libra foi de 48,3 c/ em 1949/50 comparado com 48,8 c/ em 1948/49 e 21,7 c/ antes da guerra mundial.

"Os países de origem para o chá importado nos Estados Unidos em 1949/50 e a quantidade exportada de cada um dêsses países são indicados no quadro seguinte:

Índia	40.700.000	de	lbs.
Ceilão	35.000.000	"	"
Indonésia	10.300.000	"	"
Japão	4.500.000	"	"
China	3.400.000	"	"
Taiwan	3.400.000	"	"
Moçambique	3.400.000	"	"

"Quanto ao cacau, as importações nos Estados Unidos, para consumo, foram 11% maiores em 1949/50 do que antes da guerra. O valor total dessas importações mostraram um aumento de 318% e o valor per libra aumentou 274% em relação ao período anterior à guerra mundial".

CAFÉS COLONIAIS

Produção na Africa Inglesa: Da revista "Foreign Crops and Markets" reproduzimos o seguinte sôbre a safra 1950/51 naquela região: "Segundo o Sr. R. M. Schnaider, do Consulado Geral Americano em Nairobi, espera-se uma safra "record" de 940.000 sacas exportáveis para 1950/51. Essa cifra é de comparar com a estimativa revisada de 765.000 sacas em 1949/50, com a safra de 880.000 sacas em 1948/49 e com a média anual de 775.000 sacas antes da guerra. Daquele total, Kenya deverá produzir 140.000 sacas, Tanganyika 245.000 sacas e Uganda 555.000 sacas. Cêrca de uma terça parte da safra 1950/51 será de Arábica e o resto são cafés Robusta.

Durante 1949/50 as exportações de café da África Oriental Inglêsa foram de 817.000 sacas, de cujo total cêrca de 26% foi consignado à Grã-Bretanha. Para os Estados Unidos foram exportadas 125.000 sacas, ou sejam 15%. Unicamente umas 11.000 sacas, dêsse total, foram embarcadas para os Estados Unidos durante os primeiros seis meses de 1949/50. Mas de Fevereiro a Junho de 1950 as exportações da África Oriental Inglesa para os Estados Unidos aumentaram constantemente até atingirem a cifra máxima de 30.000 sacas em Junho último".

N.º 698 CARTA SEMANAL DO MERCADO 10 de Novembro de 1950

SITUAÇÃO GERAL: A confirmação oficial sôbre a intervenção chinesa no conflito coreano, que veio obscurecer o panorama político internacional e eliminar a derradeira dúvida acêrca da amplitude do programa de rearmamento dos Estados Unidos e da urgência com que o mesmo será executado, exerceu uma decidida influência altista nos mercados de produtos naturais básicos. Consequentemente o índice geral dêsses mercados elevou-se sensìvelmente, calculando-se que, neste momento, tenha já excedido o nível "record" alcançado em Agôsto de 1948. Analizando os fatores principais que possam afetar os mercados, conclue-se que é bastante difícil prever, neste momento, as suas perspectivas.

Assim, deve-se ter em conta, por um lado, que à medida que os preços sobem avizinha-se a data da imposição de contrôles. Mas, por outro lado, tem que se considerar o resultado das recentes eleições o qual indica que o Presidente Truman bem poderá encontrar forte oposição no novo Congresso a qualquer programa rígido de contrôles econômicos. Além disso há ainda que considerar o fato de que o comércio vae mostrar certa relutância em aumentar seus inventários, a despeito da tendência altista dos preços, à vista dessa possibilidade de contrôles retroativos, os quais poderiam trazer-lhe perdas consideráveis.

Relativamente ao público consumidor há indícios de que as restrições sôbre o crédito, impostas há semanas pelo Govêrno Federal, estão afetando de maneira considerável o volume de suas compras, especialmente no que respeita a casas de habitação, automóveis e outros produtos que implicam o desembolso de grandes quantias de dinheiro. Porém, é bom não esquecer que a renda individual está aumentando consistentemente como resultado da subida dos salários na indústria ao passo que, por outro lado, o custo da vida também está aumentando.

Resumindo a situação, poder-se-ia dizer, neste momento, que existem poderosos fatores inflacionistas cuja pressão irá aumentando à medida que as despesas federais materializam e o programa de rearmamento progride, mas existem também poderosos fatores para neutralizar essas tendências inflacionistas tais como os contrôles governamentais e a prudente atitude do comércio e indústria relativamente a inventários.

MERCADO DE CAFÉ: Êste mercado seguiu o movimento dos demais mercados de produtos naturais, conseguindo certa firmeza não obstante o fato de um bom número de importantes firmas torradoras haverem baixado até 3 c/ por libra os preços de suas marcas. Como é natural, êsse fator contribuiu para travar, até ponto, o movimento ascendente das cotações no têrmo, de véz que essa firmeza súbita do mercado não foi acompanhada de qualquer incremento sensível na procura.

Observa-se, sim, uma diminuição na oferta dos países produtores e tal fato contribuiu para manter firme o nível de preços no mercado físico do produto, a despeito de uma perda de cêrca de 50 pontos ontem registrada no têrmo local, a

qual foi motivada pelos rumores que circularam sôbre a iminência de uma solução pacífica da questão chinesa. Hoje, porém, as cotações recomeçaram sua marcha ascendente e, às duas horas da tarde, acusavam ganhos de 100 pontos.

Devido ao dia feriado de terça-feira última, houve uma diminuição no volume de transações na Bolsa de Café desta cidade. O total negociado foi de 732 lotes em comparação com 928 lotes durante a semana anterior. Exceptuando a posição imediata de Dezembro — a qual, no Contrato "S" ùnicamente registrou um aumento de 10 pontos — todas as outras posições mostravam ganhos numa média de 80 pontos ao encerrar da sessão de ontem. A posição aberta continua acusando aumentos diários e, no Contrato "S", essa posição era, esta manhã, de 3.171 lotes pendentes de entrega em contraste com a cifra de 3.095 lotes na sexta-feira da semana passada.

No Contrato "U" houve uma operação de dois lotes e a posição aberta nesse Contrato eleva-se agora a 6 lotes ao passo que no Contrato "D" não houve nenhuma alteração, mantendo-se a referida posição em 9 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No mercado físico do produto observou-se, durante a semana em revista, maior firmeza nos cafés de várias procedências excepto Brasil. Relativamente aos cafés brasileiros, o tipo Santos 4 é oferecido a 48,50 c/ F.O.B. ao passo que o tipo mais fino 2/3 é cotado até 51 c/, também F.O.B. Os cafés colombianos foram vendidos, para embarque imediato, de 52,38 c/ até 53 c/ dependendo da qualidade. Quanto aos cafés da América Central, há informações de que a oferta é muito limitada e de que os exportadores, alí, indicam o desejo de esperar por melhor procura de preferência a dispor, agora, de seus cafés.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	4-11-1950	195.000	108.000	9.000	312.000
	28-10-1950	212.000	70.000	16.000	298.000
	5-11-1949	286.000	110.000	9.000	405.000
COLÔMBIA**	4-11-1950	57.468	6.291	1.790	65.549
	28-10-1950	80.739	7.011	1.075	88.825
	5-11-1949	94.615	194	1.195	96.004
	Dados Mensais:				
BRASIL*	Outubro, 1950(***)	974.000	600.000	110.000	1.684.000
	Setembro, 1950	999.000	556.000	166.000	1.721.000
	Setembro, 1949	1.280.000	568.000	97.000	1.945.000
COLÔMBIA**	Outubro, 1950	420.928	22.133	17.671	460.732
	Setembro, 1950	511.028	16.617	14.603	542.248
	Setembro, 1949	524.772	42.549	36.049	603.370

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas findas em:		
	Portos	**4-11-1950**	**28-10-1950**	**5-11-1949**
BRASIL*	Santos	1.682.000	1.759.000	2.136.000
	Rio	697.000	667.000	866.000
	Vitória	109.000	102.000	193.000
	Paranaguá	873.000	858.000	251.000
	Pernambuco	13.000	12.000	19.000
	Bahia	20.000	22.000	54.000
	Angra dos Reis	16.000	17.000	59.000
	TOTAL	**3.410.000**	**3.437.000**	**3.588.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	186.505	168.235	94.098
	Cartagena	83.275	86.674	24.287
	Buenaventura	72.474	81.909	41.175
	Cucuta	90.743	90.743	56.268
	TOTAL	**432.997**	**427.561**	**215.828**

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:***

(Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
4-11-1950	110.273	121.994	63.587	295.854
28-10-1950	104.580	114.177	54.730	273.487
5-11-1949	63.007	162.123	23.918	249.048

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dados preliminares sujeitos a correção.

Escritório Pan-Americano do Café **Quadro Estatístico — N.º 1577**

BOLSA DO CAFÉ E DO AÇÚCAR DE NOVA YORK

(Preços nos E. U. cents por libra peso)

CONTRATO "S" SANTOS	**Fech. 11-2-50**	**Máxi.**	**Mín.**	**Fech. 11-9-50**	**Var.**	**Vendas**
Dezembro	49.90	51.10	48.70	50.00	+0.10	146
Março	47.50	49.00	46.45	48.15	+0.65	158
Maio	46.24	47.90	45.20	47.05	+0.81	138
Julho	45.10	46.75	44.20	46.00	+0.90	137
Setembro (*)	44.10	45.75	43.16	44.99	+0.89	151

(*) Contrato novo.

CONTRATO "U"						
Dezembro	48.75	48.70	48.70	48.25	—0.50	2
Março	46.40	——	——	47.10	+0.70	—
Maio	45.20	——	——	46.05	+0.85	—
Julho	44.00	——	——	45.00	+1.00	—
Julho	44.00	——	——	45.00	+1.00	—
CONTRATO "D" SANTOS						
Dezembro	48.40	——	——	48.75	+0.35	—

VENDAS*

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "U"	Contrato "D"	Total
11-9-50.....	730	2	—	732
11-2-50.....	928	—	—	920

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK NAS SEMANAS TERMINADAS EM NOVEMBRO DE 1950

	Semanas terminadas em: 11-9-50	11-2-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2 ..	52.00	51.50	+0.50
Santos tipo 4 .	51.00	50.50	+0.50
Minas Gerais .	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7 ...	42.50	42.50	—
Vitória 7/8 ...	41.50	41.50	—
COLÔMBIA			
Medellin	53.00	52.50	+0.50
Armenia	53.00	52.50	+0.50
Manizales	52.75	52.00	+0.75
Girardot	52.38	51.75	+0.63
COSTA RICA			
Tipo fino	53.00	52.75	+0.25
Lav. tipo baixo	51.00	51.00	—
REP. DOMINICANA			
Lavado	50.50	50.00	+0.50
Natural	45.00	45.00	—
EQUADOR			
Natural	45.00	45.00	—
SALVADOR			
Lav. tipo fino .	52.75	52.25	+0.50
Natural	48.00	48.00	—

	Semanas terminadas em: 11-9-50	11-2-50	Var.
GUATEMALA			
Bom lavado ..	51.50	51.50	—
Bourbon	51.00	51.00	—
HAITI			
Lavado	51.00	51.00	—
Natural	47.00	47.00	—
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	52.50	52.00	+0.50
Tapachula	52.00	51.50	+0.50
NICARAGUA			
Lavado	51.50	51.00	+0.50
VENEZUELA			
Tachira lav. ..	52.50	52.00	+0.50
Tachira nat. ..	50.75	50.25	+0.50
Trujillo	(*)	(*)	
ROBUSTA			
Natural	39.00	39.00	—
PORT. W. AFRICA			
Amboin	40.00	40.00	—
Ambriz	39.00	39.00	—
MOCHA	53.00	53.00	—

(*) Não cotado.

NOTA: Mercado mais firme com melhor investigação.

PAÍSES PRODUTORES

Venezuela: Da revista "Notícias de Venezuela" reproduzimos o seguinte: "O Ministro de Agricultura e Cria acaba de regressar a Caracas após uma viagem de estudo através da América Central. O Ministro era acompanhado dos Diretores do Instituto Agrário Nacional e da Escola Prática de Agricultura. Esta viagem do Ministro de Agricultura, relacionada com as suas atividades oficiais, teve por objetivo principal observar de perto a Escola de Agricultura de Turrialba, em Costa Rica, e os últimos progressos conseguidos em matéria de cultura e benefício do café. O Ministro declarou, ao regressar a Caracas, que lhe havia sido muito útil a viagem de estudos."

Guatemala: Segundo a revista "Foreign Crops and Markets", a Guatemala exportou no período de quatro semanas compreendido entre 3 de Setembro e 30 de Setembro 43.441 sacas de café cru, das quais 41.230 destinaram-se aos Estados Unidos, e o resto aos demais países. Durante o mesmo período já referido as vendas registradas (isto é, vendas dos produtores aos exportadores) foram apenas de 2.842 sacas. Durante o ano de safra (1.º de Outubro de 1949 a 30 de Setembro de 1950) essas vendas subiram a 964.494 sacas. As exportações de Guatemala durante o ano de safra 1949/50 foram no total de 900.277 sacas, das quais 822.095 destinaram-se aos Estados Unidos e 78.182 sacas foram para os demais países importadores. Essas cifras são de comparar-se com as exportações durante 1948/49, no total de 917.124 sacas, das quais 844.483 destinaram-se aos Estados Unidos e 72.641 sacas a outros países.

ESTADOS UNIDOS

Informação Sôbre as Safras exportáveis: Da revista "Foreign Crops and Markets", de 23 de Outubro último, transcrevemos o seguinte: "O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos pediu aos seus representantes diplomáticos e consulares nos principais países produtores de café para que façam um cuidadoso estudo dos fatores e acontecimentos susceptíveis de indicar o possível suprimento de café disponível para exportação em cada um dos próximos 5 anos. O Departamento de Agricultura está particularmente interessado em saber qual é a quantidade exata de árvores que têm por arbustos novos de maior capacidade de rendimento, as mudanças recentemente havidas no que respeita a mão de obra, sistemas de cultura, custo da produção, etc."

COMPRAS DE CAFÉ PELO EXÉRCITO: Do "Journal of Commerce" desta cidade, transcrevemos a seguinte informação sôbre as últimas compras do Exército: "O exército corrigiu novamente os dados relativos às ofertas que vai abrir no próximo dia 14 de Novembro. Originalmente haviam sido pedidas ofertas para 29.106 sacas de Santos e 14.364 sacas de colombianos para entrega de 1º de Dezembro a 10 de Dezembro, F.O.B. New Orleans. A 20 de Outubro essas quantidades foram reduzidas pouco mais ou menos para metade, mas agora diz-se que as quantidades originais são as que serão pedidas, com algumas alterações relativamente aos pontos de entrega. A seguir apresentam-se as condições correspondentes às referidas ofertas:

Lugares de Entrega	Data de Entrega	Em Sacas de 60 Quilos Tipo	
F. O. B. Houston, Texas	1º a 10 de Dezembro	Santos	5.163
F. O. B. New Orleans, La.	"	"	14.235
F. O. B. New Orleans, La.	"	"	9.707
F. O. B. Houston, Texas	"	Colombianos	1.814
F. O. B. New Orleans, La.	"	"	9.828
F. O. B. Brooklyn, N. Y.	"	"	2.722

EUROPA

Importações na Holanda: Durante o mês de Setembro último, as importações de café cru na Holanda foram de 14.308 sacas em comparação com 23.584 sacas importadas no mês anterior. Durante os primeiros nove mêses do corrente ano, as importações nesse país foram de 333.491 sacas, ou sejam 10% mais do que o total importado durante o mesmo período do ano passado, que foi de 303.548 sacas. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações distribuídas por países de origem:

País de Origem	Setembro, 1950	Jan./Set., 1950	Jan./Set. 1949
Brasil	559	107.316	127.047
Angola	178	79.358	106.749
Congo Belga	3.019	79.005	13.974
Costa Rica	6.908	16.352	——
Bélgica-Luxemburgo	964	9.219a	14.116
Indonésia	65	7.921	15.749
República Dominicana	——	7.640	9.093
Colômbia	250	6.803	5.772
Índia	421	4.436	——
Guatemala	596	4.021	——
México	——	2.565	——
O Salvador	833	2.028	303
Nicarágua	——	1.541	——
Malaia Inglesa	——	1.230b	——
Portugal	——	717c	836
Estados Unidos	3	536e	——
Haití	——	517	1.039
Timor Português	——	466	——
Etiópia	167	450	——
Tanganyika	——	332	——
Kenya e Uganda	——	329	718
Suiça	185	285f	118
Inglaterra	154	217g	——
Venezuela	——	146	500
Alemanha Ocidental	——	51d	——
Sudoeste de África	5	5	——
Libéria	——	1	——
Total	14.308	333.491	303.548h

a) Inclue 8.789 sacas de origem africana, 117 brasileira e 313 de outras regiões da América.
b) 897 sacas da Indonésia e 333 de "Outros".
c) De origem africana.
d) De origem Indonésia.
e) 534 sacas de "Outras regiões da América" e 2 sacas do Brasil.
f) 229 sacas de "Outras regiões da América" e 56 sacas do Brasil.
g) 216 sacas de "Outras regiões da América" e 1 saca de origem africana.
h) Inclue 7.482 sacas de Trinidad e Tobago, e 46 sacas de Surinam.

NORUEGA: As importações de café cru na Noruega durante o mês de Agôsto último, foram no total de 14.908 sacas em comparação com 8.081 sacas importadas em Julho e 24.160 sacas em Junho do ano corrente. Durante os primeiros oito mêses dêste ano as importações foram de 168.229 sacas contra 192.424 sacas no mesmo período do ano passado, ou seja um declínio de 13%. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações destribuidas por países de origem:

País de Origem	Agôsto, 1950	Jan./Agôsto, 1950	Jan./Agôsto 1949
Brasil	13.697	154.551	144.398
África Oriental Inglesa	—	4.223	1.146
Guiana Holandesa	97	3.332	6.309
Etiópia	718	2.914	2.048
África Portuguêsa	352	1.778	10.669
Haití	—	1.056	20.787
Libéria	44	285	524
África Ocidental Inglesa	—	59	104
O Salvador	—	28	—
Venezuela	—	—	5.565
Equador	—	—	817
Outros	—	3	57
Total	14.908	168.229	192.424

Nº 699 CARTA SEMANAL DO MERCADO 17 de Novembro de 1950

SITUAÇÃO GERAL: Após um mês de pronunciada firmeza, acompanhada de ganhos quase diários, as cotações dos produtos naturais básicos baixaram ontem no meio de uma onda de liquidações que veio interromper aquele movimento altista. Êsse fenômeno foi atribuído à incerteza sôbre os futuros impostos federais, a melhores notícias da frente coreana e à liquidação de posições para realizar lucros, a qual sempre ocorre depois de uma longa subida ininterrupta do mercado. Entrementes, não se vislumbram quaisquer acontecimentos que pudessem afetar a estabilidade fundamental do mercado. Pelo contrário, o Presidente Truman ainda ontem declarou que embora esteja estudando o problema dos preços e dos salários êle não crê, porém, que tenha chegado o momento para impor controles. Com efeito, e segundo as notícias da imprensa, torna-se difícil prever, agora, qual a atitude do Govêrno a tal respeito. Ao passo que alguns círculos falam das iminentes medidas apenas das de contrôles outros incluindo o próprio presidente Truman referem-se à continuação dos contrôles voluntários por parte da in-

dústria e comércio. De qualquer maneira, seria mais correto dizer que até à reunião do novo Congresso não é de esperar-se quaisquer mudanças drásticas na política econômica do país.

O CAFÉ NO RELATÓRIO DA F.A.O. DAS NAÇÕES UNIDAS: A secção sôbre o café do relatório acêrca da situação mundial de alimentos em 1950, recentemente publicado pela F. A. O., despertou grande interêsse neste país. Por julgarmos de interêsse para os leitores desta CARTA, vamos reproduzir o texto de uma carta publicada na edição de 15 do corrente do diário "The New York Herald Tribune": "A secção sôbre o café do relatório que acaba de publicar a F.A.O. merece ser lido por todos os interessados na situação econômica da América Latina e nas relações entre as 21 nações dêste Hemisfério. Ao focalizar os fatores econômicos que explicam o aumento dos preços do café aquele documento desfaz o nevoeiro criado pela recente controvérsia sôbre os preços e ensina que o café, tal como qualquer outro alimento, está sujeito a fatores fora do contrôle humano e de que nenhum estratagema do mercado jamais poderá suplantar a lei fundamental da oferta e procura.

"Além dos aspectos econômicos, o relatório da F.A.O encerra um significado político que merece atenção. Embora não o declare abertamente o relatório desmente com toda a autoridade as acusações do Sub-comitê Gillette. Como se sabe, êste Sub-comitê provocou considerável ressentimento através da América Latina. Os nossos vizinhos protestaram junto do Departamento de Estado e subsequentemente o relatório Gillette foi corrigido e as acusações mais insultuosas eliminadas antes que fôsse publicado pelo Comitê do Senado de Agricultura e Silvicultura. O resultado de tudo isso, foi o ruído feito pelos políticos, os quais atacaram a indústria cafeeira tanto aqui como nos países produtores, contribuindo assim, com ou sem intenção, para piorar as relações inter-americanas já bastante tensas.

"Quanto ao público, êste foi mantido em completa ignorância sôbre a razão da alta dos preços — a qual fôra ditada pelo esgotamento dos grandes estoques dos anos de superprodução, tempo desfavorável e suprimentos insuficientes para satisfazer a procura. O presente relatório da F.A.O. junto com os dados divulgados pelo Bureau Pan-Americano do Café contribuem para corrigir aquela falta. Em minha opinião, nada prova melhor a necessidade de divulgar informações sôbre a interdependência econômica do mundo que a recente confusão sôbre o café. Parabens às Nações Unidas por outro excelente trabalho. — Dr. Alexander S. Lipsett".

MERCADO DE CAFÉ: As tendências de firmeza que se observavam desde a semana passada, foram ontem dissipadas com a baixa sensível nas cotações do termo local, sobretudo pelas liquidações da última hora, provocadas pela baixa nos demais mercados de produtos naturais. Esta manhã, porém, a bolsa abriu com altas, seguindo pouco depois um curso errático e a hora de escrevermos esta CARTA não se sabe ainda se a sessão de hoje vai encerrar com ganhos ou perdas em comparação com o encerramento de ontem.

A atividade foi particularmente notável no comércio de café cru cuja procura aumentou durante a semana. Por outro lado, os torradores, embora tenham aumentado, também, suas compras ainda não estão participando ativamente no mercado. Deve-se observar a êsse respeito que há informações aqui de que os varejistas começaram, de novo, a comprar café aos torradores. Isso poderá significar que os suprimentos em poder dos varejistas deveriam ter baixado demasiadamente pois de outra forma não se explicaria a sua atitude, neste momento, precisamente

quando os torradores reduziram, repentinamente, o preço de suas marcas. Poder-se-ia inferir assim que é muito provável que o consumo esteja aumentando com a chegada do inverno, fato que provocaria um movimento geral de reabastecimento por parte de toda a indústria cafeeira.

A despeito das baixas cotações de ontem, a Bolsa de Café desta cidade encerrou com altas substanciais em comparação com o encerramento de sexta-feira passada, sendo os ganhos de cêrca de 200 pontos no Contrato "S". O número de transações nesse Contrato voltou a exceder 1.000 lotes, ao passo que a posição aberta continuou em expansão e somava, esta manhã, 3.228 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O mercado físico do produto registrou uma alta geral de preços, particularmente nos colombianos, devido ao fato das chuvas prolongadas na Colômbia ameaçarem a colheita de fim de ano. Quanto aos cafés brasileiros, embora se haja falado de operações a 49,50 F.O.B. para o tipo Santos 4, o preço dêsse café anda ao redor de 50 c/. Os colombianos, para embarque imediato, são cotados de 55 c/ até 55,50 c/, êste último preço para um lote urgente. No que respeita aos cafés de outras procedências, menciona-se o preço de 52,50 c/ F.O.B. para embarque em Dezembro para os cafés de O Salvador e 50 c/ para lavado-corrente de Nicarágua e México, embarque Dezembro-Janeiro.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	11-11-1950	141.000	123.000	39.000	303.000
	4-11-1950	195.000	108.000	9.000	312.000
	12-11-1949	258.000	105.000	19.000	382.000
COLÔMBIA**	11-11-1950	52.020	18.811	2.681	73.512
	4-11-1950	57.468	6.291	1.790	65.549
	12-11-1949	90.198	872	1.852	92.922

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 11-11-1950	4-11-1950	12-11-1949
BRASIL*	Santos	1.661.000	1.682.000	2.177.000
	Rio	701.000	697.000	964.000
	Vitória	94.000	109.000	186.000
	Paranaguá	917.000	873.000	294.000
	Pernambuco	14.000	13.000	18.000
	Bahia	20.000	20.000	54.000
	Angra dos Reis	20.000	16.000	61.000
	TOTAL	**3.427.000**	**3.410.000**	**3.754.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	170.756	186.505	113.935
	Cartagena	84.403	83.275	33.794
	Buenaventura	74.616	72.474	34.350
	Cucuta	90.743	90.743	52.302
	TOTAL	**420.518**	**432.997**	**234.381**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:***

(Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
11-11-1950	111.763	126.801	72.262	310.826
4-11-1950	110.273	121.994	63.587	295.854
12-11-1949	58.202	158.450	24.165	240.817

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

Escritório Pan-Americano do Café — Quadro Estatístico — N.º 1581

BOLSA DE CAFÉ E AÇÚCAR DE NOVA YORK

CONTRATO "S" SANTOS	Fech. 9-11-50	Flutuações: Máxi.	Mín.	Fech. 16-11-50	Var.	Vendas
Dezembro	50.00	52.50	50.05	51.30	+1.30	228
Março	48.15	51.50	48.35	50.22	+2.07	305
Maio	47.05	50.45	47.25	49.05	+2.00	211
Julho	46.00	49.60	46.25	48.31	+2.31	214
Setembro (*)	44.99	48.60	45.25	47.30	+2.31	185

(*) Novo contrato.

CONTRATO "U"						
Dezembro	48.25	—	—	50.25	+2.00	—
Março	47.10	—	—	49.20	+2.10	—
Maio	46.05	—	—	48.05	+2.00	—
Julho	45.00	—	—	47.35	+2.35	—
Setembro	44.00	—	—	46.30	+2.30	—

CONTRATO "D" SANTOS						
Dezembro	48.40	—	—	50.00	+1.60	—

VENDAS*

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "U"	Contrato "D"	Total
16-11-50	1,143	—	—	1,143
9-11-50	730	2	—	732

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 16 DE NOVEMBRO DE 1950

	Semanas terminadas em: 16-11-50	9-11-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	53.00	52.00	+1.00
Santos tipo 4	52.00	51.00	+1.00
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7	43.50	42.50	+1.00
Vitória 7/8	42.50	41.50	+1.00
COLÔMBIA			
Medellin	55.25	53.00	+2.25
Armenia	55.25	53.00	+2.25
Manizales	55.00	52.75	+2.25
Girardot	54.75	52.38	+2.37
COSTA RICA			
Tipo fino	55.00	53.00	+2.00
Lav. tipo baixo	53.00	51.00	+2.00
REP. DOMINICANA			
Lavado	52.00	50.50	+1.50
Natural	46.00	45.00	+1.00
EQUADOR			
Natural	46.00	45.00	+1.00
SALVADOR			
Lav. tipo fino	55.00	52.75	+2.25
Natural	49.50	48.00	+1.50

	Semanas terminadas em: 16-11-50	9-11-50	Var.
GUATEMALA			
Bom lavado	53.50	51.50	+2.00
Bourbon	53.00	51.00	+2.00
HAITÍ			
Lavado	52.00	51.00	+1.00
Natural	48.00	47.00	+1.00
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	54.50	52.50	+2.00
Tapachula	54.00	52.00	+2.00
NICARAGUA			
Lavado	53.00	51.50	+1.50
VENEZUELA			
Tachira lav.	54.50	52.50	+2.00
Tachira nat.	52.00	50.75	+1.25
Trujillo	(*)	(*)	
ROBUSTA			
Natural	41.00	39.00	+2.00
PORT. W. AFRICA			
Amboin	42.00	40.00	+2.00
Ambriz	41.00	39.00	+2.00
MOCHA	55.00	53.00	+2.00

(*) Não cotado.

NOTA: Mercado muito firme.

PAÍSES PRODUTORES

O Café em Cuba: A revista "Cafetal", orgão da Associação Nacional de Cafeicultores cubanos, reproduziu em sua edição de Outubro último um artigo sôbre a situação cafeeira naquela ilha, o qual havia sido publicado originalmente no diário de língua inglesa em Havana, "The Havana Post". Reproduzimos a seguir alguns trechos do referido artigo da autoria do Dr. Claudio Beruff, Secretário da Associação Nacional de Cafeicultores de Cuba:

"A suspensão dos controles sôbre os preços que acaba de decretar o Govêrno cubano abre vastos horizontes para a indústria cafeeira. A cafeicultura sofria da falta de estímulo econômico para o seu incremento o qual terá por fim uma produção suficiente para abastecer o mercado doméstico e concorrer para cobrir o deficit no mercado importador internacional ao mesmo tempo que ganhará novas divisas adicionais para o tesouro nacional.

"O café era o único produto cujo preço permanecera congelado desde 1943... A produção diminuiu devido aos salários mais altos e ao alto custo do equipamento agrícola nas plantações, pois o congelamento dos preços do produto nem convidava novos capitais para inversão nessas plantações nem tampouco incitava os lavradores a produzir mais e a plantar mais. O Govêrno atual ao ver a lenta desaparição dos cafêzais e a ausência de novas plantações, entendeu que era necessário revalorizar o produto, abolindo assim os contrôles que pesavam sôbre o café no mercado cubano.

"Cuba é um dos poucos países da América Latina que está em condições, pela particularidade de suas terras, de sua mão de obra e situação geográfica, de incrementar sua produção para mais de três milhões de quintais.... O café cubano é produzido na Província de Oriente, (cêrca de 94%) na Província de Las Villas (uns 4%) e na Província de Pinar del Rio (uns 2%). Hoje em dia há cêrca de uns 30.000 cafeicultores registrados. Nos cafêzais trabalham correntemente uns 200.000 operários, justamente no tempo morto da safra açucareira. No passado, Cuba chegou a ser um país exportador de café, o qual constituia sua principal riqueza mas, à medida que foi aumentando a indústria açucareira, a do café também diminuiu."

O Salvador: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 6 do corrente, reproduzimos o seguinte: "O Govêrno de O Salvador anunciou recentemente a criação de um novo impôsto de exportação sôbre o café que entrará em vigor a 1º de Novembro de 1950. Em vez do impôsto fixo por saca, em vigor nos últimos sete anos, o novo impôsto será aplicado numa escala gradual ad valorem, baseada no preço de exportação, F.O.B. porto de O Salvador. Muito embora não seja possível predizer ainda qual o efeito que terá o novo impôsto sôbre a indústria local, a qual é a base da economia de O Salvador, alguns lavradores e exportadores são de opinião que êle poderá provocar grandes alterações nas vendas de café para exportação.

"O mercado local esteve demasiado tranquilo durante os últimos trinta dias. Essa tranquilidade deve ser devida, em parte, à atitude de expectativa adotada pela indústria antes da publicação do decreto relativo à nova taxa sôbre o produto. Até agora, cêrca de 350.000 sacas da safra 1950/51 foram registradas para entrega futura. A Companhia Salvadorenha de Café aumentou recentemente a cifra relativa à estimativa da safra total para 1.035.000 sacas de 60 quilos e alguns lavradores experientes crêm que essa cifra poderá, finalmente, ser ainda maior em uns 10%."

Nicarágua: A revista "Foreign Commerce Weekly", de 6 do corrente, publicava a seguinte notícia sôbre o impôsto de exportação naquele país: "O projetado impôsto de exportação sôbre o café foi finalmente aprovado pela Assembléia Cons-

tituinte. O novo impôsto é de US$3.00 por cada 100 lbs. de café exportadas sempre que o preço F.O.B. seja entre US$33.00 e $50.00 per 100 libras. Se o preço em questão baixar de US$33.00 o quintal (100 lbs.) o impôsto deixará, automàticamente, de existir. Se o mesmo chegar a subir para além de US$50.00 por quintal, um impôsto adicional de 25% sôbre a quantia recebida em excesso de US$50.00, será aplicado."

CAFÉS COLONIAIS

A Produção em Angola: Da revista "Foreign Crops and Markets", de 6 do corrente, reproduzimos o seguinte sôbre a produção de café naquela colónia portuguesa: "A safra colhida de Maio a Agôsto do ano corrente, é agora calculada em 510.000 sacas, segundo informa o Consulado dos Estados Unidos em Luanda. À vista de que o consumo doméstico da colónia é de aproximadamente 70.000 sacas anuais, a presente safra talvez proporcione umas 840.000 sacas exportáveis. A safra atual constitue uma colheita "record" para essa colónia. A produção total em 1949 foi unicamente de 610.000 sacas, segundo o cálculo feito pelas entidades oficiais da colónia, sendo a safra exportável apenas de 540.000 sacas.

"O aumento registrado na safra de 1950 é atribuído a vários fatores, entre os quais contam-se o bom tempo, colheita maior de café silvestre pelos aborígenes e a contribuição de vinte novas plantações de europeus. A Junta de Exportação do Café Colonial calcula que há aproximadamente 1.000.000.000 de árvores em Angola, cuja maior parte encontra-se em estado silvestre. As entidades oficiais explicam êsse fenômeno pela escassez crónica de mão de obra e dizem que uma parte substancial das safras fica nas árvores de ano para ano."

África Equatorial Francesa: O "Bulletin d'Information Economiques et Sociales" da África Equatorial Francesa, correspondente ao mês de Novembro dêste ano, publica um interessante artigo sôbre os vários parasitas que atacam as plantações de café africanas. Dêsse artigo reproduzimos o seguinte trecho: "Vários parasitas atacam as árvores de café nesta região: o 'coleoptere', que se introduz na fava; o 'punaise Antestia' que ataca a flor e a torna estéril, bem como vários géneros de fungos. Entre êstes últimos, contam-se 'fomes' que provoca a podridão das raízes; 'Hemilea Vastatrix' que torna as folhas amarelas, e o 'Fusarium Xilaroides' que ataca o sistema circulatório da árvore. A esta última doença dá-se aqui o nome de 'trachéomycose'. Em 1937 e 1938, essa doença destruiu quase todas as plantações de 'Excelsa', as quais foram substituídas por 'Robustas', de forma que esta variedade é que constitue, atualmente quasi toda a produção, mas o fungo "Fusarium" já começou a atacar a Robusta, a qual até agora era considerada imune".

Estatìstica

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA ECONÔMICA E FINANCEIRA

COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

EXPORTAÇÃO

RESUMO POR GRANDES CLASSES — 1949-1950

Janeiro a Agôsto

GRANDES CLASSES	1949	1950	+ ou — em 1950
	Quantidade (t)		
Classe I — Animais vivos ...	196	2	— 194
Classe II — Matérias primas ..	1.272.359	1.346.903	+ 74.544
Classe III — Gêneros alimentícios	1.091.891	852.022	— 239.869
Classe IV Manufatura	15.580	12.150	— 3.430
Total	2.380.026	2.211.077	— 168.949
	Valor (Cr$ 1.000)		
Classe I — Animais vivos ...	2.322	97	— 2.225
Classe II — Matérias primas ..	4.188.342	3.586.583	— 601.759
Classe III — Gêneros alimentícios	7.526.662	10.322.743	+ 2.796.081
Classe IV Manufatura	225.846	243.631	+ 17.785
Total	11.943.172	14.153.054	+ 2.209.882
	Valor médio (Cr$)		
Classe I — Animais vivos ...	11.885	48.122	— 33.237
Classe II — Matérias primas ..	3.292	2.663	— 629
Classe III — Gêneros alimentícios	6.893	12.116	+ 5.223
Classe IV Manufatura	14.496	20.051	+ 5.555
Total	5.018	6.401	+ 1.383

EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO EM RAMA, CAFÉ EM GRÃO E TECIDOS DE ALGODÃO — 1949-1950

Janeiro a Agôsto

MERCADORIAS	1949	1950	+ ou — em 1950
	Quantidade (t)		
Algodão em rama	106.715	86.625	— 20.090
Tecidos de algodão	1.457	1.227	— 230
Café em grão (Saca)	11.700.159	8.745.843	— 2.954.346
	Valor (Cr$ 1.000)		
Algodão em rama	1.535.425	1.167.933	— 367.492
Tecidos de algodão	107.770	142.949	+ 35.179
Café em grão	6.208.653	8.947.236	+ 2.739.583
	Valor médio (Cr$)		
Algodão em rama	14.388	13.483	— 905
Tecidos de algodão	73.934	116.509	+ 42.575
Café em grão (Saca)	530	1.023	+ 493

1) RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PRODUTOS - 1950

a) Quantidade e Valor

Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PRODUTOS	Quantidade (ton.)	Valor (Cr$ 1.000)	% do total	
			Volume	Valor
Café em grão (saca 8.745.843) ..	524.751	8.947.236	23,73	63,22
Algodão em rama	86.625	1.167.933	3,92	8,25
Cacau em amêndoas	78.724	746.197	3,56	5,27
Peles e couros	31.264	325.673	1,41	2,30
Pinho	253.419	303.716	11,46	2,14
Cêra de carnaúba	9.237	297.212	0,42	2,10
Fumo	23.044	237.527	1,04	1,68
Fibra de sisal ou agave	29.019	149.044	1,31	1,05
Tecidos de algodão	1.227	142.949	0,05	1,01
Mamona palma cristi ou rícino .	60.107	122.423	2,72	0,86
Outros produtos	1.113.660	1.713.144	50,38	12,12
Total	2.211.077	14.153.054	100,00	100,00

b) Variação relativas ao ano anterior

Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PRODUTOS	+ ou — em 1950			
	Números absolutos		%	
	(ton.)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
Café em grão (saca 2.954.316)..	— 177.259	+2.738.583	— 25,25	+ 44,11
Algodão em rama	— 20.090	— 267.492	— 187,50	— 23,93
Cacau em amêndoas	+ 9.385	+ 263.005	+ 13,53	+ 54,43
Peles e couros	— 13.307	— 193.159	— 29,86	— 37,23
Pinho	— 4.822	— 91.856	— 1,87	— 23,22
Cêra de carnaúba	+ 2.289	+ 90.752	+ 32,94	+ 43,96
Fumo	+ 1.967	+ 36.070	+ 9,33	+ 17,90
Fibra de sisal ou agave	+ 11.661	+ 58.422	+ 67,18	+ 38,82
Tecidos de algodão	— 230	+ 35.179	— 15,79	+ 32,64
Mamona palma cristi ou rícino ..	— 16.769	— 35.695	— 21,81	— 22,57
Outros produtos	+ 38.226	— 323.927	+ 3,55	— 15,90
Total	— 168.949	+2.209.882	— 7,10	+ 18,50

1) RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PRODUTOS — 1950
c) Valor médio
Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PRODUTOS	Unidade	Valor em Cr$ 1949	1950	+ ou — em 1950 absolutos	%
Café em grão	saca	531	1.023	+ 492	+ 94,43
Algodão em rama	ton.	14.388	13.483	— 905	— 6,29
Cacau em amêndoas	ton.	6.969	9.479	+ 2.510	+ 36,02
Peles e Couros	ton	11.640	10.417	— 1.223	— 10,51
Pinho	ton.	1.532	1.198	— 334	— 21,80
Cêra de carnaúba	ton.	29.716	32.177	2.461	— 8,28
Fumo	ton.	9.558	10.308	+ 750	+ 7,85
Fibra de sisal ou agave	ton.	5.221	5.136	— 85	— 1,63
Tecidos de algodão	ton.	73.934	116.509	+ 42.575	+ 57,59
Mamona palma cristi ou rícino	ton.	2.057	2.037	— 20	— 2,97
Outros produtos	ton.	1.894	1.538	— 356	— 18,80
Total	ton.	5.018	6.401	— 1.383	— 27,56

2) RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PAISES — 1950
a) Quantidade e Valor
Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PAÍSES	Quantidade (ton.)	Valor (Cr$ 1.000)	% Volume	% Valor
América	1.479.356	9.197.547	66,91	64,98
Estados Unidos	1.087.894	7.938.424	49,20	56,09
Argentina	224.280	754.923	10,15	5,34
Canadá	70.109	201.663	3,17	1,43
Outros países	97.073	302.537	4,39	2,12
Europa	663.995	4.537.191	30,03	30,06
Grã-Bretanha	243.263	1.434.502	11,00	10,14
França	50.507	560.239	2,29	3,96
Suécia	41.506	461.057	1,88	3,26
União Belgo-Luxemburguesa	47.103	366.248	2,13	2,59
Itália	17.853	233.119	0,80	1,65
Dinamarca	21.462	226.033	0,97	1,60
Holanda	90.046	224.280	4,07	1,58
Espanha	41.645	211.560	1,88	1,49
Noruega	19.058	172.333	0,80	1,22
Alemanha	37.625	147.784	1,70	1,04
Outros países	54.127	500.036	2,45	6,79
África	34.147	192.193	1,54	1,36
Oceania	22.816	115.741	1,03	0,82
Asia	10.763	110.382	0,49	0,78
Total geral	2.211.077	14.153.054	100,00	100,00

2) — RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PAÍSES 1950
b) Variações relativas ao ano anterior
Janeiro a Agôsto

+ ou — em 1950

PRINCIPAIS PAÍSES	Números absolutos		%	
	Quantidade (ton.)	**Valor (Cr$ 1.000)**	**Volume**	**Valor**
América	— 119.807	+2.311.168	— 7,49	— 83,56
Estados Unidos	+ 65.140	+2.425.939	+ 6,37	+ 44,01
Argentina	— 181.513	— 82.456	— 44,73	— 9,85
Canadá	— 19.910	+ 6.883	— 22,12	+ 3,53
Outros países	+ 16.476	— 39.198	+ 20,44	— 11,47
Europa	— 16.352	+ 66.240	— 2,40	+ 1,48
Grã-Bretanha	+ 70.940	+ 267.594	+ 41,17	+ 22,93
França	+ 7.092	+ 247.769	+ 16,34	+ 79,29
Suécia	+ 8.852	+ 85.847	+ 27,11	+ 22,88
União Belgo-Luxemburguesa	— 64.410	— 161.157	— 57,76	— 3,06
Itália	— 15.796	— 56.148	— 47,22	— 19,41
Dinamarca	— 21.814	+ 88.950	— 50,41	+ 64,89
Holanda	+ 12.295	— 104.490	+ 15,81	— 31,78
Espanha	+ 15.448	73.225	+ 58,97	25,71
Noruega	+ 8.304	+ 83.761	+ 77,15	+ 94,57
Alemanha	— 15.839	— 155.127	— 29,63	— 51,21
Outros países	— 21.424	— 157.534	— 28,33	— 23,96
Africa	— 2.357	+ 11.618	— 6,46	+ 6,43
Oceania	+ 1.259	— 9.932	+ 5,84	— 7,90
Asia	— 31.692	— 169.212	— 74,65	— 60,52
Total geral	— 168.949	+ 2.209.882	— 7,10	+ 18,50

3) RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS
a) Quantidade e valor
Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS	**Quantidade (ton.)**	**Valor (Cr$ 1.000)**	%	
			Volume	**Valor**
São Paulo	643.594	7.965.399	29,11	56,28
Distrito Federal	386.117	1.932.927	17,46	13,66
Bahia	145.790	1.155.259	6,59	8,16
Paraná	112.430	867.695	5,09	6,13
Rio Grande do Sul	194.783	493.171	8,81	3,49
Outras Unidades	728.363	1.738.603	32,94	12,28
Brasil	2.211.077	14.153.054	100,00	100,00

3) RESUMO DE EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS - 1950

b) Variações relativas ao ano anterior

Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS	+ ou — em 1950 — números absolutos		+ ou — em 1950 — %	
	(ton.) Volume	(Cr$ 1.000) Valor	Volume	Valor
São Paulo	— 150.867	+1.482.555	— 18,99	+ 22,87
Distrito Federal	— 63.540	+ 204.387	— 14,13	+ 11,82
Bahia	— 16.901	+ 297.998	— 10,39	+ 34,76
Paraná	— 36.855	+ 232.691	— 24,69	+ 36,64
Rio Grande do Sul	+ 761	— 264.630	+ 0,39	— 34,92
Outras Unidades	+ 98.453	+ 256.881	+ 15,63	+ 17,34
Brasil	— 168.949	+ 2.209.882	— 7,10	+ 18,50

PRINCIPAIS MERCADORIAS DE IMPORTAÇÃO

Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS MERCADORIAS	1949	1950	+ ou — em 1950
	Quantidade (t)		
Trigo em grão	299.413	670.737	+ 371.324
Gasolina	910.270	987.590	+ 77.320
Automóveis de tôda espécie (1)	53.069	37.374	— 15.695
Óleos combustíveis (fuel e diesel)	1.124.034	1.458.312	+ 334.278
Carvão de pedra	475.922	659.213	+ 184.191
Farinha de trigo	113.773	497	— 113.276
	Valor (Cr$ 1.000)		
Trigo em grão	854.122	1.125.236	+ 271.114
Gasolina	742.412	772.120	+ 29.708
Automóveis de tôda espécie	1.201.123	690.344	— 510.779
Óleos combustíveis (fuel e diesel)	383.543	484.417	+ 100.874
Carvão de pedra	168.520	195.014	+ 26.494
Farinha de trigo	325.839	1.241	— 324.598
	Valor médio (Cr$)		
Trigo em grão	2.583	1.678	1.175
Gasolina	816	782	— 34
Automóveis de tôda espécie	36.331	29.049	7.282
Óleos combustíveis (fuel e diesel)	341	332	9
Carvão de pedra	355	296	— 59
Farinha de trigo	2.864	2.497	— 367

(1) em 1949: 33.061 unidades; — em 1950: 23.765 unidades.

IMPORTAÇÃO
RESUMO POR GRANDES CLASSES — 1949-1950
Janeiro a Agôsto

GRANDE CLASSES	1949	1950	+ ou — em 1950
	Quantidade (t)		
Classe I — Animais vivos	1.186	17.960	+ 16.774
Classe II — Matérias primas ..	3.195.052	3.918.577	+ 723.505
Classe III — Gêneros alimentícios	524.558	773.297	+ 248.739
Classe IV — Manufaturas	584.050	656.979	+ 72.929
Total	4.304.846	5.366.793	+ 1.061.947
	Valor (Cr$ 1.000)		
Classe I — Animais vivos	11.118	103.271	+ 92.153
Classe II — Matérias primas ..	3.356.477	3.391.912	+ 35.435
Classe III — Gêneros alimentícios	2.016.344	1.920.914	— 95.430
Classe IV — Manufaturas	8.209.513	6.075.611	— 2.133.902
Total	13.593.452	11.491.708	— 2.101.744
	Valor médio (Cr$)		
Classe I — Animais vivos	9.371	5.750	— 3.621
Classe II — Matérias primas ..	1.051	866	— 185
Classe III — Gêneros alimentícios	3.844	2.484	— 1.360
Classe IV — Manufaturas	14.056	9.248	— 4.808
Total	3.158	2.141	— 1.017

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
BALANÇO MERCANTIL — 1949-1950
Janeiro a Agôsto

	Importação	Exportação	Balanço Mercantil + ou — na exportação
	Quantidade (t)		
1949	4.304.846	2.380.026	— 1.924.820
1950	5.366.793	2.211.077	— 3.155.716
+ ou em 1950 (T)	+ 1.061.947	— 168.949	
+ ou — em 1950 (%)	+ 24,67	7,10	
	Valor (Cr$ 1.000)		
1949	13.593.452	11.943.172	— 1.650.280
1950	11.491.708	14.153.054	+ 2.661.346
+ ou — 1950 (Cr$ 1.000)	— 2.101.744	+ 2.209.882	
+ ou — em 1950 (%)	— 15,46	+ 18,50	
	Valor médio (Cr$)		
1949	3.158	5.018	— 1.860
1950	2.141	6.401	+ 4.260
+ ou — em 1950 (Cr$)	1.017	+ 1.383	
+ ou — em 1950 (%)	— 32,20	+ 27,56	

..I — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PRODUTOS 1950..

a) Quantidade e Valor

Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PRODUTOS	Quantidade (ton.)	Valor (Cr$ 1.000)	% Volume	% Valor
Máquinas, aparelhos, ferramentas e utensílios	106.405	3.075.848	1,98	26,76
Trigo em grão	670.737	1.125.236	12,50	9,79
Gasolina	987.590	772.120	18,40	6,72
Produtos químicos, farmacêuticos e semelhantes	287.206	744.327	5,35	6,48
Manufaturas de ferro e aço	144.602	850.761	2,69	5,06
Óleos combustiveis (Fuel e Diesel)	1.458.312	484.417	27,17	4,22
Chassis para caminhões, ônibus, ambulâncias e semelhantes (1)	15.776	284.989	0,29	2,48
Caminhões, ônibus, ambulâncias e semelhantes (2)	14.052	227.809	0,26	1,98
Bacalhau	17.891	209.458	0,33	1,82
Celulose para fabricação de papel	94.652	205.534	1,76	1,79
Outros produtos	1.569.570	3.781.164	29,27	32,90
Total	5.366.793	11.491.708	100,00	100,00

(1) 8.484 unidades
(2) 8.247 unidades

I — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PRODUTOS — 1950

b) Variações relativas ao ano anterior

Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PRODUTOS	+ ou — em 1950			
	Números absolutos		%	
	Quantidade (ton.)	Valor (Cr$ 1.000)	Volume	Valor
Máquinas, aparelhos, ferramentas e utensílios	— 11.606	— 589.568	— 9,83	— 16,08
Trigo em grão	+ 371.324	+ 271.114	+ 124,02	+ 31,74
Gasolina	+ 77.320	+ 29.708	+ 8,49	+ 4,00
Produtos químicos, farmacêuticos e semelhantes	+ 97.493	— 21.508	+ 51,39	— 2,81
Manufaturas de ferro e aço	+ 5.052	— 214.018	+ 3,62	— 26,93
Óleos combustiveis (Fuel e Diesel)	+ 334.278	+ 100.874	+ 29,74	+ 26,30
Chassis para caminhões, ônibus, ambulâncias e semelhantes (1)	— 3.788	— 73.737	— 19,36	— 20,56
Caminhões, ônibus, ambulâncias e semelhantes (2)	+ 558	+ 91.439	+ 3,98	+ 28,64
Bacalhau	+ 7.134	+ 88.304	+ 66,32	+ 72,89
Celulose para fabricação de papel	+ 44.478	+ 41.913	+ 88,65	+ 25,62
Outros produtos	+ 139.724	—1.643.387	+ 9,77	— 30,30
Total	+1 061.947	—2.101.744	+ 24,67	— 15,46

(1) — 1.797 — 17,48 unidades
(2) + 1.802 + 27,96 unidades

I — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PRODUTOS — 1950
c) Valor Médio
Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PRODUTOS	Unidade	Valor em Cr$			
		1949	1950	+ ou — em 1950	
				Núm. absolutos	%
Máquinas aparelhos, ferramentas e utensílios	ton.	28.343	28.907	+ 564	+ 1,99
Trigo em grão	ton.	2.853	1.678	— 1.175	— 41,18
Bacalhau	ton.	816	782	— 34	— 4,17
Produtos químicos e farmacêuticos e semelhantes	ton.	4.037	2.592	— 1.445	— 35,79
Manufaturas de ferro e aço	ton.	5.695	4.016	— 1.679	— 29,48
Óleos combustíveis (Fuel e Diesel	ton.	341	332	— 9	— 2,64
Chassis para caminhões, ônibus, ambulâncias e semelhantes (1)	um	34.892	33.591	— 1.301	— 3,73
Caminhões, ônibus, ambulâncias e semelhantes ...	um	49.543	27.623	— 21.911	— 44,23
Gasolina	ton.	11.263	11.708	+ 445	+ 3,95
Celulose para fabricação de papel	ton.	3.261	2.171	— 1.090	— 33,43
Outros produtos	ton.	3.794	2.409	— 1.385	— 36,51
Total	ton.	3.158	2.141	— 1.017	— 32,20

II) — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PAÍSES DE PROCEDÊNCIA — 1950
A) Quantidade e Valor

PRINCIPAIS PAÍSES	Quantidade (ton.)	Valor (Cr$ 1.000)	%	
			Volume	Valor
América	4.305.256	6.700.890	80,22	58,31
Estados Unidos	946.966	3.668.161	17,64	31,92
Argentina	647.953	1.306.632	12,07	11,37
Outros países	2.710.337	1.726.097	50,51	15,02
Europa	1.002.659	4.616.373	18,68	49,17
Grã-Bretanha	310.351	1.593.433	5,78	13,87
Outros países	692.308	3.022.940	12,90	26,30
África	53.691	107.422	1,00	0,94
Ásia	4.904	58.931	0,09	0,51
Oceania	283	8.092	0,01	0,07
Total	5.366.793	11.491.708	100,00	100,00

II) — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PAÍSES DE PROCEDÊNCIA — 1950

b) Variação relativas ao ano anterior
Janeiro a Agôsto

PRINCIPAIS PAÍSES	+ ou — em 1950			
	Números absolutos		%	
	(ton.)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
América	+ 650.562	—2.559.661	+ 17,80	— 27,64
Estados Unidos	— 134.380	—2.830.427	— 12,43	— 43,55
Argentina	+ 342.160	+ 260.018	+ 111,89	+ 24,84
Outros países	+ 442.782	+ 10.748	+ 19,53	+ 0,63
Europa	+ 376.458	+ 443.365	+ 60,12	+ 10,62
Grã-Bretanha	+ 89.298	— 66.462	+ 40,40	— 4,00
Outros países	+ 287.160	+ 509.827	+ 70,88	+ 20,29
Africa	+ 40.574	+ 57.643	+ 309,32	+ 115,80
Asia	— 5.709	— 45.657	— 53,79	— 43,65
Oceania	+ 62	+ 2.566	+ 28,05	+ 46,44
Total Geral	+1.061.947	—2.101.744	+ 24,67	— 15,46

III RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS 1950

a) Quantidade e valor
Janeiro a Agôsto

UNIDADES FEDERADAS	Quantidade	Valor	%	
	(ton.)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
São Paulo	2.043.070	4.936.833	38,07	42,96
Distrito Federal	2.024.350	4.384.343	37,72	38,15
Rio Grande do Sul	420.116	808.472	7,83	7,04
Pernambuco	422.566	558.900	7,87	4,86
Bahia	162.600	264.260	3,03	2,30
Pará	105.722	131.962	1,97	1,15
Outras unidades	188.369	406.938	3,51	3,54
Brasil	5.366.793	11.491.708	100,00	100,00

III) RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS
1950

b) Variações relativas ao ano anterior
Janeiro a Agôsto

UNIDADES FEDERADAS	+ ou — em 1949			
	Números absolutos		%	
	(ton.)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
São Paulo	+ 413.715	— 959.521	+ 25,39	— 16,27
Distrito Federal	+ 295.692	—1.001.204	+ 17,11	— 18,59
Rio Grande do Sul	+ 146.456	+ 64.256	+ 53,52	+ 8,63
Pernambuco	+ 80.736	— 60.995	+ 23,62	— 9,84
Bahia	+ 32.540	— 50.475	+ 25,02	— 16,04
Pará	+ 11.489	— 16.123	+ 12,19	— 10,89
Outras unidades	+ 81.319	— 77.682	+ 75,96	— 16,03
Brasil	+1.061.947	—2.101.744	+ 24,67	— 15,46

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:
RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar Fone: 23-0012
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar Fone: 3-4976
SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

NOVEMBRO DE 1950

Pôrto de embarque	Exterior	Consumo de Bordo	Cabotagem	Total
NOVEMBRO DE 1950:				
Santos	511.711	176	173	512.060
Rio de Janeiro	379.293	91	470	379.854
Vitória	62.413	—	24.824	87.237
Paranaguá	170.808	—	271	171.079
Angra dos Reis	13.500	—	—	13.500
Salvador	1.483	—	3.100	4.583
Recife	3.000	—	900	3.900
Total	**1.142.208**	**267**	**29.738**	**1.172.213**
Outubro	1.626.435	159	24.421	1.651.015
Setembro	1.857.898	248	44.952	1.903.098
Agôsto	1.569.512	204	51.251	1.620.967
Julho	1.506.639	412	50.541	1.557.592
Junho	1.115.730	447	38.109	1.154.286
Maio	843.622	355	30.170	874.147
Abril	756.129	247	25.918	782.294
Março	1.189.805	296	29.286	1.219.387
Fevereiro	720.666	190	16.753	737.609
Janeiro	1.043.840	389	24.125	1.068.354
Total de Janeiro a Outubro:	**13.372.484**	**3.214**	**365.264**	**13.740.962**

NOTA: Setembro cifras sujeitas a retificação.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos portos de procedência
Agôsto de 1950

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade (sacas de 60 quilos)	(cruzeiros) em Valor
AFRICA:			
CANÁRIAS: Las Palmas ...	Rio de Janeiro	2 792	1 992 135
EGIPTO: Alexandria	Rio de Janeiro	26 272	22 821 305
MARROCOS ESPANHOL: via Tanger	Vitória	2 350	2 077 115
AMÉRICA CENTRAL:			
CURAÇAO: Curaçao	Rio de Janeiro	60	56 017
AMÉRICA DO NORTE:			
CANADÁ:			
Montreal	Santos	7 050	8 620 074
Toronto	Santos	1 800	2 247 642
Vancouver	Santos	6 700	8 465 552
	Rio de Janeiro	640	768 236
	Paranaguá ..	3 750	4 385 434
Winnipeg	Santos	500	629 618
ESTADOS UNIDOS:			
Baltimore	Santos	25 050	30 594 154
	Rio de Janeiro	500	532 254
	Angra dos Reis	250	273 083
	Paranaguá ..	30 964	37 569 496
Boston	Santos	22 725	27 875 420
	Rio de Janeiro	1 000	1 225 211
	Paranaguá ..	10 750	12 631 547
Charleston	Santos	375	439 562
	Vitória	250	208 677
Corpus Christi	Santos	3 500	4 310 651
	Rio de Janeiro	250	178 626
	Paranaguá ..	250	268 093
Filadélfia	Santos	12 559	15 654 053
Houston	Santos	77 650	95 976 458
	Rio de Janeiro	2 500	2 101 193
	Vitória	500	390 943
	Paranaguá ..	8 500	9 747 254

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros) em
Jacksonville	Santos	21 000	26 112 967
	Rio de Janeiro	1 000	935 980
	Paranaguá	5 000	6 095 727
Los Ângeles	Santos	10 810	13 321 532
	Rio de Janeiro	1 875	1 420 518
	Paranaguá	19 550	22 185 764
Nova Orleans	Santos	175 896	212 179 072
	Rio de Janeiro	23 153	21 235 285
	Vitória	27 238	21 275 193
	Angra dos Reis	10 450	11 910 777
	Paranaguá	50 801	57 864 997
	Recife	1 240	1 321 673
Nova York	Santos	293 117	354 104 265
	Rio de Janeiro	15 068	14 225 379
	Vitória	2 540	1 947 437
	Angra dos Reis	2 500	2 744 494
	Paranaguá	51 935	60 215 028
Norfolk	Santos	5 900	7 161 694
	Rio de Janeiro	500	411 287
	Vitória	3 500	2 760 587
	Paranaguá	750	916 323
Portland, Oregon	Santos	2 872	3 588 371
	Rio de Janeiro	250	307 819
	Paranaguá	3 800	4 215 628
São Francisco	Santos	85 543	105 197 418
	Rio de Janeiro	2 755	3 065 842
	Angra dos Reis	1 000	1 092 260
	Paranaguá	6 875	7 972 176
Saint Louis	Santos	250	311 489
Seattle	Santos	6 675	8 333 134
	Paranaguá	1 350	1 557 146
Tacoma	Santos	500	611 455
	Paranaguá	500	583 665
AMÉRICA DO SUL:			
ARGENTINA:			
Buenos Aires	Santos	959	1 067 165
	Rio de Janeiro	4 641	3 795 883
	Vitória	6 403	5 181 630
	Paranaguá	323	358 530
Rosário	Rio de Janeiro	1 107	904 450
	Vitória	117	100 280
CHILE: Valparaíso	Santos	4	4 000
	Rio de Janeiro	1 295	1 175 212

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade (sacas de 60 quilos)	(cruzeiros) em Valor
PARAGUAI: Assunção	Rio de Janeiro	511	445 697
URUGUAI: Montevidéu	Santos	600	756 521
	Rio de Janeiro	6 536	5 742 259
	Vitória	510	414 181
ASIA:			
CHIPRE:			
Famagusta	Rio de Janeiro	500	386 701
Laranca	Rio de Janeiro	2 041	1 723 941
Limassol	Rio de Janeiro	1 691	1 307 649
FILIPINAS:			
Cebu	Vitória	207	164 476
Manila	Vitória	854	680 599
IRAQUE: via Beirute	Rio de Janeiro	1 691	1 384 845
SÍRIA: Beirute	Rio de Janeiro	6 664	5 204 084
TRANSJORDÂNIA:			
via Beirute	Rio de Janeiro	3 382	2 736 238
TURQUIA ASIÁTICA:			
Smyrna	Rio de Janeiro	1 450	1 154 521
EUROPA:			
ALEMANHA:			
Hamburgo	Santos	150	196 850
	Rio de Janeiro	1 638	1 608 834
via Antuérpia	Vitória	225	180 996
BELGO-LUXEMBURGUES	Santos	30 642	39 076 894
U.E: Antuérpia	Rio de Janeiro	40 799	36 303 543
	Vitória	4 725	3 759 898
DINAMARCA:			
Copenhague	Santos	10 326	11 871 617
	Rio de Janeiro	15 945	15 404 648
ESPANHA: Barcelona	Santos	1	1 000
FRANÇA:			
Bordeaux	Santos	1 950	2 193 644
	Rio de Janeiro	1 500	1 530 900
Dunquerque	Santos	3 300	3 664 906
Havre	Santos	31 977	35 984 035
	Rio de Janeiro	2 750	2 558 745
Marselha	Santos	7 729	8 576 065
Strosbourg	Santos	1 125	1 266 299
GIBRALTAR:	Rio de Janeiro	5 511	4 094 397
	Vitória	2 679	1 977 214
GRÃ-BRETANHA:			
Londres	Santos	10 000	12 115 492

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade (sacas de 60 quilos)	(cruzeiros) em Valor
GRÉCIA: Pireus	Rio de Janeiro	8 333	7 222 915
HOLANDA:			
Amsterdam	Santos	11 248	14 451 545
	Rio de Janeiro	34 197	29 209 860
	Vitória	250	208 500
Rotterdam	Santos	5 500	6 981 000
	Rio de Janeiro	7 663	7 342 103
ISLÂNDIA: Reykjavik	Rio de Janeiro	2 942	2 461 297
ITÁLIA:			
Bari	Rio de Janeiro	375	324 268
Cagliari	Rio de Janeiro	100	68 374
Catânia	Santos	188	249 063
	Rio de Janeiro	500	395 492
Gênova	Santos	5 308	6 652 511
	Rio de Janeiro	8 769	7 259 218
	Vitória	3 694	2 901 309
	Bahia	250	255 298
	Recife	50	44 851
Livorno	Santos	500	624 001
	Vitória	1 520	1 093 590
Messina	Rio de Janeiro	250	185 546
	Vitória	250	167 628
Nápoles	Santos	3 748	4 488 521
	Rio de Janeiro	13 900	11 497 201
	Vitória	1 750	1 275 120
Palermo	Rio de Janeiro	188	148 502
Pôrto Tôrres	Vitória	250	206 224
Riposto	Rio de Janeiro	50	44 222
	Vitória	150	125 150
Veneza	Santos	1 035	1 272 822
	Rio de Janeiro	1 750	1 317 570
	Vitória	250	183 341
IUGOSLÁVIA: Rijeya	Rio de Janeiro	6 445	5 881 585
NORUEGA:			
Bergen	Santos	3 500	3 750 000
	Paranaguá	2 500	2 685 000
Oslo	Santos	24 296	24 792 606
Stavanger	Santos	2 500	2 715 000
Trondhjem	Santos	3 560	3 801 600
	Paranaguá	2 000	1 980 000

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência		
SUÉCIA:			
Estocolmo	Santos	21 910	27 393 973
	Rio de Janeiro	6 790	6 578 673
Gotemburgo	Santos	9 611	12 010 579
	Rio de Janeiro	8 473	8 248 300
Gavle	Rio de Janeiro	500	482 700
Helsingborg	Santos	4 200	5 306 760
	Rio de Janeiro	2 000	1 953 900
Malmo	Santos	2 463	2 955 289
	Rio de Janeiro	746	722 784
SUIÇA:			
via Amsterdam	Santos	175	220 009
	Rio de Janeiro	1 492	1 369 567
via Antuérpia	Santos	8 332	10 576 410
via Gênova	Santos	1 063	1 349 438
	Rio de Janeiro	875	707 722
via Rotterdam	Santos	5 510	6 916 002
	Rio de Janeiro	3 519	3 158 496
via Trieste	Rio de Janeiro	625	558 017
TCHECOSLOVÁQUIA:			
via Hamburgo	Santos	3 500	4 009 560
	Rio de Janeiro	1 500	1 410 371
TRIESTE:	Santos	1 187	1 413 188
	Rio de Janeiro	20 386	17 093 617
	Vitória	875	697 371
TURQUIA EUROPÉIA:			
Stambul	Rio de Janeiro	3 783	3 117 717
TOTAL GERAL:		**1 569 412**	**1 758 790 300**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos países de destino

AGÔSTO DE 1950

DESTINO	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor em (cruzeiros)
ÁFRICA:		
CANÁRIA (ILHAS): Las Palmas	2 792	1 992 135
EGITO: Alexandria	26 272	22 821 305
MARROCOS ESPANHOL: via Tanger	2 350	2 077 115
AMÉRICA CENTRAL:		
CURAÇAO: Curaçao	60	56 017
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**20 440**	**25 116 556**
Montreal	7 050	8 620 074
Toronto	1 800	2 247 642
Vancouver	11 090	13 619 222
Winnipeg	500	629 618
ESTADOS UNIDOS:	**1 033 766**	**1 217 159 057**
Baltimore	56 764	68 968 987
Boston	34 475	41 732 178
Charleston	625	648 239
Corpus Christi	4 000	4 757 370
Filadélfia	12 559	15 654 053
Houston	89 150	108 215 848
Jacksonville	27 000	33 144 674
Los Ângeles	32 235	36 927 814
New Orleans	288 778	235 786 997
New York	365 160	433 236 603
Norfolk	10 650	11 249 891
Portland	6 922	8 111 818
São Francisco	96 173	117 327 696
Saint Louis	250	311 489
Seattle	8 025	9 890 280
Tacoma	1 000	1 195 120
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**13 550**	**11 407 938**
Buenos Aires	12 326	10 403 208
Rosário	1 224	1 004 730
CHILE: Valparaiso	1 299	1 179 212
PARAGUAI: Assunção	511	445 697

DESTINO	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor em (cruzeiros)
URUGUAI: Montevidéu	7 646	6 912 961
ASIA:		
CHIPRE:	4 232	3 418 291
Famagusta	500	386 701
Larnaca	2 041	1 723 941
Limassol	1 691	1 307 649
FILIPINAS:	1.061	845 075
Cebu	207	164 476
Manila	854	680 599
IRAQUE: via Beirute	1 691	1 384 845
SÍRIA: Beirute	6 664	5 204 084
TRANSJORDÂNIA: via Beirute	3 382	2 736 238
TURQUIA ASIÁTICA: Smyrna	1 450	1 154 521
EUROPA:		
ALEMANHA:	2 013	1 986 680
Hamburgo	1 788	1 805 684
via Antuérpia	225	180 996
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:		
Antuérpia	76 166	79 140 335
DINAMARCA: Copenhague	26 271	27 276 265
ESPANHA: Barcelona	1	1 000
FRANÇA:	50 331	55 774 594
Bordeaux	3 450	3 724 544
Dunquerque	3 300	3 664 906
Havre	34 727	38 542 780
Marselha	7 729	8 576 065
Strasbourg	1 125	1 266 299
GIBRALTAR: Gibraltar	8 190	6 071 611
GRÃ-BRETANHA: Londres	10 000	12 115 492
GRÉCIA: Pireus	8 333	7 222 915
HOLANDA:	58 858	58 193 008
Amsterdam	45 695	43 869 905
Rotterdam	13 163	14 323 103
ISLÂNDIA: Reykjavik	2 942	2 461 297

DESTINO	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor em (cruzeiros)
ITÁLIA:	44 825	40 779 822
Bari	375	324 268
Cagliari	100	68 374
Catânia	688	644 555
Gênova	18 071	17 113 187
Livorno	2 020	1 717 591
Messina	500	353 174
Nápoles	19 398	17 260 842
Palermo	188	148 502
Porto Torres	250	206 224
Riposto	200	169 372
Veneza	3 035	2 773 733
IUGOSLÁVIA: Rijeka	6 445	5 881 585
NORUEGA:	38 356	39 724 206
Bergen	6 000	6 435 000
Oslo	24 296	24 792 606
Stavanger	2 500	2 715 000
Trondjhem	5 560	5 781 600
SUÉCIA:	56 693	65 652 958
Estocolmo	28 700	33 972 646
Gavle	500	482 700
Gotemburgo	18 084	20 258 879
Helsingborg	6 200	7 260 660
Malmo	3 209	3 678 073
SUÍÇA:	21 591	24 855 661
via Amsterdam	1 667	1 589 576
via Ántuérpia	8 332	10 576 410
via Gênova	1 938	2 057 160
via Rotterdam	9 029	10 074 498
via Trieste	625	558 017
TCHESCOSLOVÁQUIA: via Hamburgo	5 000	5 419 931
TRIESTE:	22 448	19 204 176
TURQUIA EUROPÉIA: Stambul	3 783	3 117 717
TOTAL GERAL:	**1 569 412**	**1 758 790 300**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1950	Santos	Rio Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	2 230 542	901 153	96 224	28 687	236 574	45 369	36 147	3 574 696
Fevereiro	2 162 134	893 747	92 039	28 710	194 438	42 737	37 486	3 451 291
Março	1 826 289	625 632	68 832	28 820	165 181	36 704	29 598	2 781 056
Abril	1 690 389	632 180	64 843	29 487	132 920	20 612	27 085	2 597 516
Maio	1 615 996	636 039	48 197	29 448	81 444	15 484	30 953	2 457 561
Junho	1 508 597	625 894	51 202	28 894	57 547	4 012	14 532	2 290 678
Julho	1 618 892	658 060	48 438	25 242	102 615	120	15 640	2 469 009
Agôsto	1 850 929	626 634	72 749	24 057	408 147	555	14 173	2 997 244
Setembro	2 023 557	561 649	83 443	24 062	598 935	8 691	15 174	3 315 511
Outubro	1 696 242	696 786	72 225	16 256	553 051	6 877	13 539	3 054 976
Novembro	1 550 134	645 973	50 202	13 283	499 866	20 725	21 928	2 802 111
NOVEMBRO:								
1949	2 157 716	857 237	44 679	29 816	345 468	42 626	22 552	3 570 094
1948	2 112 657	782 891	49 854	72 624	333 517	54 495	18 510	3.424 548
1947	2 719 767	281 609	87 699	77 228	273 226	59 090	47 194	3 005 813
1946	2 252 286	607 774	233 596	74 709	92 403	43 228	49 671	3 353 667

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVI São Paulo, 5 de Dezembro de 1950 N.º 299

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS - SAFRA 1950/51
DADOS COLIGIDOS PELA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

Estradas de Ferro	junho/out.	1.ª dezena novembro	2.ª dezena novembro	Totais
Santos a Jundiaí	304 240	(*) 6 930	(*) 4 401	315 571
Sorocabana	1 278 488	59 308	65 117	1 402 913
Paulista	2 245 838	47 038	25 644	2 318 520
Mogiana	621 940	16 639	12 542	651 121
Araraquara	800 932	18 394	12 882	832 208
N. Brasil	834 902	18 271	15 191	868 364
C. Brasil	4	—	—	4
Estradas de Rodagem	—	—	—	—
Total	**6 086 344**	**166 580**	**135 777**	**6 388 701**

NOTAS: Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. (*) Não foram recebidos os dados da 1.ª e 2.ª dezenas de novembro da Estrada de Ferro Itatibense.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis	Totais
	Ferroviário	Rodoviário		
Junho/Outubro 50	477 188	—	3 726	480 914
1.ª dez. Outubro 50	18 261	—	—	18 261
2.ª dez. Outubro 50	10 836	—	—	10 836
Total	**506 285**	**—**	**3 726**	**510 011**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	junho/out.	1.ª dezena novembro	2.ª dezena novembro	Totais
Paraná	264 083	31 561	(*) 5 669	301 313
Minas Gerais	296 217	(*)10 897	(*) 4 259	311 373
Mato Grosso	3 028	—	500	3 528
Goiás	41 015	(*)	(*) 130	41 145
Santa Catarina (Via Marítima)	1 540	(*)	(*)	1 540
Total	**605 883**	**42 458**	**10 558**	**658 899**

(*) Dados incompletos.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1949/50 — (ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 1950/

Paulista	Despachado	Chegado	Anulados D. Alterados	A Chegar
Anteriores	6 698 633	6 555 079	143 554	—
3.ª dez. dezembro 49	49 089	44 823	4 266	—
1.ª " janeiro 50	24 869	24 267	602	—
2.ª " " "	32 403	28 567	3 836	—
3.ª " " "	25 680	20 760	4 920	—
1.ª " fevereiro "	19 591	18 329	1 262	—
2.ª " " "	16 585	15 076	1 509	—
3.ª " " "	7 962	7 158	804	—
1.ª " março "	11 329	11 099	230	—
2.ª " " "	5 807	3 352	2 455	—
3.ª " " "	18 756	17 582	1 174	—
1.ª " abril "	1 677	526	1 151	—
2.ª " " "	4 182	3 566	616	—
3.ª " " "	836	836	—	—
1.ª " maio "	683	683	—	—
2.ª " " "	997	202	795	—
3.ª " " "	670	670	—	—
Total	**6 919 749**	**6 752 575**	**167 174**	**—**
Despolpado	8 965	8 965	—	—
Rodoviário	10 526	4 353	6 173	—
Total Geral	**6 939 240**	**6 765 893**	**173 347**	**—**
(Outros Estados) (até 3.ª dez. maio)				
Paranaense	510 449	497 376	13 073	—
Mineiro	567 663	508 081	7 914	51 668
Matogrossense	17 768	17 768	—	—
Goiano	27 725	27 725	—	—
Catarinense (V. Marítima)	2 582	2 582	—	—
Espiritosantense	202	202	—	—
Total	**1 126 389**	**1 053 734**	**20 987**	**51 668**

Destino alternado para "Rio de Janeiro"	59 093	
Destino alternado para "Interior e Cap."	107 781	
Anulados	300	**167 174**

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1950/51 — (ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 1950)

Paulista	Despachado	Chegado	Interditado e Destino Alterado	A chegar
Anteriores	241 056	240 656	400	—
3.ª dez. junho 50	201 301	200 561	540	—
1.ª " julho "	189 657	186 525	1 676	1 456
2.ª " " "	347 161	306 641	—	40 520
3.ª " " "	(*)611 875	45.670	972	565 233
1.ª " agôsto "	548 018	—	234	547 784
2.ª " " "	505 431	—	1 243	504 188
3.ª " " "	894 484	—	—	894 484
1.ª " set. "	498 834	—	344	498 490
2.ª " " "	629 110	—	1 612	627 498
3.ª " " "	564 906	—	4 143	560 763
1.ª " out. "	259 580	—	1 437	258 143
2.ª " " "	292 811	—	630	292 181
3.ª " " "	277 346	—	—	277 346
1.ª " nov. "	166 580	—	—	166 580
2.ª " " "	134 064	—	—	134 064
Total	**6 362 214**	**980 253**	**13 231**	**5 368 730**
Despolpado	26 537	24 795	—	1 742
Rodoviário	—	—	—	—
Total Geral	**6 388 751**	**1 005 048**	**13 231**	**5 370 472**

(Outros Estados) (até 2.ª dez. novembro)				
Paranaense	301 313	4 662	—	296 651
Mineiro	311 373	10 948	—	300 425
Goiano	41 145	—	—	41 145
Matogrossense	3 528	—	—	3 528
Catarinense (V. Marítima)	1 540	1 540	—	—
Total	**658 899**	**17 150**	**—**	**641 749**

(*) Mais 50 sacas — Destino alterado — Marítima para "Santos".

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1950

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Áustria	7.000	
	Bélgica	20.518	
	Dinamarca	22.487	
	Finlândia	30.000	
	França	115.700	
	Espanha	300	
	Holanda	37.189	
	Islândia	180	
	Itália	22.501	
	Suécia	915	
	Suiça	4.916	
	Tchecoslováquia	3.000	
	Triste	12.200	
	Turquia	2.416	279.322
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	500	
	Estados Unidos	192.211	192.711
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	32.564	
	Caeyenna	365	
	Chile	239	
	Uruguai	9.170	42.338
AFRICA:	Egito	2.343	
	Marrocos Francês	2.000	4.343
ASIA:	Chipre	125	125
OCEANIA:	Austrália	550	550
	Total p/ o exterior:		**529.389**
CABOTAGEM:	Sul	600	600
CONSUMO DE BORDO:		41	41
	Total Geral:		**520.030**

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

NOVEMBRO DE 1950

DIAS	Paulista	Mineiro	Paranaense	Total	p/E.F.S.J. Liberado	Liberado p/ Rodovia	Liberado p/ E.F.S.	Embarque	Despacho	Café Retirado do Estoque	Existência em poder do DNC	Vendas	Existência
3	7 452	1 363	—	8 815	4 645	4 170	—	23 546	13 190	—	10 229	8 771	1 681 511
4	—	—	—	—	—	—	—	5 620	7 957	—	10 229	6 765	1 675 891
6	8 036	279	577	8 892	4 090	4 802	—	6 850	20 260	—	10 229	9 161	1 677 933
7	7 871	500	542	8 913	4 514	4 399	—	17 441	16 835	2 515	10 229	14 041	1 666 890
8	7 809	400	560	8 769	4 765	4 004	—	12 110	5 782	—	10 229	27 685	1 663 549
9	8 196	—	555	8 751	4 420	4 331	—	11 157	25 555	—	10 229	12 373	1 661 143
10	9 306	—	—	9 306	4 293	5 013	—	16 500	37 073	—	10 229	10 693	1 653 949
11	8 461	—	—	8 461	3 458	5 003	—	13 915	11 158	—	10 229	3 902	1 648 495
13	9 766	500	—	10 555	5 036	5 519	—	24 753	15 605	—	10 229	10 095	1 634 297
14	9 257	—	789	9 757	4 975	4 782	—	32 354	11 774	—	10 229	3 908	1 611 700
16	11 519	1 182	352	13 053	6 077	6 976	—	16 248	16 572	—	10 229	14 066	1 608 505
17	15 246	500	558	16 304	7 619	8 685	—	—	32 510	—	10 229	19 230	1 624 809
18	13 523	1 749	—	15 272	7 914	7 358	—	14 933	15 883	—	10 229	5 951	1 625 148
20	9 513	826	—	10 339	5 298	5 041	—	13 236	31 305	—	10 229	16 041	1 622 251
21	15 020	1 043	—	16 063	8 391	7 672	—	12 026	21 405	—	10 229	18 651	1 626 288
22	12 100	5 099	—	17 199	12 165	5 034	—	11 936	29 928	—	10 229	33 331	1 631 551
23	13 186	—	3 396	16 582	10 595	5 987	—	23 905	49 693	—	10 229	14 122	1 624 228
24	14 445	2 106	—	16 551	9 696	6 508	347	57 528	28 509	—	10 229	29 934	1 583 251
25	48 240	1 739	2 550	52 529	36 502	16 027	—	57 795	33 177	—	10 229	18 790	1 577 985
27	28 711	3 270	—	31 981	21 879	10 102	—	35 307	20 263	—	10 229	9 394	1 574 659
28	29 244	2 370	500	32 114	24 317	7 797	—	32 212	9 804	—	10 229	34 537	1 534 661
29	27 515	3 285	—	30 800	53 231	7 569	—	36 750	12 953	—	10 229	20 366	1 568 611
30	5 318	2 807	—	8 125	4 926	3 199	—	26 602	18 874	—	10 229	30 111	1 550 134
**Total ..... **	**319 734**	**29 018**	**10 379**	**359 131**	**218 806**	**139 978**	**347**	**502 724**	**486 065**	**2 515**	—	**371 918**	—

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA DE 1950/51

MÊSES	ENTRADAS							MOVIMENTO				
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	S. Catarina	Total	Embarques	Despachos	Café Revertido ao estoque	Cafe Retirado do estoque	Existência
Julho	1 111 239	69 665	2 716	92 249	1 960	815	1 278 644	1 163 848	1 167 601	1 020	5 521	1 618 892
Agôsto	1 123 928	36 608	845	49 565	1 783	202	1 212 931	974 891	982 098	214	6 217	1 850 929
Setembro	863 223	63 342	1 623	65 325	—	1 061	994 574	816 001	828 460	138	6 083	2 023 557
Outubro	240 475	23 884	875	36 962	3 045	1 694	306 935	629 192	546 487	117	5 175	1 696 242
Novembro	319 734	29 018	—	10 379	—	—	—	502 724	486 065	—	2 515	1 550 134
TOTAL	**3 658 599**	**222 517**	**6 059**	**254 480**	**6 788**	**3 772**	**4 152 215**	**4 086 656**	**4 010 711**	**1 489**	**25 511**	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

NOVEMBRO DE 1950

	ENTRADAS								EMBARQUES			
DIA	S. Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Revert. ao mercado	Retirado do mercado	Consumo Local	Existência
1	—	—	—	—	—	—	18 036	—	18 036	—	—	1 050	677 700
3	6 465	4 536	2 776	928	—	14 705	56 275	—	56 275	—	—	2 100	634 030
4	—	—	—	—	—	—	3 347	—	3 347	—	295	1 050	629 338
6	—	20 410	—	—	—	20 410	37 630	—	37 630	—	—	1 050	611 068
7	18 508	9 652	1 901	1 000	—	31 061	3 183	—	3 183	—	500	1 050	637 396
8	12 932	31 025	843	15 969	—	60 769	9 388	—	9 388	—	—	1 050	687 727
9	15 066	16 661	2 652	1 310	—	35 689	21 000	—	21 000	—	405	1 050	700 961
10	6 399	18 534	—	13 539	1 303	39 775	250	—	250	1 319	—	1 050	740 755
11	—	—	—	—	—	—	17 421	—	17 421	—	500	1 050	721 784
13	2 630	11 852	—	—	—	14 482	37 130	—	37 130	—	—	1 050	698 085
14	160	44 666	—	—	—	45 026	11 948	—	11 948	—	—	1 050	730 114
16	10 000	7 646	—	—	—	17 646	18 795	—	18 795	—	—	2 100	726 865
17	5 068	7 036	677	250	—	13 031	16 150	—	16 150	—	—	1 050	722 696
18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 050	721 646
20	—	—	—	—	—	—	18 341	—	18 431	—	500	1 050	701 755
21	5 261	13 411	438	250	—	19 360	9 545	350	9 895	—	—	1 050	710 170
22	5 521	4 760	—	5 032	—	15 313	375	—	375	—	—	1 050	724 058
23	5 290	9 577	—	—	1 000	15 867	7 928	—	7 928	—	—	1 050	730 947
24	—	—	—	—	—	—	13 400	—	13 400	—	500	1 050	715 997
25	—	—	—	—	—	—	1 635	120	1 755	—	—	1 050	713 192
27	—	—	—	—	—	—	26 605	—	26 605	—	—	1 050	865 537
28	4 838	2 659	—	—	—	14 497	2 296	—	2 296	—	—	1 050	696 688
29	—	—	—	—	—	—	12 884	—	12 884	—	—	1 050	682 754
30	—	—	—	—	—	—	35 731	—	35 731	—	—	1 050	645 973
Total ..	**98 138**	**209 625**	**9 287**	**38 278**	**2 303**	**357 631**	**379 293**	**470**	**379 763**	**1 319**	**2 700**	**27 300**	—

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS

DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Divisão de Economia Rural
Departamento da Produção Vegetal
Secretaria da Agricultura
Estado de São Paulo

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE OUTUBRO DE 1950
Dados coletados pela Secção de Mercados e Preços

POR REGIÕES AGRICOLAS	ARROZ		FEIJÃO	MILHO	CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em Casca Scs. 60 Kgs.	Beneficiado Scs. 60 Kgs.	Sacas 60 Kgs.	Sacas 60 Kgs.	Em coco Scs. 60 Kgs.	Beneficiado Scs. 60 Kgs.	Por Arroba	Em sacas Scs. 25 Kgs.	Por Quilo	Sacas. 60 Kgs.
Araçatuba	125,40	200,00	146,50	58,30	347,30	1.141,80	77,50	89,60	2,63	210,00
Araraquara	123,90	225,40	157,10	65,40	327,90	1.206,40	89,50	99,20	3,30	245,00
Avaré	128,10	199,80	113,20	46,40	335,10	1.075,40	76,80	--	2,45	204,70
Baurú	131,60	218,30	141,90	66,80	335,60	1.135,50	90,30	85,70	2,86	223,20
Bebedouro	123,70	210,30	153,50	54,00	322,00	1.159,40	80,30	104,30	3.09	223,20
Campinas	132,10	215,70	145,10	64,90	355,50	1.129,80	95.00	--	—	225,60
Itapetininga	109,10	207,00	122,30	51,40	320,00	1.079,50	82,50	80,00	—	213,90
Jaú	142,60	235,70	135,00	58,20	332,50	1.165,50	—	115,00	3,20	260,00
Marilia	134,60	201,00	128,60	60,00	334,30	1.110,40	74,20	100,60	2,81	237,00
Piracicaba	131,90	220,60	137,50	58,40	311,10	1.091,00	89,40	100,00	—	212,30
Pirassununga	132,30	211,10	138,40	62,00	335,40	1.086,90	—	70,00	—	225,00
Presidente Prudente ...	114,90	205,10	121,30	49,60	356,60	1.151,80	80.00	89,40	2,79	175,20
Ribeirão Preto	129,70	217,50	136,50	57,00	345,30	1.156,50	80,90	120,00	3,30	180,00
S. José do Rio Preto ..	115,40	191,00	150,20	69,40	330,70	1.161,80	82,60	91,60	2,75	195,00
São Paulo	126,20	215,20	148,10	62,20	349,60	1.089,10	—	90,00	—	239,40
Taubaté	121,60	213,80	150,00	71,40	302,50	1.006,40	—	—	—	250,00
Preço médio ponderado do Estado, Mês de Outubro de 1950	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,80	2,86	214,50
Idem de Set.º de 1950 .	125,80	209,50	135,00	56,10	353,20	1.165,60	79,90	90,70	2,90	199,40
Idem de Agôsto de 1950	117,10	197,10	130,30	53,50	334,20	1.096,50	82,50	88,90	2,16	196,60
Idem de Julho de 1950	104,90	179,10	127,90	49,90	316,50	1.043,30	79,60	72,10	2,02	190,70
Idem de Junho de 1950	108,60	182,50	130,60	50,70	278,00	932,50	73,20	54,90	1,96	208,50
Idem de Maio de 1950	107,70	184,80	148,10	55,00	275,60	913,00	60,70	49,80	1,94	180,20
Idem de Abril de 1950	109,80	193,00	124,60	62,10	282,50	932,60	54,00	48,50	1,73	131,50
Idem de Março de 1950	105,10	191,70	113,50	68,90	276,90	927,40	58,30	52,00	1,56	109,90
Idem de Feve. de 1950	121,40	224,60	108,20	78,50	280,40	954,20	—	56,40	1,36	110,30
Idem de Janeiro de 1950	174,30	287,80	88,20	87,80	288,70	964,00	—	54,30	1,39	120,80
Idem de Dez. de 1949	196,00	305,40	84,80	89,80	284,20	943,10	—	59,20	1,28	173,80
Idem de Nov. de 1949	199,40	311,00	85,30	86,20	273,80	921,80	—	58,60	1,23	161,90
Idem de Out. de 1949	195,40	302,70	79,20	79,00	193,30	640,10	—	56,40	1,18	129,70

Nota: No corrente mês as ponderações usadas para o cálculo do preço médio foram recalculadas à base das estimulativas de produção da presente safra.
(*) Dados de outubro sujeitos a revisão posterior, (8/11/50 — df/.—

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1950

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1950		
Julho	305.768	241.002
Agôsto	319.416	317.302
Setembro	548.332	581.595
1.º trimestre:	**1.173.516**	**1.139.899**
Outubro	671.252	519.989

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1950

VIAS	PROCEDÊNCIAS				
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	TOTAL
E. F. C. do Brasil	103.568	89.585	—	—	193.153
E. F. Leopoldina	—	75.214	11.676	20.081	106.971
Regulador	—	—	—	38.805	38.805
Cabotagem	—	5.700	—	10.650	16.350
Rodoviário	—	234.600	26.879	65.335	326.814
Totais:	103.568	405.099	38.555	134.871	682.093
				10.841	10.841*
				124.030	671.252

*) Café do Disponivel incluido indevidamente pelo DEC - - 10.841 sacas.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1950

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1950		
Julho	305.768	341.002
Agôsto	319.416	317.302
Setembro	548.332	581.595
1.º trimestre	**1.173.516**	**1.139.899**
Outubro	671.252	519.989
Novembro	357.631	379.854*

*) Incluidas 91 sacas — consumo de bordo.

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1950

VIAS	PROCEDÊNCIAS					
	S. Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Total
E. F. C. do Brasil	98.138	73.135	438	—	2.303	174.014
E. F. Leopoldina	—	36.329	6.323	11.498	—	54.150
Regulador	—	—	—	11.823	—	11.823
Cabotagem	—	—	—	2.500	—	2.500
Rodoviário	—	100.161	2 526	12.457	—	115.144
Totais	**98.138**	**209.625**	**9.287**	**38.278**	**2.303**	**357.631**

ESTATÍSTICA SUECA DE CAFÉ

SACAS DE 60 QUILOS

		1950	1949	1948	1947	1946
ESTOQUE:	Jan. 1.º	93.367	113.883	165.650	250.466	174.625
	Fev. "	70.667	99.716	158.466	318.000	164.576
	Mar. "	72.450	91.100	162.867	302.083	244.117
	Abr. "	100.333	114.050	172.133	228.266	247.028
	Maio "	87.816	119.117	241.100	193.867	242.171
	Jun. "	80.316	102.600	272.183	199.213	213.596
	Jul. "	70.184	148.251	271.000	203.400	184.536
	Ag. "	87.617	118.184	244.483	228.567	267.980
	Set. "	79.117	125.683	210.567	206.050	237.139
	Out. "	108.850	98.017	156.817	181.600	281.715
	Nov. "	—	105.022	132.350	164.800	288.392
	Dez. "	—	100.450	121.533	166.667	240.030
CHEGADA:	Jan.	32.467	30.216	43.616	133.651	113.829
	Fev.	23.183	34.617	63.268	49.750	72.254
	Mar.	60.466	74.717	49.616	——	74.468
	Abr.	23.183	49.683	119.667	24.467	58.946
	Mai.	28.933	31.366	73.616	69.913	46.047
	Jun.	43.284	98.851	47.400	65.287	41.194
	Jul. "	75.916	18.400	19.133	81.600	146.245
	Ag. "	46.317	58.266	13.267	35.266	43.023
	Set. "	98.466	22.967	——	40.267	109.200
	Nov. "	—	41.266	19.483	66.217	70.245
	Dez. "	—	46.400	39.083	65.233	21.519
	Out. "	—	51.750	38.383	65.416	95.330
	Total do ano	**423.715**	**555.499**	**522.532**	**697.067**	**895.300**
ENTREGAS:	Jan.	55.167	44.383	53.800	66.117	61.500
	Fev.	21.400	43.233	58.867	65.667	58.091
	Mar.	32.583	51.767	40.350	73.417	71.557
	Abr.	35.700	44.616	47.700	59.266	63.803
	Mai.	36.433	47.883	42.533	64.567	74.622
	Jun.	53.416	50.200	48.853	61.100	70.254
	Jul. "	58.483	48.467	45.650	56.433	62.801
	Ag. "	54.217	50.767	47.183	57.783	73.864
	Set. "	69.833	50.633	53.750	64.717	64.624
	Out. "	—	34.250	43.950	83.017	63.568
	Nov. "	—	50.983	48.900	63.366	69.881
	Dez. "	—	58.833	46.003	63.433	84.894
	Total do ano	**417.232**	**576.015**	**577.299**	**778.883**	**819.459**

A. B. M. A. SEYMER & CO.

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

NOVEMBRO 1950

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 mole	4 duro	5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
3	190 00	184 50	178 00	164 00	154 60
6	190 00	184 50	176 50	160 00	150 00
7	190 00	184 50	176 50	160 00	149 10
8	190 50	185 50	177 00	160 00	151 20
9	191 00	185 50	176 50	160 00	151 60
10	191 50	186 60	178.00	161 00	149 50
13	191 50	186 50	178.00	163 00	151 80
14	191 50	186 50	178 00	164 20	152 70
16	192 50	187 50	179 50	167 00	154 30
17	193 50	189 00	180 00	167 00	155 50
20	194 50	189 50	181 00	168 00	154 80
21	195 50	190 50	182 00	168 00	154 80
22	195 00	190 00	181 00	167 00	154 40
23	194 50	189 50	180 50	167 00	152 60
24	195 50	190 50	182 50	165 00	152 60
27	195 00	191 00	182 50	164 00.	152 30
28	195 50	191 50	183 00	164 00	152 30
29	195 50	192 00	183 50	166 00	153 10
30	195 50	192 00	183 00	166 00	152 60
MÉDIA	**193 06**	**183 53**	**180 34**	**164 31**	**152 62**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

Em cents por libra de 453, 60 grs.

NOVEMBRO DE 1950

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	50 50	49 50	52 50	51 00	Nominal	—
2	50 50	49 50	52 50	51 00	"	—
3	50 50	49 50	52 50	51 00	"	—
6	50 75	50 00	52 75	51 25	"	—
8	51 00	50 00	53 00	51 50	"	—
9	50 75	49 75	52 75	51 25	"	
10	50 75	49 75	52 75	51 25	"	
13	51 00	50 00	53 00	51 00	"	—
14	51 00	50 00	53 25	51 75	"	—
15	51 50	50 25	53 75	52 50	"	—
16	51 50	50 25	53 75	52 50	"	—
17	51 50	50 25	53 75	52 50	"	—
20	51 50	50 25	53 75	52 50	"	—
21	51 50	50 25	53 75	52 50	"	—
22	52 00	50 75	53 75	52 50	"	—
24	52 00	50 75	53 75	52 50	"	—
27	52 00	50 75	54 25	53 00	"	
28	53 00	52 00	54 75	53 50	"	
29	53 25	52 50	55 00	53 75	"	
30	53 00	51 25	55 00	53 75	"	—
Média	**51 47**	**50 36**	**53 51**	**52 12**	—	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

NOVEMBRO DE 1950

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	4	10	18	25	Média
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 52 3/4	(2) 52 3/4	(2) 52 3/4	(2) 53 3/4	53 00
Armenia	(2) 53 00	(2) 53 00	(2) 53 00	(2) 53 3/4	53 3/16
Manizales	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 53 1/2	52 3/4
Cucuta	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 53 1/4	52 1/2
Bogota	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 53 1/4	52 1/2
Tolima	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 53 1/4	52 1/2
Ocana	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 53 1/4	52 1/2
EQUADOR:					
Lavado	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 00	52 3/8
Extra não lavado ...	(2) 45 00	(2) 45 00	(2) 45 00	(2) 44 00	44 3/4
GUATEMALA					
Extra prime	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 00	n/cot.	53 00
Lavado bom	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(5) 52 30	52 5/64
Bourbon	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(5) 51 80	51 13/64
HAITÍ:					
Lavado bom mole ..	(6) 50 00	(6) 50 00	(6) 50 00	(6) 49 1/2	49 7/8
Catado à mão	(6) 49 1/2	(6) 49 1/2	(6) 49 1/2	(6) 47 1/2	49 00
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 52 00	52 3/4
Tipo 5 Comum duro	(3) 45 00	(3) 45 00	(3) 45 00	(3) 44 00	44 3/4

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

NOVEMBRO DE 1950

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	4	10	18	25	Média
MÉXICO:					
Coatepec	(3) 51 00	(3) 51 00	(3) 51 00	(2) 52 1/2	51 3/8
Tapachula primeira .	n/cot.	n/cot.	n/cot.	(2) 52 1/2	52 1/2
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	n/cot.	51 1/2
Lavado primeira ...	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 51 00	"	51 00
SALVADOR:					
Lavado primeira	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6)51 1/2	53 3/8
S. DOMINGOS.					
Lavado bom mole ...	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	(6) 50 1/2	51 48
VENEZUELA:					
Maracaibo	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	52 1/2
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(2) 53 00	(2) 53 00	(2) 53 00	(2) 53 00	53 00
Natural robusta	(2) 40 00	(2) 40 1/2	(2) 40 1/2	(2) 40 1/2	40 3/8
MOOCA:					
Mooca (Arábia)	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 54 1/2	54 7/8
N.E.I.:					
Genuino lavado	(3) 62 00	(3) 62 00	(3) 62 00	(3) 62 00	62 00
UGANDA:					
Lavado	(2) 41 1/2	(2) 41 1/2	(2) 41 1/2	(2) 41 00	41 3/8

INDICAÇÕES:

(1) C.&F. - U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado á vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "U"

NOVEMBRO DE 1950

DIAS	Dezembro		Março		Maio		Julho		Setembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	n/cot.	48 05	n/cot.	45 60	n/cot.	44 35	n/cot.	43 30	n/cot.	42 30
2	"	48 75	"	46 40	"	45 20	"	44 00	"	43 00
3	"	48 00	"	46 10	"	44 63	"	43 50	"	42 49
6	"	49 00	"	47 15	"	46 00	"	44 85	"	43 80
8	"	49 00	"	47 50	"	46 50	"	45 45	"	44 45
9	"	48 25	"	47 10	"	46 05	"	45 00	"	44 00
10	"	49 00	"	48 00	"	47 00	"	45 00	"	45 00
13	"	49 00	"	48 90	"	47 70	"	46 80	"	46 80
14	"	49 80	"	49 20	"	48 20	"	47 40	"	46 40
15	"	50 25	"	49 95	"	48 90	"	48 00	"	47 00
16	"	50 25	"	49 20	"	48 05	"	47 25	"	46 30
17	"	50 30	"	49 30	"	48 20	"	47 35	"	46 34
20	"	50 55	"	49 95	"	48 85	"	47 85	"	46 85
21	"	50 80	"	50 15	"	49 20	"	48 30	"	47 20
22	"	50 35	"	49 75	"	48 60	"	47 60	"	46 60
24	51 50	50 80	"	50 00	"	49 00	"	47 80	"	46 80
27	n/cot.	51 35	"	50 10	"	48 80	"	47 80	"	46 80
28	"	52 30	"	50 95	"	49 60	"	47 70	"	47 70
29	"	52 00	"	50 95	"	49 55	48 75	48 60	"	47 60
30	"	51 80	"	50 50	"	49 15	n/cot.	48 15	"	47 15
Média	**51 50**	**49 98**	—	**48 84**	—	**47 68**	**48 75**	**46 58**	—	**45 73**

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

NOVEMBRO DE 1950

DIAS	Dezembro		Março		Maio		Julho		Setembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	49.00	49.01	46.50	46.60	45.55	45.40	44.33	44.35	43.40	43.35
2	48.50	49.91	46.20	47.50	45.25	46 24	44.15	45.10	43.15	44.10
3	49.88	49.17	47.35	46.79	45.95	45.53	44.85	44.47	43.85	43.45
6	49.00	50.35	46.50	48.05	45.20	46.83	44.20	45.80	43.18	44.80
8	51.10	50.60	48.90	48.49	47.90	47.30	46.75	46.30	45.75	45.40
9	50.40	50 00	47.94	48.15	47.03	47.10	46.05	46.00	45.05	44.99
10	50.10	51.15	48.40	49.40	47.20	48.25	46.28	47.35	45.25	46.35
13	50.88	51.30	48.70	49.89	47.85	48.75	46.80	47.80	45.70	46.95
14	51.10	51.60	49.80	50.25	48.70	49.25	47.75	48.41	46.90	47.46
15	51.75	52.30	50.35	50.90	49.30	49.83	48.25	49.07	47.45	48.09
16	52.40	51.30	51.36	50.22	50.30	49.05	49.55	48.31	48.50	47.30
17	51.35	51.35	50.26	50.26	49.10	49.10	48.39	48.39	47.36	47.36
20	51.55	51.78	50.89	50.94	49.50	49.83	48.65	48.94	47.74	47.94
21	51.95	51.80	51.10	51.20	49.95	50.09	49 10	49 20	48.30	48.20
22	51.45	51.25	50.95	50 65	49.60	49.50	48.80	48.60	47.77	47.65
24	51.50	51.60	51.00	50.70	49.85	49.36	48.97	48.50	48.05	47.50
27	51.90	52.37	51.20	51.11	49.80	49.80	48.85	48.80	47.75	47.85
28	53.00	53.25	51.90	51.95	50.60	50.58	49.62	49.69	48.68	48.60
29	53.00	52.97	52.25	51.85	50.90	50.43	49.95	49.52	49.05	48.52
30	52.85	52.85	51.65	51.85	50.23	50.13	49.30	49.12	48.30	48.15
Média	**51.13**	**51.29**	**49.66**	**49.83**	**48.18**	**48.52**	**47.53**	**47.69**	**46.56**	**46.70**

COTAÇÕES DE CAFÉ À TÊRMO EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "D"

NOVEMBRO DE 1950

DIAS	DEZEMBRO	
	A	F
1	n/cot.	47 75
2	"	48 40
3	"	47 80
6	"	48 90
8	"	49 50
9	"	48 75
10	"	49 25
13	"	49 25
14	"	59 60
15	"	50 25
16	"	50 00
17	"	50 00
20	"	50 60
21	"	50 80
22	"	50 35
24	"	50 80
27	"	51 35
28	"	52 30
29	"	52 00
30	"	51 80
Média	—	44 97

CÂMBIO EM SÃO PAULO

NOVEMBRO DE 1950

Média diária de Câmbio Livre, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Espanha	Portugal	Bélgica	Noruega	França
3 ...	52,4160	18,72	—	7,2139	-	4,3291	3,6209	2,7353	1,3770	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
4 ...	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
6 ...	—	18,72	—	—	-	—	—	2,7353	-	1,7096	—	0,3778	-	0,0535
7 ...	52,4160	18,72	17,00	—	-	4,3320	—	2,7353	- -	—	0,6572	0,3778	-	0,0535
8 ...	52,4160	18,72	18,20	—	-	4,3310	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
9 ...	52,4160	18,72	—	—	4,9103	4,3310	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
10 ...	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
11 ...	52,4160	18,72	—	—	4,9103	4,3310	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
13 ...	52,4160	18,72	—	—	4,9103	4,3310	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572	0,3778	2,597	0,0535
14 ...	52,4160	18,72	—	—	4,9103	4,3310	3,6209	2,7353	1,3785	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
16 ...	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	—	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
17 ...	52,4160	18,72	—	—		4,3286	—	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
18 ...	52,4160	18,72	18,20	—		4,3265	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572		-	0,0535
20 ...	52,4160	18,72	- -	—		4,3291	—	2,7353		—	—	0,3778	—	0,0535
21 ...	52,4160	18,72	—		4,9121	4,2992	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
22 ...	52,4160	18,72	—	- -		4,3291	3,6209	2,7353	- -		0,6572	0,3778	-	0,0535
23 ...	52,4160	18,72	—	—	-	4,3301	3,6209	2,7353	-		—	0,3778	—	0,0535
24 ...	52,4160	18,72	—	—	4,9103	4,3310	3,6209	2,7353	- -	-	0,6572	0,3778		0,0535
25 ...	52,4160	18,72	-	-	4,9121	4,3298		2,7353	1,3352		0,6572	0,3778	-	0,0535
27 ...	52,4160	18,72	- -	- -	—	4,3291	—	2,7353	-		—	—	—	0,0535
28 ...	52,4160	18,72				4,3301	3,6209	2,7353	- -	1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
29 ...	52,4160	18,72				4,3292	3,6209	2,7353		1,7096	0,6572	0,3778	-	0,0535
30 ...	52,4160	18,72	—	—	4,9121	4,3295	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
Md. ..	**52,4160**	**18,72**	**17,80**	**7,2139**	**4,9109**	**4,3286**	**3,6209**	**2,7353**	**1,3635**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**2,597**	**0,0535**

CÂMBIO

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante Novembro

MOEDAS	VENDAS	COMPRAS
Libras	3.224.382	2.198.950
Dólares	27.587.390	26.571.759
Francos Franceses	974.757.189	639.574.721
Escudos	782.992	244.981
Pesetas	2.492.617	754.102
Francos Suiços	3.999.947	1.254.680
Francos Belgas	2.562.200	5.400.600
Pesos Argentinos	343	—
Pesos Uruguaios	17.602	1.604
Dólares Canadenses	1.336	—
Corôa Sueca	1.948.522	899.926
Corôa Dinamarqueza	3.873.151	1.671.296
Florins Holandeses	25.628	25.632
Liras Italianas	22.820	17.601
US$ Ital.	986.888	856.305
US$ Japon.	319.693	863.634
US$ Alem.	595.681	2.452.128
US$ Port.	135.109	66.613
US$ Tchec.	370.001	761.143
US$ Aust.	54.908	25.083
US$ Chile	255.710	71.623
US$ Yugosl.	103.888	307.600
US$ Argent.	44	—
US$ Uruguai	—	421

CÂMBIO

Resumo dos negócios realizados no mês de NOVEMBRO de 1950

MOEDAS	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinamarquesas	1.436.777	3.930.016,00
Corôas Suecas	935.501	3.387.357,00
Corôas Tchecas	18.206	7.009,00
Dólares	31.042.307	581.111.992,00
Escudos	352.791	231.854,00
Florins	22.561	110.791,00
Francos Belgas	9.828.401	3.713.170,00
Francos Franceses	1.337.135.794	71.536.765,00
Francos Suiços	4.053.038	17.543.981,00
Libras	2.505.441	131.325.240,00
Pesetas	1.149.928	1.965.917,00
Pesos Uruguaios	18.839	135.908,00
Total		**815.000.000,00**

Total em libras e dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada este mês por esta Bolsa

£ .... 15.548.687 = 52,4160
U$S .. 43.536.324 = 18,72—

Total computado em Novembro de 1949	977.000.000,00
Total computado em Outubro de 1950	1.174.000.000,00
Total computado em Novembro de 1950	815.000.000,00

Secretario da Bolsa, em 30 de Novembro de 1950

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

NOVEMBRO DE 1950

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
3	51,46 40	18,38 00	4,21 64	0,63 34	1,34 85	6,96 21	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 34	1,35 05	7,12 40	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 34	1,35 05	7,12 40	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 05	7,26 48	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,34 95	7,29 37	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 05	7,29 37	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 05	7,20 78	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 07	7,09 65	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 07	7,09 65	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 05	7,09 65	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,20 82	0,63 34	1,35 05	7,09 65	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,30 82	7,01 53	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,28 08	7,04 21	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,28 08	7,04 21	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,27 46	7,15 18	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,27 37	7,23 62	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,28 53	7,12 40	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,28 35	7,17 97	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,28 35	7,17 97	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,26 53	7,17 97	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,23 77	7,29 87	3,55 51
30	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 34	1,24 53	7,41 13	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,21 26**	**0,63 34**	**1,31 23**	**7,15 98**	**3,55 51**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

NOVEMBRO DE 1950

DIA	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
3	52,41 60	18,72 00	4,32 91	0,65 72	1,37 65	7,21 39	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,38 46	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,38 46	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,53 32	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 75	7,56 36	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,56 36	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,47 31	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 88	7,35 56	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 88	7,35 56	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,35 56	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,37 85	7,35 56	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,33 52	7,26 99	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,30 73	7,29 82	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,30 73	7,29 82	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,30 09	7,41 39	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,30 00	7,50 30	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,31 18	7,38 46	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,31 00	7,44 33	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,31 00	7,44 33	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,29 19	7,44 33	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,26 32	7,47 31	3,62 09
30	52,41 60	18,72 00	4,32 72	0,65 72	1,27 09	7,68 79	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,32 90**	**0,65 72**	**1,33 04**	**7,41 67**	**3,62 09**

Índice

COLABORAÇÃO: Pág.

A África e o Café — J. Testa 957

Observações em torno do combate à geada nos Estados Unidos da América do Norte e sua adaptação aos nosso cafèzais — Fabio Pazzanese 961

Colheita de Café Mecanizada 977

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Breves noções sôbre adubação química — De que depende a fertilidade da terra 980

Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura — Secção de Assistência Fitossanitária — Notícias sôbre duas pragas do Café (A "Broca" do Café "Bicho Mineiro" nas fôlhas do cafeeiros) 992

O café visto nos Estados Unidos (Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York — cartas nºs 697 a 699) 994

ESTATÍSTICAS:

Comércio Exterior do Brasil — Janeiro a Agôsto de 1950 1015

Exportação Brasileira de Café — Portos de procedência — Janeiro a Novembro de 1950 1025

Exportação Brasileira de Café — Detalhes pelos portos de procedência - Agôsto de 1950 1026

Exportação Brasileira de Café — Detalhes pelos países de destino - Agôsto de 1950 1031

Café disponível nos portos de exportação do Brasil — (jan. a nov. 1950) .. 1034

Suplemento Estatístico - Dezembro de 1950 - Boletim n.º 299 1035

Movimento de café na praça de Santos - diário - Novembro de 1950 ... Apenso

Movimento de café na praça de Santos — safra 1950/51 (julho a novembro de 1950) ..... Apenso

Movimento de café no Rio de Janeiro - diário - Novembro de 1950 ... Apenso

Levantamento Econômico — outubro de 1950 ..... Apenso

Embarques de café por países pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante mês de outubro de 1950 1038

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, durante o mês de outubro de 1950 1039

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de outubro de 1950 1039

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro durante o mês de novembro de 1950 1040
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de novembro de 1950 1040
Estatística Sueca de Café — janeiro a setembro de 1950 1041
Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — novembro de 1950 1042
Cotações de cafés Brasileiros no disponível de Nova York — Nov. 1950 1043
Cotação do disponível em Nova York — cofés estrangeiros — nov. 1950. ... 1044
Cotações de café a têrmo em Nova York — Cnt. "U" — novembro 1950 1046
Cotações de café a têrmo em Nova York — Cont. "S" — novembro 1950 1047
Cotações de café a têrmo em Nova York — Cont. "D" — novembro 1950 1048
Câmbio em S. Paulo — média diária — Novembro de 1950 1049
Câmbio em S. Paulo — resumo das operações de câmbio efetuadas pelos Bancos desta praça — Novembro de 1950 1050
Câmbio em S. Paulo — resumo dos negócios realizados no mês de novembro de 1950 1050
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — mercado livre — compras à vista — novembro de 1950 1051
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — mercado livre — vendas à vista — novembro de 1950 1052
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — novembro de 1950 ..... Apenso
Balancete financeiro em 31 de outubro de 1950 do Instituto do Café do Estado de S. Paulo ..... Apenso

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

NOVEMBRO DE 1950

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires Peso	Montevidéo Peso	Paris Franco livre	Berna Franco Livre	Stockolmo Corôa	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdan Guilder
1	2,80 3/8	0,95 7/16	0,05 45	0,07 50	0,39 00	0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 26
2	2,80 1/8	0,95 9/16	0,05 45	0,07 50	0,39 25	0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 26
3	2,80 3/16	0,95 13/16	0,05 45	0,07 50	0,39 50	0,0028 5/8	0,22 96	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 26
6	2,80 3/16	0,96 1/8	0,05 45	0,07 50	0,39 50	0,0028 5/8	0,22 96	0,19 35	0,03 49 1/4	0,0199 1/4	0,26 26
8	2,80 3/16	0,96 13/16	0,05 45	0,07 50	0,40 00	0,0028 5/8	0,22 96	0,19 35	0,03 49	0,0199 1/8	0,26 26
9	2,80 3/16	0,96 9/16	0,05 45	0,07 48	0,40 25	0,0028 5/8	0,22 96	0,19 35	0,03 49	0,0199 00	0,26 26
10	2,80 1/8	0,96 1/4	0,05 45	0,07 50	0,40 50	0,0028 5/8	0,22 96	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0198 3/4	0,26 26
13	2,80 1/8	0,95 3/4	0,05 45	0,07 50	0,39 50	0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 49	0,0198 3/4	0,26 26
14	2,80 3/16	0,95 3/16	0,05 45	0,07 50	0,39 00	0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 49	0,0198 3/4	0,26 26
15	2,80 1/8	0,96 9/16	0,05 45	0,07 50	0,39 25	0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 26
16	2,80 3/16	0,96 3/8	0,05 45	0,07 50	0,38 75	0,0028 5/8	0,22 93 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 26
17	2,80 1/8	0,96 3/8	0,05 45	0,07 50	0,39 00	0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 48	0,0198 3/4	0,26 26
20	2,80 3/16	0,96 1/8	0,05 45	0,07 45	0,39 00	0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 48	0,0198 3/4	0,26 26
21	2,80 1/8	0,96 3/16	0,05 45	0,07 40	0,39 40	0,0028 5/8	0,22 93 1/2	0,19 35	0,03 48	0,0198 3/4	0,26 26
22	2,80 1/8	0,96 1/16	0,05 45	0,07 00	0,40 00	0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 48 1/4	0,0198 1/2	0,26 26
24	2,80 1/8	0,96 3/16	0,05 45	0,07 00	0,40 00	0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0199 1/8	0,26 26
27	2,80 1/8	0,96 1/8	0,05 45	0,07 50	0,40 00	0,0028 5/8	0,22 95	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0199 1/8	0,26 26
28	2,80 1/8	0,96 00	0,05 45	0,07 25	0,40 50	0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0200 00	0,26 26
29	2,80 3/16	0,95 13/16	0,05 45	0,06 85	0,40 50	0,0028 5/8	0,22 95 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0200 1/4	0,26 26
30	2,80 3/16	0,95 7/16	0,05 45	0,06 80	0,41 25	0,0028 5/8	0,22 98 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0200 3/8	0,26 26
Média	**2,80 5/32**	**0,96 1/32**	**0,05 45**	**0,07 36**	**0,39 70**	**0,0028 5/8**	**0,22 95 1/2**	**0,19 35**	**0,03 48 51/64**	**0,0199 3/32**	**0,26 26**

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 31 DE OUTUBRO DE 1950 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA			DESPESA		
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			DESPESAS ORÇAMENTÁRIA		
Ordinária:			Serviço da Dívida Externa	15.464.816,30	
Tributária	12.870.451,90		Encargos Diversos	5.948.456,60	
Patrimonial	11.717.676,10	24.588.128,00	Administração	2.313.377,60	23.726.650,50
Extraordinária:			CRÉDITOS ESPECIAIS		
Diversos		1.526.682,30 26.114.810,30	Administração		29.785.635,70 53.512.286,20
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Depósitos		78.198,00	Restos a Pagar — 1946 ..		245.192,20
Diversos		44.823.291,90 44.901.489,90	Restos a Pagar — 1947 ..		60.597,80
		71.016.300,20	Restos a Pagar — 1948 ..		76.625,00
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			Restos a Pagar — 1949 ..		5.667.564,00
Em Caixa		266.538,00	Depósitos		89.902,90
Em Bancos		22.461.155,00 22.727.693,00	Diversos		14.141.800,10 20.281.682,00
		93.743.993,20			73.793.968,20
			SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
			Em Caixa		153.879,90
			Em Bancos		19.796.145,10 19.950.025,00
					93.743.993,20

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 31 de outubro de 1950.

WALDEMAR DE CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade,
Substituto — G. Livros — C.R.C. n. 5152

VISTO
PEDRO SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Benjamin Constant, 23, 5.º andar, sala 60
Fones, 2-8357 e 6-3470
R. PASTORE

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1 página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1 "	Cr.$1.500,00
" " "	½ "	Cr.$ 800,00
" " "	¼ "	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho
O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo
O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior
Adubação verde para cafèzais — J. Teixeira Mendes
Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo
Culturas Acessórias na Fazenda de Café:
I — Feijão soja, fácil fontes de proteína — N. A. Neme
II — O Milho — G. P. Viégas
III — Arroz Alimento Básico Tropical — H. S. Miranda
IV — Feijão — N. A. Neme
Cultura subsidiárias na fazenda de café:
I — A Cultura da mamoneira — Pedro Teixeira Mendes
II — A Mandioca — Edgard S. Normanha
A Broca do Café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) — J. Bergamin
Expurgo de sementes de café infestadas pela broca do café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) com Bisulfureto de Carbono — J. Bergamin
Despolpamento — J. Aloisi Sobrinho
Melhoramento do Cafeeiro — C. A. Krug
A Saúde do Trabalhador Rural — Adalberto de Queiroz Teles Junior.
Distribuição Geográfica e classificação Botânica do Gênero Coffea com referência especial à espécie Arábica — Alcides Carvalho
Conservação do Solo em Cafèzal — J. Quintiliano A. Marques
Reerguimento da Lavoura Cafeeira de São Paulo — Pelo sombreamento — Rogério de Camargo
Restauração de Culturas Permanentes — William W. Coelho de Souza

Tip. AURORA Ltda — São Paulo

MECANIZE
SUA LAVOURA
e colha
maiores lucros

Standard

trator

JOHN DEERE

modêlo **M**

Equipado com uma grade integral "OFFSET" modêlo M-404 com 12 discos de 20" em duas secções de 6 discos cada, próprio para o cultivo de cafezais.

LION S.A.

ENGENHEIROS E IMPORTADORES

SÃO PAULO: RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 475 - TELEFONE 4-7164
C. POSTAL, 44 - FILIAL EM CURITIBA: RUA COMENDADOR ARAUJO, 299